

# EDUCAÇÃO RURAL INTEGRADA

A experiência de pesquisa e  
planejamento participativo no Ceará



Este trabalho registra o desenvolvimento de uma experiência de educação resultante do Convênio de Cooperação Técnica firmado entre a Secretaria de Educação do Estado do Ceará e o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura — IICA e é parte de um esforço no sentido de encontrar uma alternativa metodológica que viabilize a participação efetiva das comunidades no processo de tomada de decisões.

O diagnóstico de educação nas zonas rurais do Ceará, realizado no período de 1977/1978, mostrou a existência de problemas sociais, econômicos, políticos e culturais que condicionam a vida do homem rural. Alguns dos principais problemas apresentados fazem referência a um grande déficit de acesso à educação; à carência de estabelecimentos educativos adequados e em quantidade suficiente para atender a população que aspirava ser educada; à precária situação dos docentes que operam na rede de educação rural quanto ao





# Educação Rural Integrada

A experiência de pesquisa e planejamento participativo no Ceará

This One



FY90-SR4-BETC

Digitized by Google

Coordenador: Jorge Wertheim  
Guy de Almeida  
Juan Diaz Bordenave  
Roberto Átila Amaral Vieira  
Argemiro Ferreira  
Vanilda Paiva

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C38e      Ceará. Secretaria de Educação.  
Educação rural integrada : a experiência de  
pesquisa e planejamento participativo no Ceará /  
Secretaria de Educação do Estado, Instituto  
Interamericano de Cooperação para a Agricultura  
- IICA. — Rio de Janeiro : Paz e Terra :  
Brasília : IICA, 1983.  
(Coleção Educação e comunicação ; v.m.10)

Apêndice.

1. Educação rural - Ceará 2. Educação de a-  
dultos - Ceará 3. Pesquisa educacional - Ceará  
4. Planejamento educacional - Ceará I. Insti-  
tuto Interamericano de Cooperação para a Agricul  
tura II. Título III. Título : Pesquisa e plane-  
jamento participativo no Ceará IV. Série

CDD - 370.780720813

371.207

374.9813

CDU - 37.014.542(813.1)

37(079.5)(813.1),

374.7(813.1)

83-0141

EDITORA PAZ E TERRA S.A.

Antonio Candido

Celso Furtado

Fernando Gasparian

Fernando Henrique Cardoso

Secretaria de Educação do Estado do Ceará  
Instituto Interamericano de Cooperação para Agricultura — IICA

## Educação Rural Integrada

A experiência de pesquisa e planejamento participativo no Ceará



IICA — PAZ E TERRA

*Copyright by IICA*

**Revisão: Maria Aparecida Faria Marcondes Bussoloti e  
Renato Nicolai**

**Direitos adquiridos pela  
EDITORA PAZ E TERRA S.A.  
Rua São José, 90 — 18º andar  
Centro — Rio de Janeiro, RJ  
Tel.: 221-3996  
Rua Carijós, 128  
Lapa — São Paulo, SP  
Tel.: 263-9539**

**1983**

---

**Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil***

**VIRGÍLIO TAVORA**  
Governador do Estado do Ceará

**DANÍSIO DALTON DA ROCHA CORRÊIA**  
Secretário de Educação

**JOSÉ IRINEU CABRAL**  
Diretor do IICA no Brasil

**JORGE WERTHEIN**  
Coordenador da Área de Educação do IICA no Brasil



## CONVENIO IICA/SE-CE

### *Coordenadores do Convênio:*

- Maria Liduina Corrêia Leite  
Coordenadora da A.P.C.
- José Marcelo Farias Lima  
Coordenador do PRORURAL
- Jorge Wertheim  
Coordenador da Área de Educação — IICA

### *Equipe Técnica:*

- Beatriz Feitosa de Carvalho  
Departamento de Apoio Técnico
- Maria José Barbosa da Costa  
Primeira Delegacia Regional de Educação
- Maria Luzia Alves Jesuino  
Programa de Educação Rural
- Maria Marilene de Pinheiro Jucá  
Primeira Delegacia Regional de Educação
- Manuel Alberto Argumedo  
Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura

### *Colaboradores:*

- Técnicas do Órgão Municipal de Educação de CANINDÉ:  
Elga Martins Rodrigues  
Maria de Jesus Magalhães Braga  
Maria Dulce Dias Gomes
- Técnicas do Órgão Municipal de Educação de CARIDADE:  
Mariaci Ferreira Braga  
Maria Simone Martins Bittencourt



A equipe técnica agradece a todas aquelas pessoas que brindaram com sua colaboração ao longo do processo de programação e execução desta Experiência de Educação Rural Integrada.

Merece especial destaque a participação das seguintes pessoas:

- Rolando Pinto Contreras, técnico do IICA, que integrou inclusive a equipe durante as primeiras etapas do trabalho;
- Maria Nobre Damasceno, professora da UFC, que colaborou no momento de inserção nas comunidades e durante o treinamento dos grupos-diagnóstico;
- Francisca Angela Oliveira Holanda e Kátia Maria Amorim, técnicas de MOBRRAL e do Projeto Sertanejo respectivamente, que participaram das atividades da equipe em Canindé.

Agradece-se também a colaboração de todos os técnicos e funcionários de PRORURAL; dos Prefeitos, Assessores e funcionários das Prefeituras de Canindé e Caridade e dos Frades Franciscanos que atendem a Paróquia desses Municípios.



## ÍNDICE

Apresentação .....	15
I. Introdução .....	17
II. O projeto da experiência .....	21
III. Atividades de pré-diagnóstico .....	27
1. Metodologia adotada .....	27
2. Apresentação da análise do pré-diagnóstico ....	31
3. Avaliação da etapa .....	39
IV. Atividades de inserção nas comunidades .....	43
1. Metodologia adotada .....	43
2. Análise do processo .....	45
3. Avaliação da etapa .....	50
V. Treinamento dos Grupos-diagnóstico .....	51
1. Passos metodológicos na preparação do treina- mento .....	51
2. Programa de treinamento .....	63
3. Relato da execução .....	70
4. Avaliação da etapa .....	81
VI. Diagnóstico participativo .....	83
1. Coleta de informações .....	83
2. Sistematização das informações .....	93
3. Grupos de estudo nas comunidades para discutir as informações sistematizadas .....	100
4. Avaliação da etapa .....	101
VII. Planejamento participativo .....	103
1. O plano educativo comunitário .....	103

2: O processo de elaboração do plano .....	105
VIII. Avaliação geral .....	115
IX. Conclusão .....	123
<b>Anexos</b>	
I. Instrumentos para organizar as informações coletadas no momento do pré-diagnóstico .....	127
II. Textos elaborados pelos membros dos grupos-diagnóstico no momento da sistematização ...	143
III. Documentos elaborados pelos grupos-diagnóstico das comunidades	
IV. Documento elaborado pela equipe técnica para a reflexão com os grupos-diagnóstico.	
V. Relato da execução de uma das atividades previstas no plano educativo por um membro da comunidade de Bonito, Canindé.	

## **APRESENTAÇÃO**

O presente trabalho registra o desenvolvimento de uma experiência de educação resultante do Convênio de Cooperação Técnica firmado entre a Secretaria de Educação do Estado do Ceará e o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura — IICA.

Coerente com o Plano Estadual de Educação — PEE — 1979/83 representa um esforço dessa Secretaria no sentido de encontrar uma alternativa metodológica que viabiliza a participação efetiva das comunidades no processo de tomada de decisões.

O esforço foi válido. Esperamos expandir esta experiência no Estado através do Programa de Educação para a Zona Rural — PRORURAL — organismo da Secretaria que coordenou a sua implantação.

Oferecemos a outras pessoas a oportunidade de conhecer, aplicar e enriquecer uma metodologia que muito contribuirá para ajustar os planejamentos às crescentes necessidades sociais e econômicas das populações rurais.

Fortaleza, em 17 de março de 1982  
**DANÍSIO DALTON DA ROCHA CORRÊIA**  
Secretário de Educação



## I. INTRODUÇÃO

O diagnóstico da educação nas zonas rurais do Estado do Ceará, realizado no período de 1977/78, mostrou a existência de problemas sociais, econômicos, políticos e culturais, que condicionam a vida do homem rural. Alguns dos principais problemas apresentados fazem referência a um grande déficit de acesso à educação; a carência de estabelecimentos educativos adequados e em quantidade suficiente para atender a população que aspirava ser educada; a precária situação dos docentes que operam na rede de educação rural quanto ao nível de formação; a pouca diversificação e atomização dos programas de educação não formal.

Estes problemas representam um enorme desafio para o próprio sistema de educação do Estado. A resposta a este desafio significou “adequar o sistema educacional para que efetivamente atenda as características sociais, econômicas e culturais que determinam o modo de vida das populações rurais”.

Neste contexto, a Secretaria de Educação passou a coordenar e integrar ações educativas visando a alcançar os seguintes objetivos:

- “Concorrer para a promoção do homem no meio rural mediante a intensificação de atividades educacionais e formas de organização social que favoreçam seu crescimento pessoal e sua efetiva participação na comunidade”.
- “Assegurar aos docentes da zona rural a melhoria de seu nível de qualificação conjugando ações e garantindo a manutenção dos níveis atingidos e a melhoria do processo ensino-aprendizagem”.
- “Elevar o nível de escolaridade da população rural na

faixa de 07 a 14 anos, proporcionando gradativamente escolaridade até a quarta série”.

- “Promover a formação de profissionais de nível médio para o setor primário, bem como a qualificação de mão-de-obra, indispensável ao desenvolvimento da zona rural”.

Para o cumprimento destes objetivos a Secretaria de Educação criou uma equipe responsável pela Coordenação Geral do Programa de Educação na Zona Rural (PRORURAL). Essa equipe asseguraria uma efetiva operacionalização das ações educacionais previstas no Programa de Educação para a Zona Rural, uma maior integração das ações programadas para a zona rural e uma articulação mais estreita do órgão central com as Delegacias Regionais e destas com os Órgãos Municipais de Educação.

Essa estratégia adotada pela Secretaria mostrou ser eficaz. Não obstante, a própria complexidade estrutural do meio rural pôs em evidência alguns obstáculos. Estes obstáculos enquanto não forem superados, as inovações introduzidas correm o risco de perder sua eficácia.

Os obstáculos mais consideráveis são:

- A problemática do meio rural, tal como se evidenciou no diagnóstico, requer uma ação coordenada de todas as Instituições e programas que se propõem contribuir para o desenvolvimento rural integrado. Apesar do esforço de integração que os técnicos do PRORURAL realizam a nível municipal com outros organismos e com as demais Secretarias do Estado, a educação continua sendo uma ação desarticulada das demais ações nas áreas de saúde, economia, organização social etc.

- A dimensão dos problemas educativos da população nas zonas rurais exige a coordenação de esforços e a integração das ações de modo que, em que seu conjunto, configurem uma estratégia global coerente com um desenvolvimento integral de educação rural. Tal estratégia não chegou a ser formulada já que várias Instituições continuam operando na zona rural duplicando os meios para os mesmos fins. Todavia, alguns dos programas destinados à zona rural implementam-se de forma desarticulada. Tudo isto impede que as ações desenvolvidas tenham “uma repercussão mais ampla sobre as condições de vida destas populações que cada dia crescem em marginalidade e dependência”.

- Os objetivos assinalados pela educação rural implicam a existência de uma metodologia formativa na qual o homem que

trabalha no meio rural — incluindo o docente — participe no planejamento, execução e avaliação da educação que se realiza em sua comunidade.

A Secretaria de Educação, consciente destes obstáculos, procurou a colaboração de um organismo técnico que pudesse cooperar com seus técnicos na busca de soluções adequadas. A concretização do Convênio entre a Secretaria de Educação e o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura teve como objetivo fundamental contribuir para a resolução dos obstáculos acima mencionados.

O objetivo deste Convênio é colaborar com a Secretaria de Educação na elaboração de:

- 1 — “Diagnósticos participativos para determinar as necessidades educacionais e produtivas das zonas rurais”;
- 2 — “Diretrizes metodológicas para operacionalizar o sistema formal e não-formal de educação rural”;
- 3 — “Diretrizes curriculares para o referido sistema formal e não-formal”;
- 4 — “Diretrizes para o treinamento dos professores do mencionado sistema formal e não-formal”;
- 5 — “Sistema de Avaliação das atividades dos Programas de educação no Estado do Ceará”.

As linhas de ação deste processo de cooperação técnica para o desenvolvimento da educação rural no Estado são as seguintes:

- Definição de uma estratégia global;
- Aperfeiçoamento permanente do pessoal dirigente e técnico, diretamente ligado à ação;
- Busca de novas metodologias e acompanhamento durante sua implementação.

Na primeira fase da implementação destas linhas de trabalho, procurou-se esboçar uma estratégia sistemática e integral para o desenvolvimento da educação rural. Os seminários sobre Educação Rural: uma “estratégia de ação” e “Cooperação Técnica” tiveram como objetivo homogeneizar conceitualmente os princípios. Estes seminários recomendavam nas suas conclusões a realização de uma experiência de educação rural integrada em algumas micro-regiões do Estado.

A realização da Experiência de Educação Rural Integrada objetivava colocar em andamento um processo de Planejamento Participativo e criar uma estrutura institucional — a nível local,

municipal e regional — que garantisse sua continuidade e orientasse a generalização desta nova sistemática de trabalho em toda zona rural do Estado. A insuficiência de recursos humanos e materiais levou a equipe técnica a reduzir a Experiência ao processo de planejamento participativo em quatro comunidades dos municípios de Canindé e Caridade.

O presente trabalho apresenta todos os relatórios elaborados pela equipe técnica durante o desenvolvimento da Experiência — novembro de 1980 a novembro de 1981. Objetiva apoiar a ação daqueles que pretendam utilizar a metodologia de Planejamento Participativo.

## II. O PROJETO DA EXPERIÊNCIA

A Experiência de Educação Rural, implantada pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará, está inserida num contexto de desenvolvimento rural integrado que se concebe como um processo sócio-econômico, político e cultural das populações rurais, com vistas a melhorar suas condições de vida.

Esse processo assim descrito requer o apoio da Educação, por ela se constituir um dos componentes desse desenvolvimento. Neste sentido, a educação se converte numa atividade integrada e integradora dos sujeitos envolvidos no desenvolvimento. Integrada, na medida em que, lidando com o homem, “ser total”, abrange todas as atividades com as quais ele se encontra comprometido — atividades econômicas, políticas e sociais; integradora, porque, procura desenvolver a consciência crítica desse homem frente às suas necessidades e interesses, numa concepção global da realidade. A Experiência de educação rural é, portanto, parte integrante do desenvolvimento rural. Assim sendo, ela se apóia em diretrizes fundamentais que caracterizam sua ação educativa integrada:

- a participação da comunidade;
- o desenvolvimento de sua consciência;
- a vinculação com a atividade econômica e social.

Estas três diretrizes: participação, reflexão, ação, devem entender-se como uma modalidade de educação onde elas se requeiram mutuamente.

## 1ª Diretriz — A Participação da Comunidade

Entende-se aqui por comunidade “um grupo social com interesses comuns, ligado entre si por uma história e um projeto comum e situado num espaço geográfico determinado”. Neste sentido, o habitar num determinado espaço geográfico não constitui um critério suficiente para determinar a pertinência na comunidade.

A primeira diretriz requer que a comunidade assuma a ação educativa como própria, interferindo no seu planejamento, execução e controle.

Esta participação deverá ser:

Orgânica — isto é, desenvolvida através das organizações de base da comunidade, ou apoiando a sua organização;

Permanente — a comunidade deverá se fazer presente ao longo do processo como elemento constitutivo do mesmo;

Democrática — reconhecer o direito a todos de participar num plano de igualdade.

## 2ª Diretriz — O desenvolvimento da consciência da comunidade

O desenvolvimento da consciência implica conceber a ação educativa como um processo no qual gradativamente o homem possa atingir uma compreensão mais crítica da realidade, para transformá-la e se transformar em agente e beneficiário do desenvolvimento. Para tanto, a ação educativa deverá:

— partir dos níveis de consciência já existentes na comunidade;

— proporcionar uma metodologia de análise;

— pôr à disposição da comunidade a informação suficiente para que ela possa conhecer a interrelação que existe entre sua realidade particular e um contexto social maior.

## 3ª Diretriz — A vinculação com a atividade econômica e social

Esta diretriz indica a necessidade da aprendizagem se produzir nas ações que a comunidade realiza para satisfazer suas necessidades econômicas e sociais. Quer dizer, propõe a integração de estudo e trabalho, entendendo este último como toda atividade socialmente útil.

Para tanto a ação educativa deve procurar:

— Fundamentar-se na experiência direta de trabalho, possibilitando o desenvolvimento da capacidade para produzir e melhorar as condições de vida.

— Proporcionar elementos para o desenvolvimento de uma tecnologia adequada valorizando as práticas sociais existentes na comunidade.

Em síntese, toda ação educativa coerente com o desenvolvimento rural integrado deverá assegurar a participação da comunidade, o desenvolvimento da consciência e a vinculação direta com as atividades econômicas e sociais.

### São Objetivos da Experiência

- 1 — Desenvolver uma metodologia de pesquisa participativa através da realização de um diagnóstico da realidade pela própria comunidade.
- 2 — Promover a elaboração de um programa educativo com base no diagnóstico realizado.
- 3 — Promover a integração dos diferentes órgãos de Educação em nível comunitário, municipal, regional e central para implantação desse programa.

### *Realização da Experiência:*

A experiência de Educação Rural Integrada está sendo orientada e co-executada por uma equipe constituída pelos seguintes membros:

- 01 Técnico do PRORURAL que trabalha na Região experimental.
- 01 Técnico da Divisão de Apoio Técnico — DAT — da Secretaria de Educação.
- 02 Técnicos da 1ª Delegacia Regional de Educação — 1ª DERE.
- Técnicos dos Órgãos Municipais de Educação dos Municípios de CANINDÉ e CARIDADE.
- Técnicos do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura — IICA.

Para selecionar a região onde seria implantada a experiência, tomou-se por base a aplicação de critérios de seleção, tais como:

TIPO DE CRITÉRIO	ESPECIFICAÇÃO
Econômicos	— Tipo de produção — Estrato de produtores — Existência de um plano de desenvolvimento
Sociais	— Organizações básicas — Volume populacional — Concentração de população — Facilidade de comunicação interna
Institucionais	— Oferta educativa diversificada — Vontade política das autoridades — Recursos humanos qualificados — Integração de esforços institucionais — Divisão administrativa

Ficou selecionada a microrregião de Canindé para a implantação da Experiência, sendo que a microrregião está constituída por seis municípios e apenas dois integrariam inicialmente a área experimental — Canindé e Caridade. Estes municípios, além de pertencerem à 1ª Delegacia Regional de Educação, apresentam algumas características que justificam a sua escolha. Canindé é Centro Regional, com maior comércio, uma estrutura administrativa mais complexa, oferta educacional diversificada, maior concentração populacional, além de possuir estradas, transportes da sede do município para Capital do Estado e acesso apesar das condições climáticas.

Caridade, com características opostas e com a vantagem de se localizar a apenas 18 km de Canindé completava o quadro de características necessárias à implantação da Experiência de Educação Rural.

Este quadro permitiria:

- Implantação da Experiência em municípios com realidades distintas;
- Reajustes freqüentes da metodologia e dos instrumentos;
- Permanente intercâmbio de experiências entre os grupos de trabalho das comunidades;
- Racionalização do trabalho dos técnicos.

### *O Diagnóstico Participativo*

O passo inicial na busca do cumprimento das diretrizes e objetivos da Experiência é a realização do diagnóstico participativo.

Este diagnóstico, realizado pela própria comunidade, é um processo de obtenção, sistematização e análise das informações que configuram a sua situação problemática e o ponto de partida para formular um plano de ação com vistas a superar tal situação. Todo esse processo é vivenciado pela comunidade na perspectiva de desenvolver uma consciência crítica, uma percepção mais clara e objetiva dos problemas sociais, econômicos e culturais e um nível de respostas autônomo da comunidade para superar a situação em que se encontra.

“Participativo” significa, portanto, que a própria comunidade assume a tarefa de pesquisar, refletir e planejar ações funcionais para solucionar seus problemas.

O quadro seguinte procura mostrar as diferenças mais importantes entre um diagnóstico tradicional e um diagnóstico participativo, com o intuito de tornar mais compreensível a colocação anterior.

VARIÁVEL	DIAGNÓSTICO TRADICIONAL	DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO
Relação sujeito-objeto investigado	Os técnicos são os sujeitos e a comunidade o objeto.	Ambos, comunidade e técnicos são sujeitos que objetivam uma situação da realidade existencial.
Objetivo	Descrição da situação estrutural da comunidade.	Elevar a capacidade crítica, o nível de consciência e o nível de resposta da própria comunidade.
Método	Tende a mostrar uma série de indicadores sócio-econômicos e culturais pré-estabelecidos, segundo uma teoria elaborada pelos técnicos.	Utilização de instrumentos que procurem estabelecer um diálogo na comunidade, promovendo sua livre expressão. Elaborados pela comunidade e os técnicos.
Utilidade	Cabe à instituição investigadora tomar uma decisão sobre o curso de ação a seguir.	Cabe à comunidade elaborar um programa de ação.



### III. ATIVIDADES DE PRÉ-DIAGNÓSTICO

#### 1. *Metodologia Adotada*

Depois de uma fase preparatória que constou de seminários de estudo, reuniões e contatos com Entidades e Prefeituras Municipais, o primeiro passo para a implantação da Experiência de Educação Rural Integrada foi a realização do pré-diagnóstico.

Buscava-se, antes de penetrar nas comunidades, reunir um certo número de informações que permitissem:

- Dispor de uma caracterização geral dos principais problemas que afetam a população, visando determinar suas necessidades educativas;
- Servir de quadro de referência para formular posteriormente hipóteses que permitissem explicar a situação problemática vivida pelas comunidades em função do grau de consciência que elas têm dessa situação;
- facilitar o contato da equipe técnica com as comunidades, através da apresentação dos resultados do pré-diagnóstico, codificados.

Para tanto, foi elaborado um manual contendo instruções e tabelas necessárias para reunir as informações. Este manual está contido no documento “Diretrizes Metodológicas para o Desenvolvimento da Experiência de Educação Rural Integrada”.

Os instrumentos utilizados, nesse primeiro momento, buscavam reunir informações sobre:

Meio ambiente e população:

- características fisiográficas do Município;
- população.

Processos centrais:

- estrutura produtiva do campo;
- mercado de trabalho rural.

Processos adjuntos:

- saúde e nutrição;
- infra-estrutura rural;
- organizações;
- atividades nos setores secundários e terciários;  
indústria  
comércio  
serviços
- educação;
- cultura e comunicação.

### 1.1. *Coleta de dados*

A coleta de dados constou de três momentos distintos:

- a) Levantamento de fontes bibliográficas junto aos órgãos oficiais na Capital do Estado;
- b) Pesquisa e registro dos dados oficiais;
- c) Pesquisa junto a entidades locais e observação direta de campo para complementação dos dados.

No primeiro momento foram contactadas as seguintes entidades: IBGE, Secretaria de Saúde, Secretaria de Agricultura, Banco do Nordeste, SUDEC, Secretaria de Educação, 1ª Delegacia Regional de Educação e levantado o seguinte material bibliográfico: Censo Demográfico, Censo Agropecuário, Censo Industrial, Anuário do Ceará, Cadastro Escolar do Interior do Estado e outras publicações. Esses contatos foram mantidos pela equipe central.

No segundo momento, nas sedes dos municípios e contando com a participação dos elementos do Órgão Municipal de Educação, a equipe foi dividida em pequenos grupos de trabalho por setores (econômico, social, cultural, institucional), para permitir uma melhor organização da pesquisa. As tabelas foram traçadas em folhas de papel grandes e feita a pesquisa bibliográfica e registro dos dados oficiais. No terceiro momento, constatada a insuficiência de informações, as equipes passaram a visitar entidades existentes na sede dos Municípios (GESCAP, IBGE, Sindicatos, Escolas

Estaduais, Escolas Particulares) com o objetivo de complementar e/ou ampliar as informações. Algumas, não disponíveis na documentação oficial, foram colhidas junto a lideranças de comunidades rurais, nas próprias sedes dos Distritos, ou através da observação direta de campo.

A coleta de dados contou com algumas dificuldades. A informação oferecida pelos Órgãos Municipais de Educação encontrava-se um tanto desorganizada e em alguns casos apresentava contradições. Isto exigiu novas tabulações a partir das próprias fontes municipais. Algumas informações importantes (área dos distritos, número e localização exata de escolas isoladas da área Estadual deixaram de ser registradas porque não havia a informação em nenhum dos organismos consultados. Nesta fase, houve uma certa limitação na participação dos elementos dos órgãos Municipais de Educação. Em primeiro lugar, faltou um conhecimento maior dos objetivos e da metodologia de trabalho do pré-diagnóstico. Por isso eles atuaram praticamente como auxiliares da equipe central fazendo um trabalho mecânico e demonstrando pouco envolvimento. Em segundo lugar, o pré-diagnóstico procurou reunir um grande número de informações, dificultando o alcance imediato de sua aplicabilidade e tornando mais difícil ainda o envolvimento dos elementos do Órgão Municipal de Educação.

### *1.2. Discussão das Informações Coletadas*

De posse do material coletado procedeu-se à análise e discussão dos dados.

Considerando que a informação oficial apresentava dados já defasados (censo de 1970), a equipe teve que fazer algumas estimativas para aproximá-los mais da realidade. Estas estimativas basearam-se na projeção demográfica feita pela SUDEC para os Municípios, referente ao ano de 1978, considerando que foram mantidas as proporções evidenciadas no censo de 1970.

Para facilitar a leitura das informações, muitas tabelas foram transformadas em gráficos.

O momento de discussão das informações teve como maior dificuldade a impossibilidade de permanência da equipe central nos municípios, para um trabalho conjunto com os elementos dos Órgãos Municipais. Diante disso, a análise inicial foi feita sem a participação desses elementos. Só numa etapa posterior os resultados foram apresentados para leitura, análise e codificação de mensagens.

Outra dificuldade foi o fato do pré-diagnóstico ter reunido muitas informações através de um grande número de tabelas, muitas delas hoje consideradas desnecessárias ou passíveis de simplificação. Entretanto, faltava à própria equipe central uma clareza dos reais objetivos do pré-diagnóstico, elemento unificador que permitisse selecionar, de imediato, as informações de maior significação. Houve por isso, uma subutilização das informações coletadas, tendo sido melhor aproveitadas, as do setor educacional.

Não obstante, o material organizado proporcionou:

- Uma visão panorâmica da realidade dos Municípios pesquisados, principalmente da realidade educacional;
- Uma adequação da proposta da Experiência às reais condições dos Municípios selecionados;
- Subsídios para codificação de mensagens que possibilitariam o diálogo sobre a realidade diagnosticada com as comunidades rurais;
- Estabelecimento de critérios para a seleção das comunidades onde a Experiência de Educação Rural seria implantada, uma vez constatada a impossibilidade de atingir todo o Município.

### 1.3. *Codificação de Mensagens*

A codificação de mensagens passou por um processo lento de ensaio e descoberta.

Inicialmente, os resultados do pré-diagnóstico foram analisados pelos elementos do Órgão Municipal e cada realidade foi traduzida em frases.

Em seguida foi feita a seleção dos problemas mais representativos das comunidades e discutidas as várias formas de representação desses problemas — cartaz, gráfico, poesia, música e outros. Foi visto que para um contato inicial com a comunidade rural o cartaz seria a maneira mais adequada, por permitir uma comunicação mais fácil da realidade. Feita a escolha, o grupo passou a descrever idéias ou rascunhar desenhos de como seriam os cartazes. A seguir foram elaborados os cartazes (colagem e desenho) e feito o exercício de decodificação para verificar o nível de comunicação e conseqüentemente selecionar os melhores. A codificação contou como primeira dificuldade a generalidade dos dados do pré-diagnóstico. Eles representavam problemas gerais do município dificultando a preparação de um material mais específico para as

comunidades escolhidas. Por isso, o material foi preparado para as comunidades dos municípios, indistintamente.

Outra dificuldade foi a confecção dos cartazes contendo as mensagens codificadas. Não havia nos Municípios material com figuras que representassem as mensagens nem tão pouco recursos humanos para fazer os desenhos. Isto determinou a elaboração de um material, às vezes, pouco expressivo.

## *2. Apresentação da Análise do Pré-Diagnóstico*

Antes de apresentar a análise do pré-diagnóstico, convém, para melhor compreensão, esclarecer a nossa concepção de análise e como se procedeu em relação ao pré-diagnóstico.

Concebemos análise como um tipo de leitura que se faz sobre uma dada realidade e que tem como objetivo explicar os problemas apresentados por essa realidade. Uma análise, é pois, uma leitura explicativa dos problemas.

Para realizar uma leitura explicativa dos problemas se faz necessário:

- a) Um certo marco conceitual que possibilite a formulação de hipóteses. Hipótese é a suposição de que os problemas que acontecem na realidade têm um relacionamento entre si. Por exemplo: "A falta de condições da maioria das famílias faz com que as crianças saiam da escola". Quanto ao marco conceitual pode ser definido como o conjunto de opções teóricas que atuam como esquema referencial para a compreensão da realidade.
- b) Aplicar o marco conceitual às informações e aos dados provenientes da realidade.
- c) Permitir tirar conclusões explicativas dos problemas apresentados nas informações e nos dados da realidade.

Para chegar às conclusões se requer um relacionamento entre as informações e um confronto desse relacionamento com o marco conceitual.

A análise do pré-diagnóstico se constitui numa parte dele próprio — parte destinada a interpretar as informações recolhidas nas tabelas. Esta interpretação foi feita procurando representar sumariamente as principais características problemáticas que de uma maneira estrutural se apresentaram na realidade dos municípios de Canindé e Caridade.

Nosso marco conceitual permitiu ordenar as informações de acordo com certos indicadores estruturais: característica física, característica populacional, posse da terra, relações posse da terra/ tipos de produção, tipos de serviço em benefício da população, principais insuficiências infra-estruturais, organizações sociais, manifestações culturais originais, estrutura educacional e produtividade do sistema educacional. Dessa forma, foram relacionadas as informações colhidas em caráter de conclusões, de acordo com os seguintes itens: meio ambiente e população, estrutura econômica, realidade social e institucional e processo educacional.

Esta parte do relatório destina-se pois, a apresentar a análise das informações recolhidas no pré-diagnóstico. Não chega a ser uma análise exaustiva mas procura configurar uma realidade que possa subsidiar o trabalho da Experiência nos Municípios selecionados.

### 2.1. *Meio-Ambiente e População*

Do ponto de vista físico os Municípios de Canindé e Caridade fazem parte da microrregião Sertões de Canindé. Quanto às características físicas destes municípios podemos assinalar os seguintes problemas:

- Os solos, predominantemente avermelhados e argilosos, mostram ausência de cálcio e elevado teor de minerais primários. São solos pouco profundos e moderadamente rasos (30 cm de profundidade na parte rasa e 90 cm na parte ondulada do relevo dos Municípios). Neles é comum também a presença de predregosidade. Isto faz com que sejam facilmente erodináveis, percam sua composição mineral e profundidade pela ação da chuva e pela ação produtiva.
- O clima é semi-árido, isto é, quente e seco. As precipitações pluviométricas médias anuais são em torno de 600 a 700 ml, com uma estação seca em torno de 214 dias anuais.  
Isto faz com que os Municípios de Canindé e Caridade tenham carência de água na atmosfera e no solo, determinando que a média de precipitações pluviométricas seja uma das mais baixas do Estado do Ceará.
- Quanto à hidrografia, os rios do Município não são pere-

nes e existem poucos açudes e nenhuma lagoa. As possíveis reservas de água existentes nos sub-solos só poderão ser confirmadas mediante pesquisas que supõem um grande investimento do Estado.

Em consequência estes problemas estão mostrando que a atividade agrícola está fortemente limitada pelas condições físicas dominantes.

Podemos concluir, então, que os dois Municípios são carentes de condições naturais para o desenvolvimento econômico. As possibilidades de criar alternativas econômicas viáveis para a população dos Municípios requereria um investimento importante para modificar as condições físicas anteriormente assinaladas, isto é, investimentos em pesquisas que objetivem a melhor utilização dos recursos naturais existentes e das condições climáticas favoráveis a um novo tipo de produção agro-pecuária.

Do ponto de vista populacional, os dois Municípios apresentam características comuns. Dentre as características mais marcantes podemos ressaltar:

- População predominantemente rural — 77,5% da população de Canindé e 91,1% da população de Caridade vivem na zona rural.(\*)
- Predominância de população jovem — 51% da população de Canindé e 47% da população de Caridade estão na faixa entre 0 a 14 anos.
- População rural dispersa — a população rural ocupa a quase totalidade da área dos Municípios, e está espalhada em fazendas e em um número reduzido de povoados. Canindé conta com 9 povoados e Caridade com 2, sendo que apenas 2 povoados de Canindé apresentam um nível mais significativo de desenvolvimento. Este nível mais significativo de desenvolvimento significa possuir, além de um aglomerado de casas, Igreja, Unidade Escolar, alguns serviços como Cartório, Mini-posto de Saúde e representantes sindical e policial.

No período de estiagem o acesso dos povoados para as Sedes dos dois Municípios não se constitui grande problema visto que os Municípios, em geral são servidos por rodovias, Estaduais e Municipais, com linhas razoáveis de transportes coletivos. O mesmo

\* Nesta análise, consideremos como zona urbana tão-somente a sede do Município, levando em conta o critério jurídico-político.

não se verifica em relação ao acesso entre fazendas e povoados. A comunicação entre eles se faz basicamente através dos transportes particulares, a cavalo, ou a pé. Entretanto, no período chuvoso o acesso se torna quase impossível até mesmo das comunidades para a sede dos Municípios.

Nenhum povoado conta com serviços de correios ou telecomunicações, nem mesmo em relação à Sede dos Municípios.

A comunicação entre a Sede e toda a população rural se faz através da Rádio Uirapuru de Canindé, com boa audiência na área total dos dois Municípios.

## 2.2. *Estrutura Econômica*

A população economicamente ativa no Município de Canindé é de 14.064 pessoas e em Caridade é de 3.126. Desta população, 80% como média nos dois Municípios trabalham na agricultura.

As informações sobre a estrutura de posse da terra permitem realizar as seguintes observações:

- Nos dois Municípios predominam os parceiros e ocupantes. No Município de Caridade os 72% dos estabelecimentos agrícolas correspondem a parceiros e ocupantes utilizando somente 42% da superfície agrícola do Município. No Município de Canindé, por sua vez, os parceiros e ocupantes significam 69,2% dos estabelecimentos agrícolas e ocupam uma superfície correspondente a 27,3% do total da superfície agrícola do Município.
- Nos dois Municípios existe uma dominância dos estabelecimentos agrícolas de pequenas dimensões. No caso de Caridade 93% dos estabelecimentos agrícolas têm uma dimensão entre 0 a 50 ha por unidade agrícola e no Município de Canindé 97,5% dos estabelecimentos agrícolas estão na faixa da mesma dimensão por unidade.
- A concentração da propriedade da terra é similar nos dois Municípios. A realidade é que uma minoria de estabelecimentos agrícolas controla a maior parte da terra agrícola disponível. Em Caridade 2,5% dos produtores controlam 43% da terra e em Canindé 7% dos produtores controlam 43,3% da terra.

Destas observações se infere que a maioria dos estabelecimentos agrícolas dos Municípios estão constituídos de pequenas unida-

des agrícolas onde dominam os parceiros e ocupantes. Esta população de produtores é a que mais sofre os efeitos da seca, não obstante, quando se constata a atenção que dá o GESCAP para esta população se conclui a insuficiência deste serviço: só 20% em Caridade e 18% em Canindé dos pequenos produtores agrícolas são efetivamente subsidiados pelo programa de emergência.

Ligado à estrutura de posse da terra encontra-se como problema o significado econômico da atividade produtiva na agricultura dos Municípios. Os produtos destinados à comercialização encontram-se como atividades dos grandes proprietários. Pelo contrário, a população das pequenas propriedades agrícolas realiza atividades produtivas de subsistência.

Quanto à utilização da terra, constata-se uma realidade diferencial entre Caridade e Canindé. No caso de Caridade os 62,8% das terras com capacidade produtiva são utilizados em cultivos permanentes e temporários, predominando o primeiro.

Diferentemente, no Município de Canindé, os 55,7% da terra com capacidade produtiva são utilizados em atividades pecuárias. Mas, o valor produtivo das diferentes atividades econômicas, na agricultura, mostra que a maior rentabilidade fica sempre nos cultivos permanentes. Em Caridade 67,1% do valor bruto da produção agro-pecuária e em Canindé 54,1% deste mesmo valor correspondem a cultivos permanentes.

Desta situação se pode derivar que a grande parte da produção agro-pecuária mais rentável está ligada à estrutura da posse da terra. A média produtiva dos cultivos permanentes e de gado nos dois Municípios é 64%. Esta produção concentra-se fundamentalmente nas propriedades agrícolas que possuem uma área compreendida entre 71 e mais de 200 ha.

### 2.3. *Realidade Social e Institucional*

Nos Municípios de Canindé e Caridade a Prefeitura está instalada no Distrito Sede e a representação se faz, na zona rural, através da presença dos Vereadores.

Há um Departamento de Educação já estruturado em Canindé e um em fase de estruturação em Caridade. O Departamento de Educação de Canindé conta com o serviço de alguns supervisores, entretanto, falta infra-estrutura para um acompanhamento didático-pedagógico aos professores do Município.

É marcante a concentração das Instituições na sede do Município, havendo poucas representações a nível de Distritos e povoados. Em Caridade verifica-se uma dependência institucional em relação ao Município de Canindé, principalmente nos setores de saúde, educação e comércio. Registra-se com mais intensidade a presença da Igreja gerando, nas comunidades rurais, uma ação comunitária voltada para os assuntos religiosos. A maior parte das lideranças locais coincide com as lideranças formais — professoras, catequistas, representantes políticos — ligados quase sempre a esse trabalho religioso. Não deixam porém de ser autênticas pelo grau de identidade estabelecido entre elas e os demais membros da comunidade. Como reflexo dessa intensidade as comunidades têm como centro polarizador de suas atividades a Igreja ou o Prédio Escolar.

Em 4 Povoados de Canindé constatou-se, através das mesmas lideranças, a presença da ação do MOBREAL, resultante de um programa de educação para a saúde. Esta ação, entretanto, desenvolve-se numa linha de busca de soluções para os problemas mais urgentes sem chegar a formar na comunidade um nível de organização mais sólida.

A assistência médica deixa muito a desejar. Os recursos locais são mínimos. Os mini-postos de saúde são em número reduzido e os responsáveis apenas com a qualificação mínima indispensável. As comunidades contam apenas com a presença, uma vez por mês de estagiários do CRUTAC. Em casos mais graves de saúde, as pessoas são obrigadas a se deslocarem para a sede do Município, enfrentando as despesas do deslocamento e a incerteza de uma assistência efetiva, ou permanecem no local sem qualquer alternativa de solução.

As comunidades rurais estão regularmente afetadas pela escassez de água e alimentação. A maior parte da população rural consome água de açudes ou cacimbas cavadas no leito dos rios. Essas fontes d'água são utilizadas sem maiores cuidados pelo homem, pois dela se servem para beber, lavar roupas e matar a sede dos animais.

A situação das águas poluídas é a causa das doenças mais comuns que afetam as crianças, tais como, diarréia, verminose e outras.

A alimentação básica da população rural é farinha, arroz e

rapadura e sua aquisição é proporcional ao valor das diárias pagas pelo GESCAP (Cr\$ 82,00) ou pelos patrões (Cr\$ 80,00).

Esta escassez é outra causa de doenças comuns no homem rural: doenças do pulmão, gripe e doenças mentais.

Do ponto de vista da organização social das comunidades rurais, constata-se a inexistência de organizações de base. A nível dos trabalhadores agrícolas existe um Sindicato de Trabalhadores Rurais que, segundo a informação dada pelo seu Presidente, agruparia nas 21 Delegacias Locais de Canindé, mais de 10.000 trabalhadores, mas na realidade só participam efetivamente um pouco mais de 3.000. Além desta Organização Municipal existe a Cooperativa Agrícola de Canindé, ocupada fundamentalmente na comercialização de algodão, milho e feijão. Constatou-se, entretanto, que os serviços comerciais desta cooperativa são intermediados pelos atravessadores que compram aos produtores agrícolas a um preço mais baixo e vendem na cooperativa por preço mais alto.

Quanto às Expressões Culturais e artesanais das comunidades não foram encontradas muitas manifestações originadas do povo. As únicas atividades encontradas tanto em Caridade como em Canindé são em palha e cerâmica que são vendidas diretamente nos mercados de Canindé e Fortaleza.

Outras manifestações artesanais tais como: bordados, crochê, muito reduzidas nas comunidades distritais, são atividades promovidas pelo MOBREAL, mas que tão pouco são uma representação original da criação popular. Alguns produtos secundários destas manifestações artesanais são vendidos na feira semanal de Canindé.

Esta feira semanal, considerada como ponto de reunião dos produtores agrícolas, revela-se muito mais como uma atividade comercial controlada pelos varejistas da cidade de Canindé.

#### 2.4. *Processo Educacional*

A análise da realidade educacional dos Municípios de Canindé e Caridade, no ano de 1980, revela dados que merecem atenção especial.

A porcentagem da população sem instrução, considerada como tal a população analfabeta e aquela com menos de um ano de instrução, atinge 76,6% em Canindé e 80,6% em Caridade.

Em atendimento a esta clientela registra-se a ação do MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO — MOBREAL,

que tem concentrado basicamente sua atividade na zona rural e com uma produtividade muito baixa. Para cada 100 alunos conveniados só conseguiu em 10 anos, alfabetizar efetivamente 25 alunos.

Da totalidade das pessoas com algum nível de instrução, apenas 79% em Canindé e 85% em Caridade atingiram 3 anos de escolaridade.

Com relação aos professores que trabalham na zona rural 94,5% em Canindé e 80% em Caridade têm 1º Grau incompleto.

Do total de alunos matriculados há uma grande incidência na 1ª série, sendo de 76% em Canindé e 79% em Caridade. Além do mais, deste total, 77,5% em Canindé e 79,7% em Caridade estão fora da idade correspondente a esta série.

Convém ressaltar o alto índice de repetência, sendo 46% em Canindé e 62% em Caridade. Tem-se uma visão mais real do problema ao se constatar a seguinte realidade: de cada 100 alunos matriculados na 1ª série 17 chegam à 2ª série em Canindé e 18 em Caridade; à 3ª série — 12 em Canindé e 8 em Caridade; à 4ª série — 3 em Canindé e zero em Caridade. Como agravante aos problemas mencionados contam as escolas rurais com escassez de recursos, problemas de desnutrição dos alunos, currículos inadequados para a realidade do homem do campo, despreparo do professor e uma quase absoluta falta de apoio técnico-pedagógico. A Merenda Escolar não se constitui numa ajuda efetiva, considerando que apenas 27,7% das escolas rurais estão sendo beneficiadas. A Supervisão Estadual acompanha deficientemente as escolas da sede dos Municípios, ficando os professores da zona rural totalmente isolados e desassistidos. A Supervisão Municipal em Canindé conta com 4 supervisores o que corresponde a 1 para cada 72 escolas não oferecendo também nenhuma assistência pedagógica. Permanecem a maior parte do tempo na sede do Município cumprindo tarefas administrativas. Caridade conta com uma única supervisora que é também professora da rede estadual e dá assistência ao Distrito onde reside.

Convém ressaltar o nível de concentração dos serviços educativos, no principal centro urbano da Região, a cidade de Canindé. Vejamos alguns indicadores:

— Oferta educativa mais diversificada — existem 3 escolas para o pré-escolar (na zona rural apenas duas) 2 escolas de 2.º Grau e 4 escolas com 1º Grau completo;

- Maior capacitação dos professores — 14% dos professores das escolas da Sede tem nível de 3º Grau e 66,4% de 2º Grau completo;
- Assistência ao escolar — 82% das escolas da sede contam com merenda escolar.

O nível de instrução da população dos dois Municípios reflete esta situação — a porcentagem de população sem instrução na zona rural supera os 75%, enquanto na cidade de Canindé é de apenas 9,5%.

### 3. Avaliação da Etapa

Para a elaboração do pré-diagnóstico sugerimos duas mudanças substanciais:

- a) Que o Órgão Municipal de Educação assuma a elaboração do pré-diagnóstico em todas as suas fases — coleta de material bibliográfico, preenchimento de tabelas e análise das informações — embora com a assessoria de técnicos da Secretaria de Educação.
- b) Que sejam reduzidas as informações que compõem o pré-diagnóstico.

Considerando o conceito de análise focalizado neste relatório — “tipo de leitura que se faz sobre uma dada realidade e que tem como objetivo explicar os problemas apresentados por essa realidade” — O pré-diagnóstico deve ser um instrumento simples que permita ao Órgão Municipal de Educação:

- Reunir as fontes de pesquisas;
- Preencher as tabelas necessárias;
- Dispor de informações para uma análise simples, de fácil interpretação, permitindo chegar a certos conceitos fundamentais sobre a realidade pesquisada.

A análise deverá ser feita usando um processo muito simples de interpretação e explicação da situação que está vivendo uma dada comunidade e deverá também, apresentar um resultado útil para a ação posterior a ser desenvolvida.

Este processo se constitui de:

- Reflexão;
- Relacionamento;
- Conclusão.

A reflexão é o momento em que, de posse dos dados coleta-

dos, passa-se a ler e pensar sobre a realidade existente, procurando descobrir as causas.

A seguir, procura-se estabelecer um relacionamento entre os dados coletados, surgindo daí novas informações. Por exemplo: de posse dos dados da população em idade escolar e população efetivamente matriculada nas escolas, pode-se calcular a taxa de escolaridade, um dos instrumentos mais importantes para valorizar o atendimento educativo. Esta taxa será obtida dividindo-se o número da população escolarizada (matrícula de 7 a 14 anos) pelo número da população em idade escolar (7 a 14 anos) e o resultado multiplica-se por cem. Quanto melhor for a estimativa populacional da matrícula no ano, mais reais serão os dados obtidos.

Através deste processo chega-se à conclusão ou seja, a um certo conhecimento da realidade pesquisada e a alguns questionamentos que darão subsídios para formulação de hipóteses que poderão ser verificadas nos trabalhos posteriores com as comunidades.

Na análise do pré-diagnóstico salientou-se o número excessivo de tabelas utilizadas na coleta dos dados e a subutilização das informações, dando ênfase apenas aos dados educacionais. Isto não significa que devemos reduzir o pré-diagnóstico a informações da área de educação, pois estas adquirem maior significação quando inseridas em um contexto maior — social, econômico, político e institucional.

Faz-se necessário selecionar, dentro de cada setor, as informações indispensáveis a uma certa configuração da realidade com a qual se pretende trabalhar. Julgamos necessárias as seguintes informações, por setor:

— *Setor Populacional*

- Grupos de idade
- Anos de estudo
- População economicamente ativa e não ativa

— *Setor Econômico*

- Tipo de produção
- Produção dominante
- Estrutura Fundiária do Município
- Como a população se distribui em relação à posse da terra

— *Setor Institucional*

- Apoio
- Saúde — Doenças mais comuns
- Atendimento médico-odontológico

- Nutrição — Dieta alimentícia
- Infra-estrutura — Transporte
- Comunicação
- Serviços
- Cultura — Manifestações originárias
- História
- *Setor Educacional*
  - População atingida
  - Recursos para o atendimento
  - Professores
  - Escolas

No anexo I sugerem-se algumas tabelas e orientações para auxiliar na idéia das informações acima apresentadas.



## IV. ATIVIDADES DE INSERÇÃO NAS COMUNIDADES

### 1. *Metodologia Adotada*

Com a organização dos dados do pré-diagnóstico atingiu-se um maior conhecimento dos municípios selecionados e ficou constatada a impossibilidade de implantação da Experiência de Educação Rural Integrada na área total dos dois municípios — Canindé e Caridade.

O grande número de comunidades rurais, as dificuldades de acesso, as necessidades de acompanhamento sistemático durante a utilização de uma nova metodologia de trabalho — planejamento participativo —, exigiam um número significativo de técnicos disponíveis para sua implantação.

Considerando que a equipe central constituiu-se de apenas 4 elementos, a Experiência teve que restringir seus objetivos em termos de área de abrangência. Foram selecionadas 4 comunidades, três de Canindé — Bonito, Monte Alegre e Ipueiras dos Gomes — e uma de Caridade — São Domingos —, com base nos seguintes critérios: distância para a sede do município, comunicação; existência de conflitos políticos internos ou externos e presença de pelo menos dois serviços: igreja e escola.

Definida a área de abrangência, teve início a etapa denominada “Inscrição na Comunidade”.

Neste momento cada técnico da equipe central, acompanhado de um elemento do Órgão Municipal de Educação viajou a uma comunidade para um período de convivência (\*). Este período, con-

\* Em uma das comunidades (Bonito) participou também nesta fase, como estagiária, uma aluna dos programas de Pós-Graduação em Educação da UFRGS.

siderado de fundamental importância para a realização do trabalho participativo, teve os seguintes objetivos:

- permitir que a equipe fosse sentida e aceita como um grupo externo que se propõe a colaborar em um trabalho útil à comunidade;
- identificar as pessoas-chaves da comunidade-lideranças formais e não formais, procurando descobrir os papéis que desempenham e os que poderão desempenhar junto ao trabalho da Experiência;
- sentir como as pessoas da comunidade vivem no seu dia-a-dia, o que fazem, seus principais hábitos e costumes, como se comunicam;
- preparar a comunidade para receber a proposta de trabalho.

Para tanto os técnicos, durante a sua permanência na comunidade procuraram visitar o maior número de famílias, conversando informalmente e observando segundo as orientações de um roteiro previamente organizado pela equipe de trabalho para facilitar o atingimento dos objetivos mencionados.

Nessas visitas a comunidade ia sendo convidada para uma reunião onde seria apresentada a proposta de trabalho e seriam definidas as linhas de ação.

O roteiro para a fase de inserção procurava apenas delinear:

O QUE FAZER	COMO FAZER
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Observar a linguagem</li> <li>— Conhecer os diferentes grupos locais</li> <li>— Saber o que as pessoas fazem além de trabalhar</li> <li>— Conhecer os locais onde as pessoas se encontram</li> <li>— Conhecer os hábitos e costumes</li> <li>— Sondar o nível de aceitação da experiência pela Comunidade</li> <li>— Sondar quem poderia e/ou deveria participar do trabalho</li> <li>— Saber o que fazem os jovens</li> <li>— Saber se existem grupos organizados</li> <li>— Convidar as pessoas para uma reunião</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Visitar um número representativo de famílias</li> <li>— Conversar informalmente com as pessoas da comunidade</li> <li>— Contactar as lideranças</li> <li>— Realizar uma reunião</li> </ul>

A reunião que fecharia este momento de inserção teria como finalidades:

- desencadear o diálogo com a comunidade através da decodificação de mensagens codificadas na fase do pré-diagnóstico;
- apresentar a proposta de trabalho de forma simples e bem objetiva;
- discutir a proposta com a comunidade;
- promover a indicação de representantes para compor o grupo diagnóstico.

Para nortear este momento, a equipe de trabalho, além de discutir sobre a melhor forma de apresentar os assuntos na reunião, procurou também refletir sobre o papel do coordenador e do observador participativo.

## 2. *Análise do Processo*

### 2.1. *Permanência na Comunidade*

As informações obtidas, na fase de inserção, confirmaram na sua maioria os dados do pré-diagnóstico, outras informações novas surgiram referentes à estrutura agrária e às relações de trabalho.

Quanto à estrutura das propriedades agrícolas, observou-se que, coerente com as informações do pré-diagnóstico, predominam a pequena propriedade, o sistema de parceria e o sistema de ocupantes. Entretanto, o contato direto com os agricultores permitiu constatar que existe um número muito grande que ocupa a terra sem a documentação que lhe assegure a posse legal e definitiva da mesma. A falta de escritura da propriedade traz como conseqüência imediata a impossibilidade do ocupante receber o apoio governamental, seja através do GESCAP ou dos programas de crédito rural.

Em duas das quatro comunidades, foi destacado o problema da injustiça no relacionamento patrão e trabalhador rural. Evidenciou-se que a exploração é decorrente tanto do salário injusto quanto das altas taxas de renda exigidas daqueles que cultivam a terra mediante o sistema de parceria. Segundo a opinião de vários agricultores essa situação de injustiça perdura porque eles mesmos desconhecem seus direitos e faltam-lhes condições para enfrentar os problemas.

Quanto à organização e à integração, a convivência nas comunidades revelou que de modo geral as famílias vivem socialmente isoladas e predomina a desunião. Existem nas quatro comunidades

algumas formas de associativismo, tais como a catequese e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. A catequese desenvolve na comunidade um trabalho de caráter religioso. Em cada comunidade há um leigo que dirige o culto religioso e um grupo de catequistas que promove a evangelização. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais desenvolve sua ação nas comunidades através de um delegado sindical que funciona apenas como intermediário entre o sócio e a sede do sindicato no município.

A convivência com a comunidade proporcionou apenas um conhecimento superficial das lideranças locais. O tempo de permanência foi insuficiente para:

- perceber os conflitos internos;
- identificar os envolvimento políticos;
- distinguir as lideranças reais das aparentes;
- precisar o nível de integração dos diferentes grupos.

Só foi possível levantar algumas hipóteses para serem confirmadas ou negadas no decorrer do trabalho.

Não obstante o pouco tempo dedicado à fase de inserção, as comunidades, de um modo geral, acolheram muito bem os técnicos e aceitaram o trabalho proposto. Para isso também contribuiu o apoio de algumas instituições, de nível Municipal (Prefeituras, Igreja, MOBREAL, Postos de Saúde etc.)

## 2.2. *A Reunião com a Comunidade*

A reunião geral planejada para o momento final da fase de inserção contou com participantes dos mais variados segmentos da comunidade. A frequência foi satisfatória considerando que variou entre 200 e 300 o número de participantes de uma para outra comunidade. O local escolhido foi a capela existente na sede de cada Distrito e o dia e o horário aqueles que melhor atendiam às conveniências locais.

Para desencadear o processo de comunicação e a reflexão sobre os principais problemas detectados no pré-diagnóstico, a equipe técnica contava com o apoio de mensagens codificadas — cartazes previamente elaborados.

O cartaz, entretanto, não se mostrou funcional pelas seguintes razões:

- assembléias muito numerosas;
- pouca luminosidade (Ipueiras dos Gomes não tem energia elétrica);

- a mensagem baseada na problemática do pré-diagnóstico revelou-se muito geral após o conhecimento mais detalhado de cada comunidade, seus interesses e insatisfações.

Em Bonito, por sugestão de uma liderança local, o cartaz foi substituído pela canção “Barbaridade”, mensagem utilizada no culto dominical, portanto, já conhecida da maioria. Seu conteúdo estava profundamente relacionado com a vida dos presentes e foi um excelente desencadeador do processo de comunicação. Nas demais comunidades o diálogo surgiu diretamente das motivações internas da assembléia, já detectadas pela equipe nas visitas e conversas informais. Apenas em São Domingos os cartazes foram utilizados ao final da reunião como apoio à sistematização.

Os problemas levantados e refletidos nas reuniões foram bastante semelhantes, havendo coerência entre as constatações feitas durante a permanência da equipe técnica na comunidade e as informações coletadas no pré-diagnóstico, embora tenham surgido algumas informações novas já assinaladas anteriormente.

A problemática detectada e discutida pôde agrupar-se basicamente em três áreas.

Na área econômica: a pobreza generalizada, a estrutura da propriedade, o desemprego, especialmente a falta de opções de trabalho para as mulheres e os menores.

No setor de educação: deficiência de salas de aula e material de consumo; carência de professores, escolas e verbas, causando falta de continuidade nos estudos e menor qualidade do ensino ofertado.

No setor de saúde e nutrição: falta de assistência e a precariedade das condições de alimentação.

Além da problemática comum devem ser ressaltadas algumas peculiaridades de cada comunidade.

**Em IPUEIRAS DOS GOMES:**

- A falta de energia elétrica que acarreta conseqüências negativas para a vida da comunidade;
- O fato da localidade situar-se na fronteira de dois municípios, o que contribui para que nenhuma das duas administrações se empenhe em resolver os problemas da comunidade.

**Em relação a BONITO:**

- A desunião das pessoas, podendo ser citada como evidência deste fato a inexistência de líder formal (vereador). Nas

últimas eleições as lideranças locais dividiram-se em duas facções: uma delas apoiou o candidato local e a outra optou pelo candidato do distrito vizinho. O representante de Bonito foi derrotado;

- A ausência de trabalhos comunitários, pelo que predomina um acentuado individualismo.

Em relação a MONTE ALEGRE:

- A experiência da Ação Comunitária desenvolvida já há quatro anos com o apoio do MOBREAL.

Em relação a SÃO DOMINGOS:

- Aparentes conflitos entre grupos locais e os dirigentes da Igreja Católica.

No que se refere à dinâmica da reunião podem ser registradas algumas observações importantes.

Quanto à participação — de um modo geral, pode-se dizer que apenas cerca de 10% das pessoas presentes tiveram participação ativa nos debates. Acrescente-se que as mulheres e os jovens falaram muito menos que os homens. Pode-se afirmar que não houve monopólio da reunião por parte das lideranças formais, em nenhuma das comunidades.

Quanto à análise dos problemas — poucas pessoas conseguem relacionar a situação de pobreza em que vivem com a conjuntura global da sociedade, e perceber a situação de injustiça a que estão submetidos. Apenas nas comunidades de IPUEIRAS DOS GOMES e BONITO, a reflexão incidiu sobre as relações de trabalho e conseqüentemente sobre a situação de exploração do trabalhador rural bem como sobre a falta de apoio do governo ao pequeno agricultor. Na comunidade de SÃO DOMINGOS, pode ser observado que os presentes têm consciência de sua pobreza, mas não relacionam a mesma com a situação global e enfatizaram a discussão de problemas específicos da área de educação com a falta de continuidade dos estudos.

Convém ressaltar que não surgiram nos debates contradições relativas aos problemas levantados. Apenas em BONITO houve divergências quando estava sendo discutida a negligência dos pais quanto aos estudos dos filhos. A reflexão no caso mostrou que os filhos muitas vezes deixam de ir à escola por absoluta falta de condições dos pais e não por falta de interesse ou ignorância dos mesmos como fora inicialmente levantado. Outro ponto divergente foi o conteúdo que a escola leciona: para alguns, está ótimo; para

outros, a escola deveria ensinar algum "ofício" que permitisse, às mulheres e menores, auxiliar na sobrevivência da família.

Estas observações permitiram, à equipe técnica, configurar um retrato aproximado do grau de percepção e de consciência de cada comunidade.

Outra dimensão que a equipe técnica procurou detectar foi o grau de aceitação e disponibilidade para com a proposta de trabalho. Ora, numa reunião com uma assistência tão numerosa fica difícil captar se de fato houve aceitação ou simples adesão à proposta apresentada.

Tendo em vista o pragmatismo do homem do campo, a equipe técnica procurou falar o mínimo possível, colocando apenas o essencial da proposta. Este essencial refere-se ao conhecimento da problemática da comunidade por pessoas da mesma e à busca posterior de solução sempre numa perspectiva de conjunto da comunidade e não individualmente como via de regra acontece. Tudo indica que esta mensagem simples de necessidade de união das pessoas ficou clara. Só o tempo poderá confirmar ou negar se o maciço comparecimento à reunião e o grande número de pessoas que foram indicadas para participar do trabalho podem ser considerados, de fato, aceitação e disponibilidade para com a proposta de trabalho.

O ponto comum na escolha dos representantes da comunidade para compor o grupo diagnóstico foi seu caráter democrático. O procedimento adotado variou um pouco de uma comunidade para outra. Em duas delas a seleção dos representantes foi feita em dois momentos. Primeiro foram indicados e listados todos aqueles que os presentes julgaram capazes de realizar o trabalho (cerca de 15 a 20 elementos). A seguir foi realizada uma triagem tomando como referência a disponibilidade do indicado e sua decisão de participação do trabalho. Obteve-se assim um grupo maior do que cinco elementos, ficando então combinado que cinco seriam os representantes e os demais seriam suplentes. Isto é, auxiliariam na realização do trabalho sempre que necessário. Nas outras duas comunidades o processo foi mais simples, houve a indicação dos nomes dos representantes e aquele que não aceitava era de imediato substituído por outro.

Os grupos-diagnóstico, de um modo geral, ficaram constituídos por elementos representativos dos diferentes setores sociais da comunidade, ou seja:

- Sete professoras leigas municipais;
- Duas catequistas;
- Cinco membros de Grupos de jovens ligados à Igreja Católica;
- Três pequenos agricultores, um deles Delegado Sindical;
- Um trabalhador rural;
- Um funcionário público;
- Uma artesã.

Após a reunião, houve um momento de trabalho com os grupos-diagnóstico oportunidade em que foram apresentados, mais detalhadamente, os objetivos e as atividades previstas no trabalho da Experiência. No momento, ficou marcado o treinamento a ser realizado em Canindé para definir as linhas de ação da pesquisa participativa.

### 3. Avaliação da Etapa

Para o momento de inserção na Comunidade a Equipe Técnica da Experiência apresenta, como sugestão, alguns elementos que poderão enriquecer o trabalho em outras comunidades.

O primeiro desses elementos é o tempo. O momento de inserção, considerado de fundamental importância para a realização do trabalho participativo requer uma penetração lenta e gradual dos técnicos que orientarão o trabalho. Faz-se necessário um espaço de quinze dias, em períodos alterados, dando aos técnicos maiores possibilidades de:

- Observar mais cuidadosamente a comunidade nos seus aspectos culturais e políticos;
- Elaborar a codificação de mensagens nesse período para que elas sejam de fato uma representação da realidade local;
- Conhecer melhor os elementos indicados para o grupo-diagnóstico e dar a estes oportunidade de uma escolha mais consciente.

O segundo desses elementos é a atuação do coordenador na reunião. Para um melhor desempenho faz-se necessário:

- Conduzir a reunião de forma mais atenta e crítica para perceber as contradições que possam surgir;
- Considerar como um momento importante da reunião o diálogo com a comunidade sobre a função a ser exercida pelo grupo diagnóstico.

## V. TREINAMENTO DOS GRUPOS DIAGNÓSTICO

### 1. *Passos Metodológicos na Preparação do Treinamento*

#### 1.1. *O Treinamento no Contexto da Experiência da Educação Rural Integrada*

A segunda etapa da Experiência começou com a inserção dos técnicos nas comunidades e culminou numa reunião onde foi apresentada a proposta da pesquisa participativa, e a comunidade indicou seus representantes para integrar um grupo-diagnóstico.

A fase seguinte, tal como planejada, consiste no treinamento dos grupos-diagnóstico para que possam desempenhar a função de coordenar a pesquisa a ser realizada pela própria comunidade. Segundo o projeto, este treinamento deveria incluir “o estudo da teoria, das hipóteses e da elaboração de instrumentos” que possibilitassem à comunidade “expressar livremente suas opiniões sobre os problemas que enfrenta e as possíveis soluções que visualiza”.

Na programação desta fase, a equipe teve que fazer frente às seguintes dificuldades:

- Impossibilidade de se deslocar para as sedes dos municípios para programar o treinamento com participação do pessoal dos Órgãos Municipais de Educação;
- Adiamento das atividades da pesquisa, tanto por inconvenientes surgidos nos municípios como por dificuldades operacionais da Secretaria de Educação. Esta defasagem

com respeito ao cronograma de Experiência fez com que a época do ano, na qual devia realizar-se o treinamento, não fosse a mais adequada. O trabalho agrícola e o início do ano escolar dificultaram consideravelmente a possibilidade do pessoal afastar-se das comunidades.

Esta situação foi analisada chegando-se à conclusão de que era necessário:

- Intensificar, durante o mês de janeiro, a reflexão sobre a continuidade do trabalho experimental. Isto implicou a re-elaboração do cronograma e a discussão sobre as técnicas a utilizar na pesquisa;
- Dividir o treinamento em etapas que possibilitassem reduzir consideravelmente o tempo que o pessoal ficaria fora de sua comunidade. Resolveu-se que a primeira etapa objetivaria aprofundar a compreensão do processo da Experiência, experimentar as técnicas que seriam utilizadas para coletar informações e elaborar as hipóteses que norteariam a pesquisa;
- A capacitação dos grupos-diagnóstico em habilidades tais como sistematizar as informações coletadas, elaborar núcleos problemáticos, formular uma proposta de ação e um plano educativo, ficariam para encontros posteriores mais breves, ou então para que cada técnico trabalhasse na própria comunidade.

A equipe, porém, tinha a convicção de que era necessário, por mais breve que fosse, um encontro dos grupos-diagnóstico das quatro comunidades. Esse encontro permitiria somar experiências e contribuiria para dar mais unidade ao trabalho.

Antes de programar a primeira etapa do treinamento, a equipe iniciou o trabalho de unificar critérios em torno da pesquisa participativa. Trabalhou-se especialmente sobre as técnicas para a coleta de informações e as suposições. Estas reflexões foram a base para definir o conteúdo e a metodologia do treinamento.

### 1.2. *As Técnicas para a Coleta de Informações*

No contexto da pesquisa participativa foi dada atenção especial à escolha das técnicas. Quem coordena e propõe a pesquisa são os técnicos, pessoas estranhas à comunidade. Disto pode derivar uma pretensão cientificista que conduza a uma valorização exa-

gerada da objetividade, porquanto a formação dos técnicos contém uma dose suficiente dessa ideologia.

Às vezes, sente-se a necessidade de trabalhar com instrumentos que assegurem o máximo de exatidão, porque eles oferecem uma certa segurança aos técnicos no caminho ainda a percorrer da pesquisa participativa. Porém, é preciso refletir sobre o perigo que implica esta atitude. A preocupação por obter resultados mais valorizáveis pela ciência — como “Instituição Social” — pode distorcer o sentido do trabalho todo.

A incoerência entre certas técnicas e os objetivos da pesquisa participativa pode apresentar-se em dois sentidos diferentes:

- a) Escolha de uma técnica que esteja fora do alcance das possibilidades da comunidade, seja pela ausência de recursos materiais para sua utilização, como pela complexidade da operação em si mesma. Neste último caso pode chegar-se ao absurdo de que o técnico seja o operador principal e as pessoas da comunidade passem a desempenhar as funções de ajudantes dele.
- b) Escolha de técnicas demasiado simples que não possibilitem à comunidade avançar no processo de compreensão de sua realidade. Isto pode fazer com que a comunidade perca o interesse no trabalho e diminua consideravelmente seu nível de participação.

Para evitar estes perigos é preciso compreender a pesquisa participativa como um processo educativo. Assim, cada atividade que o técnico proponha à comunidade deve atingir um equilíbrio entre dificuldades e facilidades. A objetividade possível está e estará condicionada pelo grau de reflexão que a comunidade tenha atingido num determinado momento de sua história. Esta reflexão da comunidade significa sua capacidade de tomar distância e objetivar a situação que vive para analisá-la. E este é o nível de profundidade que deverá servir como ponto de partida para a pesquisa. Ao mesmo tempo é necessário que a proposta implique um avanço para a comunidade no seu processo de tomada de consciência. A contribuição fundamental do técnico será garantir este crescimento. Na medida em que ele colabora com a comunidade na tarefa de descobrir as contradições na percepção que os sujeitos têm da sua própria realidade, está contribuindo para desencadear o processo de conhecimento, que se poderia representar como uma curva espiral. Em cada volta que descreve, retoma os mesmos pontos, ana-

lisa novamente os mesmos assuntos, mas num nível superior de desenvolvimento da consciência crítica.

Aparece, portanto, como necessário, ao escolher uma técnica para a pesquisa participativa, levar em conta os seguintes dados da realidade:

- Recursos disponíveis na comunidade. Não parece razoável propor uma técnica que coloque a comunidade em dependência de recursos vindos do exterior. A pesquisa não deve esgotar-se nesta primeira etapa. Pelo contrário, o maior sucesso será que a comunidade possa repeti-la cada vez que considera necessário replanejar as ações. Se para estas repetições depender da possibilidade de obter recursos externos, por não manusear técnicas adequadas a sua realidade, sua capacidade de decisão autônoma estará de fato limitada;
- Capacidades instrumentais dos sujeitos. É imprescindível não definir nenhuma capacidade instrumental como critério seletivo. Uma técnica que requer habilidades não comuns na comunidade, converte-se num elemento de seleção. Assim, o fato de “saber fazer”, especialmente quando esse saber é pouco comum na comunidade, se transforma num fator de poder e dominação. Aqui é preciso lembrar que se trata de constituir uma equipe, dentro da qual será possível desempenhar diversas funções.
- Nível ou grau de consciência do grupo. Neste sentido a técnica proposta deve oferecer uma margem suficiente para a comunidade realizar as adequações que estimar necessárias. Ao desenvolver a proposta esquemática do técnico o grupo terá a possibilidade de ir explicitando seu nível de reflexão. Aqui é fundamental levar em conta que aquilo que a comunidade necessita conhecer é o ponto onde começa a linha espiralada que representa o processo do conhecimento.

### 1.3. A Entrevista Aberta

A partir destas considerações definiu-se que a técnica mais adequada para a pesquisa participativa é a entrevista aberta, porquanto oferece oportunidade para que os próprios sujeitos da comunidade intervenham, na sua estruturação. Outras técnicas só objetivam recolher dados e fazem do sujeito um simples mediador

entre a informação e o investigador. Sua finalidade é reunir o maior número de informações possíveis e toda outra contribuição do interrogado passa a ser considerada como perturbação. A mesma coisa acontece com a entrevista fechada, onde tanto as perguntas como a ordem e a forma de apresentá-las já estão previstas e não podem ser mudadas. Na entrevista aberta, pelo contrário, o entrevistador tem liberdade para modificar as perguntas e intervir toda vez que for necessário em cada caso particular.

Pode-se definir a entrevista aberta como uma situação de comunicação humana, na qual um ou vários dos participantes procuram obter dados sobre o comportamento total dos outros no decorrer da situação. Ela se diferencia de outras situações de comunicação pelo fato de que, neste caso, deve procurar-se que tudo o que aconteça seja predominantemente determinado pelo entrevistado. De outra maneira, poder-se-ia afirmar que o entrevistador controla a entrevista, mas é o entrevistado quem a dirige.

Não obstante, é necessário definir algumas constantes, delimitar, na linguagem psicológica, um “enquadre fixo” que operará como “padronização” da situação estímulo. Estas constantes podem incluir o local em que se realizarão as entrevistas, a equipe de entrevistadores, a explicitação ou não do conteúdo sobre o qual se falará e o grupo de pessoas a entrevistar. Uma mudança em qualquer destas áreas poderá modificar os resultados das entrevistas e, portanto, quando essas mudanças forem feitas deverão ser assinaladas especialmente no informe final de cada entrevista.

Com respeito à equipe entrevistadora parece conveniente dispor de duas pessoas para cada entrevista. Primeiro, porque é preciso a quem faz as perguntas concentrar a máxima atenção no decorrer da entrevista. Em segundo lugar, porque a capacidade para escrever, principalmente com certa velocidade, pode não ser muito comum na comunidade rural. A presença, inclusive, de outros observadores não se considera prejudicial, levando em conta que a própria situação da entrevista já condiciona as respostas e as reações dos entrevistados. O que se deseja indagar é precisamente as respostas que as pessoas podem dar numa relação com os outros, num diálogo.

#### 1.4. *Plano para Utilização da Técnica*

Levando em conta tanto o número de pessoas entrevistadas, como o de entrevistadores, pode diferenciar-se a entrevista grupal

da individual. No contexto desta pesquisa, considerar-se-á como entrevista individual aquela na qual intervém só uma unidade populacional ou família.

A equipe debateu a conveniência de utilizar cada um destes tipos de entrevistas, considerando tanto os recursos disponíveis como as capacidades instrumentais da comunidade. Além do mais, levou-se especialmente em conta a disponibilidade de tempo, tanto dos técnicos em termos das margens institucionais para desenvolver o trabalho, como da comunidade, em termos do ritmo adequado para que ela possa perceber seus avanços e continuar motivada. Este ritmo é muito importante e depende da experiência da comunidade em projetos de desenvolvimento promovidos por suas organizações ou por instituições externas.

A partir destas considerações achou-se conveniente utilizar as entrevistas abertas conforme o seguinte plano:

- Realização de algumas entrevistas abertas às famílias pelos representantes da comunidade que integram o grupo-diagnóstico;
- Análise dessas entrevistas procurando verificar a exatidão das hipóteses formuladas. Esta análise deverá evidenciar a necessidade de entrevistas grupais;
- Realização de entrevistas grupais, mediante registro mecânico e com a participação dos técnicos na equipe entrevistadora.

Este processo tem duas importantes vantagens. A primeira, não deslocar nem substituir o grupo da comunidade, na tarefa de realizar efetivamente a pesquisa. A segunda, verificar a exatidão das hipóteses elaboradas possibilitando sua reformulação.

### 1.5. *Treinamento para Realizar Entrevistas*

O treinamento dos elementos dos grupos-diagnóstico terá como um de seus objetivos capacitar equipes entrevistadoras, nas quais seja possível um certa rotatividade nos papéis de entrevistador e observador registrador.

No treinamento foram considerados os seguintes aspectos:

#### — *Estrutura das Entrevistas*

Esta estrutura deverá definir-se trabalhando com o grupo na discussão dos objetivos do diagnóstico. Porém a equipe técnica

terá que fazer algumas propostas para que sejam discutidas com os participantes. Estas propostas aparecem explicitadas no projeto de trabalho que deu origem à Experiência.

— *Mensagens contidas na Entrevista*

Aqui será preciso pôr em evidência que numa entrevista podem ler-se duas mensagens: A mensagem, explícita e a implícita. A primeira tem relação com a história que cada um tem, já organizada, sobre a situação de sua família e seu papel na comunidade. A segunda está constituída pelas dúvidas, as inseguranças, enfim, por tudo aquilo que a pessoa não sabe que conhece nem deseja conhecer.

A primeira mensagem, será lida no texto da entrevista e é explicitada através da palavra. Constitui o conteúdo da comunicação verbal. Para colher esta mensagem é imprescindível que os elementos do grupo-diagnóstico aprendam a selecionar as frases mais importantes da conversa e a não agregar nenhuma opinião pessoal que possa desfigurar aquilo que o entrevistado está querendo dizer.

A segunda mensagem, o que os entrevistados não dizem, não manifestam explicitamente, aparecerá no seu comportamento. Constitui o conteúdo não verbal da comunicação. Para colher este conteúdo, os entrevistadores deverão se exercitar na observação de gestos, posições, atitudes, esquecimentos passageiros, silêncios, tom de voz etc. Será preciso listar os códigos que serão considerados como válidos nesta comunicação e treinar os entrevistadores na leitura destas mensagens. O observador deverá apontar simplesmente a ocorrência da mensagem e o momento no qual se produziu, para poder logo decodificar esta informação. As situações ou temáticas diante das quais se produz esse tipo de mensagem indicarão seu conteúdo mais provável.

Na análise das entrevistas, dever-se-á levar em conta o grau, que pode ser muito variável, de coincidência ou contradição entre estas mensagens.

— *Condições para a Realização das Entrevistas Familiares e Grupais*

Neste aspecto deve-se discutir, com os elementos do grupo diagnóstico, as condições que eles consideram mais apropriadas

para realizar as entrevistas. Estas condições referem-se a horários, duração máxima, espaço ou marco ambiental, papel técnico da equipe, limite do conteúdo, exposição da finalidade e abrangência da entrevista.

Aqui é preciso levar em conta que as condições podem ser diferentes para cada comunidade, segundo o que o grupo local considera mais conveniente em cada caso.

### — *Comportamento da Equipe Entrevistadora*

Parece necessário fazer com que as pessoas que vão realizar as entrevistas compreendam que seu instrumento de trabalho são elas mesmas e que isto implica a necessidade de assumir o treinamento com a maior responsabilidade, numa atitude permanente de auto-crítica. Algumas situações sobre as quais dever-se-á trabalhar durante o treinamento são as seguintes:

- A ansiedade que pode provocar uma entrevista, especialmente, quando é uma situação não conhecida pelo entrevistado nem pelo entrevistador. Neste aspecto é imprescindível que o entrevistador compreenda que não deve apressar a entrevista nem passar a desempenhar um papel muito ativo, deve respeitar o ritmo, o tempo próprio da pessoa entrevistada;
- O perigo de que o entrevistador não possa se manter afastado da situação, e perca a distância adequada. Se o entrevistador termina imerso na entrevista, comprometido com a temática e falando da sua percepção dos problemas, não terá tempo de ouvir o entrevistado. Esta maneira de agir levará sempre a achar só aquilo que se procura; tanto o que se encontra como o que não se encontra fica assim condicionado pelo entrevistador;
- A precisão exagerada nas perguntas que podem determinar as respostas ou, ao menos, limitá-las. Neste aspecto o entrevistador deverá ser o mais fiel possível às especificações temáticas para permitir o maior jogo ao entrevistado. Se for preciso fazer perguntas, elas devem ser claras e diretas;
- A distância afetiva adequada. Neste caso é muito importante que a equipe que vai realizar a entrevista não tenha, com os entrevistados, compromissos contraídos que possam

pesar negativamente na situação da entrevista. No momento de decidir quem entrevistará quem, deverá levar-se em conta estas situações. Além disso, os entrevistadores devem comprometer-se a não reagir frente às reações dos entrevistados. Simplesmente deverão registrar essas reações como elemento da resposta para a análise posterior.

No treinamento, além do debate destes problemas, deverão ficar definidas, com a máxima clareza, as etapas das entrevistas:

- Como se dará início à entrevista — parece conveniente iniciá-la com uma explicitação da sua finalidade e dos seus limites de conteúdo;
- Que coisas deverão ser registradas durante a entrevista e como será feito esse registro;
- Qual a margem da ação dos entrevistadores para reagir segundo o texto da entrevista;
- Como finalizá-la, considerando a possibilidade de relacionar brevemente aquilo que o observador tem escrito sobre a mensagem verbal do entrevistado.

— *Informações das Entrevistas*

Considerando que surgirão dificuldades de registrar as entrevistas por meios mecânicos será conveniente definir no treinamento como apresentar um informe para o momento de análise das informações. Este informe deverá ter uma organização que facilite a análise.

### 1.6. Metodologia do Treinamento

A programação deste treinamento deverá ser feita levando em conta que os grupos-diagnóstico deverão atingir necessariamente tanto uma compreensão clara dos objetivos e do conteúdo do projeto como as capacidades instrumentais requeridas para seu trabalho.

Existem portanto, dois tipos de aprendizagem a alcançar durante esta atividade de treinamento:

- a) A compreensão da proposta da Experiência o que implica o conhecimento dos objetivos, atividades previstas e metodologia do trabalho;
- b) A capacitação num conjunto de operações que o grupo-diagnóstico deverá assumir para a execução da Experiência e que são as seguintes:

- Entrevistar;
- Observar;
- Analisar;
- Sistematizar informações;
- Codificar;
- Coordenar reuniões; e
- Redigir informes.

Obs.: A capacitação do grupo-diagnóstico foi dividida em etapas ficando para este momento apenas as operações necessárias para realizar as entrevistas.

Nesta enumeração se considera que a operação “formular hipóteses” fica incluída em “analisar”, e “elaborar núcleos problemáticos” é um caso especial de sistematização.

Como atingir estas aprendizagens? Levando em conta que existe na equipe técnica suficiente clareza sobre o conteúdo das aprendizagens mencionadas, o problema consiste em escolher uma metodologia adequada a diferenciar as técnicas a utilizar segundo o tipo de aprendizagem que se propõe atingir.

Tratando-se de uma aprendizagem, cujo objetivo é a compreensão global a proposta, as técnicas a utilizar serão diferentes das necessárias para desenvolver uma capacidade instrumental.

Dois esclarecimentos parecem necessários:

- a) Quando se fala de compreensão global está se pensando numa compreensão que abrange inteligência e afetividade, e que chega até o comprometimento da pessoa com a ação proposta. Não se trata, portanto, só de uma compreensão a nível intelectual;
- b) Acreditamos que tanto a compreensão como a capacitação instrumental comprometem todas as áreas da personalidade e, portanto, modificam estruturas do pensar, fazer e sentir. Em consequência, os dois tipos de aprendizagem devem compreender-se definidos só pelo predomínio, em cada caso, de uma das áreas mencionadas: a de pensar-sentir no caso a compreensão e a de fazer no caso das capacidades instrumentais.

Feitos estes esclarecimentos pode-se explicitar qual é a técnica metodológica que se considera mais adequada para cada caso.

Tratando-se de uma aprendizagem do primeiro tipo, existem duas possibilidades extremas:

- a) Ou se considera que um grupo de pessoas tem a verdade e deve transmiti-la a outras que não a conhecem;
- b) Ou a partir de uma proposta inicial, a mais esquemática possível, se vai construindo o conhecimento num processo dialógico.

É evidente que a segunda possibilidade está mais compatível com nossa proposta de treinamento. Cada grupo deverá portanto participar na elaboração da informação, contribuindo com o seu "saber", derivado de sua experiência diferente, para aperfeiçoar o projeto de trabalho. Não obstante, parece conveniente esclarecer que esta proposta de trabalho não deve levar à desorganização da atividade de treinamento. Em geral é comum que as técnicas participativas tragam como conseqüências indesejáveis uma maior desordem no trabalho e um menor rendimento. Esta situação deriva da pouca experiência real de trabalho com estas técnicas. Portanto, considera-se imprescindível que seja elaborada uma proposta esquemática dos pontos a discutir e das decisões a serem tomadas pelos grupos-diagnóstico. O desafio consiste em elaborar documentos breves, numa linguagem clara e precisa e que, ao mesmo tempo, não sejam dogmáticos. Cada documento, ou cada proposta, deverá conter mais perguntas do que afirmações, mais problemas e sugestões para o grupo de trabalho discutir do que exposições teóricas.

O segundo tipo de aprendizagem, que consiste em obter o domínio de algumas capacidades instrumentais, só pode ser atingido através do fazer mesmo. Neste sentido já é uma verdade comprovada que só se aprende a fazer, fazendo. Acontece muitas vezes que os objetivos que se explicitam não têm nada a ver com os objetivos reais da aprendizagem, mas sempre acreditou-se nesse princípio de aprender a fazer, fazendo. É suficiente para confirmar esta afirmação pensar que a melhor maneira de aprender a obedecer é praticar a obediência, coisa que já aplicava a didática mais conservadora.

Mas apresenta-se aqui outra opção importante; o que será preciso fazer para aprender? Será acaso suficiente uma operação simulada? Ou é preciso que o aprendiz empreenda uma operação real? A operação simulada é uma ação vazia de sentido, que se não tem uma justificativa clara e consistente implica a desconfiança e desvalorização das pessoas que aprendem. Só pode ser utilizada a ação simulada se se tratar dos primeiros passos em uma aprendizagem e sua utilização deverá ser muito breve, chegando, o quanto

antes, a operações reais. Se isto é verdadeiro tratando-se da aprendizagem de crianças e jovens, é ainda muito mais para a aprendizagem das pessoas adultas. A artificialidade faz com que a pessoa, que aprende, perca o interesse no que está fazendo. A operação real, ao contrário, acrescenta o compromisso do aprendiz com a tarefa e desta maneira aumenta as possibilidades de atingir efetivamente as aprendizagens procuradas. Portanto, apresenta-se o problema de definir que operação real pode constituir ao mesmo tempo um avanço no trabalho da Experiência e a base das atividades do treinamento, na medida em que suponha o exercício das capacidades instrumentais que os elementos dos grupos-diagnóstico devem adquirir. Considerou-se que no contexto da Experiência, esta operação deveria ser a fórmulação das hipóteses da pesquisa, necessárias para nortear as entrevistas e a organização dos dados para serem analisados. Este trabalho exigirá a realização de entrevistas entre os participantes. Elas deverão ser analisadas pelo grupo, refletindo sobre as características mais importantes da técnica e sobre como superar os obstáculos que possam apresentar-se no momento do diagnóstico.

As informações obtidas nestas entrevistas deverão ser sistematizadas e analisadas pelos participantes até chegar o momento de formular um conjunto de hipóteses sobre a situação da sua comunidade.

### 1.7. *Hipóteses ou Suposições*

Uma vez definido que o trabalho que os grupos-diagnóstico realizariam no momento do treinamento seria formular as hipóteses da pesquisa, a equipe começou a discutir este assunto, visando atingir um consenso.

Ficou evidente que a fórmulação das hipóteses era imprescindível para nortear a elaboração do roteiro das entrevistas e definir uma forma de registro que facilitasse o momento da sistematização, especialmente, a sistematização a ser realizada nas comunidades no momento de definir a necessidade de entrevistas grupais.

Entende-se por hipótese o estabelecimento de uma relação entre dois fenômenos, que precisa ser testada ou comprovada pela pesquisa. Esta relação pode ser de causa, coexistência, inclusão etc. Em consequência, as informações a coletar devem permitir, confirmar ou refutar a relação apresentada na hipótese. Portanto, o seu conteúdo definirá as informações relevantes para a pesquisa.

A partir deste consenso, considerou-se necessário substituir a palavra hipótese por outra similar e que não fosse estranha às pessoas da comunidade. Nesta busca determinou-se que a palavra adequada seria “suposição”, tanto por ser suficientemente clara como por respeitar o conteúdo fundamental do vocábulo científico. Para facilitar a compreensão dos elementos dos grupos-diagnóstico procurou-se explicar as suposições como “aquilo que a comunidade acha da sua situação”. As suposições seriam, portanto, os “eu acho” da comunidade. Cada uma delas exprimiria a compreensão que a comunidade tem de um problema, assinalando a causa “suposta” do fenômeno vivenciado como problemático. Este conjunto de “suposições” da comunidade permitiria definir o assunto a ser tratado nas entrevistas.

O passo seguinte consistiu em determinar que material seria utilizado para explicitar essas suposições. Não havia dúvidas de que o material mais adequado seria o registro da primeira reunião com a comunidade. Nela foram apresentados os principais problemas e discutida a necessidade de realizar uma pesquisa para aprofundar o conhecimento desses problemas. Concluiu-se que os grupos-diagnóstico poderiam avançar a partir desse material, em um processo de reflexão orientado pelos técnicos.

## 2. Programa de Treinamento

O Programa elaborado pela equipe técnica para o treinamento do grupo-diagnóstico constituiu-se dos seguintes momentos:

### 2.1. Apresentação dos Participantes do Grupo-Diagnóstico

#### Objetivos:

- Proporcionar um conhecimento inicial dos participantes;
- Dar oportunidade para cada um falar da sua vivência na comunidade.

#### Sistemática de Trabalho:

- 1º) — Cada participante receberá um crachá.
- 2º) — Cada participante refletirá sobre a frase que aparecerá em um cartaz bem visível — “EM QUE POSSO COLABORAR COM ESSE TRABALHO”. Sugerimos

que os participantes se organizem em meio círculo o que facilitará o momento seguinte.

- 3º) — Cada um dos participantes falará de sua reflexão. As formas de colaboração apresentadas deverão ser registradas em uma folha de papel grande.

*Tempo Necessário:*

Uma hora e quinze minutos.

## 2.2. *Compreensão da Experiência*

**Objetivos:**

- Aprofundar o conhecimento dos objetivos da Experiência;
- Refletir sobre o papel do grupo-diagnóstico na comunidade.

**Sistemática de trabalho:**

- 1º) — Reflexão tendo por base o seguinte roteiro:

PERGUNTA GERAL	PERGUNTAS ESPECÍFICAS
— Por que fui escolhido por minha comunidade?	— Por que sou uma pessoa aceita por minha comunidade? — De que maneira tenho ajudado minha comunidade?
— Para que fui escolhido?	— O que eu conheço de minha comunidade? — Será que minha comunidade se conhece? — É importante que ela se conheça? Por quê? — De que maneira posso ajudar minha comunidade a se conhecer?

2º) — Apresentação e discussão dos resultados da reflexão.

3º) — Sistematização e aprofundamento tendo em vista os objetivos traçados.

**Técnicas utilizadas:**

1º) — Divisão em grupos simples, por comunidade. Em cada grupo deverá haver um coordenador e um relator.

2º) — Em plenário os relatores dos grupos formarão um painel com os resultados da reflexão.

3º) — Sistematização e aprofundamento pelo coordenador da atividade.

Tempo necessário:

Duas Horas.

### 2.3. *Conhecimento da Comunidade (Fundamentação)*

Objetivos:

- Refletir com o grupo sobre o processo de obtenção do conhecimento, distinguindo conhecimento individual e socializado;
- Discutir sobre a importância das suposições que as pessoas da comunidade têm sobre a sua realidade, para se fazer uma pesquisa participativa;
- Refletir sobre o modo de proceder para se realizar uma pesquisa participativa onde se possa verificar se as suposições que as pessoas têm sobre a realidade da comunidade são verdadeiras.

Sistemática de trabalho:

1º) — Realização de debate orientado, enfocando o processo de elaboração do conhecimento e a pesquisa participativa. O debate poderá ser orientado pelas questões seguintes:

- Como as pessoas adquirem conhecimento?
- O que faz com que a pessoa procure conhecer a realidade que a rodeia?
- O que diferencia o conhecimento de cada pessoa, do conhecimento do grupo?
- Como você pode ter a certeza de que aquilo que sabe sobre a realidade da sua comunidade é verdadeiro?
- Como a gente pode saber o que as pessoas pensam da realidade da comunidade?
- Como fazer para que todas as pessoas da comunidade participem desta pesquisa?

Todas as conclusões dadas pelos participantes deverão ser colocadas em cartazes, dando assim um destaque especial à participação do grupo.

2º) — Aprofundamento e síntese das principais idéias trabalhadas e das conclusões a que o grupo chegou.

Tempo necessário:

Duas horas.

## 2.4. Ensaio de Formulação de Suposições

### Objetivos:

- Vivenciar o processo de elaboração de suposições;
- Vivenciar as técnicas de entrevista, sistematização e interpretação das informações.

### Sistemática de trabalho:

- 1º) — Falar ao grupo sobre o trabalho que será realizado:
- Relacionando a reflexão sobre “O conhecimento da comunidade” com os objetivos do trabalho;
  - Explicando a sistemática de trabalho adotada;
  - Chamando a atenção sobre a entrevista:
    - como os grupos vão se organizar;
    - as responsabilidades no grupo;
    - a necessidade de um roteiro de entrevista.

O coordenador deverá falar do trabalho da forma mais dialogada possível provocando o grupo, pedindo sugestões. Quando falar da entrevista deverá chamar a atenção sobre a necessidade de um observador para ficar atento a tudo que o entrevistador não anotar ou perceber.

- 2º) — Divididos em grupos, por comunidade, o trabalho terá a seguinte sistemática:

MOMENTOS	GRUPO 1	GRUPO 2
1.º	Analisa o relatório da comunidade 2 e elabora o roteiro de entrevista	Analisa o relatório da comunidade 1 e elabora o roteiro de entrevista
2.º	Entrevista o grupo 2	É entrevistado p/ grupo 1
3.º	É entrevistado p/ grupo 2	Entrevista o grupo 1
4.º	Sistematiza as informações e devolve ao grupo 2	Sistematiza as informações e devolve ao grupo 1
5.º	Analisa as informações organizadas e formula suposições	Analisa as informações organizadas e formula suposições

O roteiro da entrevista deverá ser elaborado por cada grupo, com poucas perguntas, levando em conta a origem do problema, as causas e possíveis soluções. Para organizar as informações, os grupos deverão ser consultados sobre a melhor maneira. Sugerimos como ponto de partida o seguinte quadro:

<i>Problema Geral</i>	<i>Problemas Contidos no Problema Geral</i>	<i>Causas</i>	<i>Soluções</i>
Ex. Escola	1. Evasão 2. Falta de professor 3. Pouca qualificação do professor 4. 5.	1. Fome 2. 3. Não há cursos 4. Ninguém se interessa pelo lugar 5.	1. Merenda Escolar 2. Contratação 3. Treinamento 4. 5. O Padre vir mais vezes

O coordenador deverá estar atento às contradições que por acaso surjam, como por exemplo: uma causa apontada para um problema não mencionado, ou mesmo uma solução sem problema e causa. Isto se constitui elemento importante na formulação de suposições.

3º) — Plenário para apresentação das suposições elaboradas por cada grupo-diagnóstico.

## 2.5. Reflexão sobre as Técnicas Vivenciadas

### Objetivos:

- Refletir sobre a experiência de entrevista vivenciada pelo grupo, procurando sistematizar as ações necessárias ao planejamento e à condução da entrevista aberta, bem como a melhor forma de organização das informações obtidas;
- Refletir sobre a maneira como os participantes se sentiram nos papéis de entrevistador e entrevistado, procurando identificar as dificuldades surgidas e sugestões de como superá-las.

### Sistemática de trabalho:

- 1º) — Trabalho em quatro pequenos grupos, formados por participantes de todas as comunidades. Na oportunidade serão discutidas as técnicas vivenciadas. Esta reflexão poderá ser realizada com base nas seguintes questões:
- Para que serviu a entrevista que você fez?
  - Como você se sentiu como entrevistador? E como entrevistado?
  - Na entrevista com a comunidade é mais importante perguntar sobre números, datas, locais ou deixar as pessoas falarem mais livremente?
  - Durante a entrevista você anotou alguma coisa além das respostas do entrevistado?
  - Se o entrevistado começar a falar de outras coisas como você vai agir?
  - Se o entrevistado disser coisas com as quais você não concorda qual será sua atitude?
  - Quem falou mais durante a entrevista, você ou o entrevistado?
  - Na sua opinião, a hora do dia e o local podem ter importância no resultado da entrevista?
  - Você achou difícil arrumar as respostas que o entrevistado deu? Você achou importante arrumá-las? Para que serviu?
- 2º) — Reunião plenária onde serão apresentados os resultados do grupo e de onde se tirarão algumas conclusões no sentido de orientar o trabalho.

### Tempo necessário:

Duas horas.

## 2.6. *Preparação Final para o Trabalho com a Comunidade*

### Objetivos:

- Planejar a realização da pesquisa participativa na comunidade;
- Elaborar instrumentos para:
  - Coletar informações (roteiro de entrevista);
  - Organizar as informações.

### Sistemática de trabalho:

- 1º) — Poderá ser feito com todo o grupo um trabalho de reflexão:
  - Estou pronto para fazer o trabalho na minha comunidade?
  - O que está faltando?
  - Que tarefas tenho que realizar?
  - Quantas pessoas devo entrevistar? Como completar as informações?
  - Que pessoas devo entrevistar?
- 2º) — Trabalho em grupo simples, por comunidade:
  - Quando posso fazer o trabalho?
    - dias;
    - melhor horário.
  - Como vou registrar as informações?
  - Como vou organizar as informações?
- 3º) — Plenário para enriquecimento das sugestões.

Tempo necessário:

Três horas.

### 2.7. Avaliação Final

Objetivos:

- Medir em que aspectos o grupo cresceu e incorporou o conteúdo e a metodologia vivenciada durante o treinamento;
- Registrar algumas falhas da metodologia do treinamento.

Sistemática de trabalho:

- 1º) — Em meio círculo, os participantes, individualmente, refletirão sobre as seguintes perguntas:
  - Em que posso colaborar com este trabalho?
  - Se você fosse fazer este treinamento na sua comunidade, o que você não faria, ou que coisas você mudaria?
- 2º) — Plenário para apresentação dos resultados, que deverão ser anotados em folhas de papel grande.

Os resultados da primeira pergunta deverão ser confrontados com os resultados da mesma pergunta, feita no início do treinamento para que cada participante possa também se auto-avaliar.

Tempo necessário:

Uma hora.

Relato de execução:

### 3. *Relato de Execução*

O treinamento foi realizado de 16 a 18 de fevereiro de 1981, na Escola de Catequese de Canindé e contou com a participação das seguintes pessoas:

- 19 — Representantes das Comunidades de: Ipueiras dos Gomes, Monte Alegre, São Domingos e Bonito.
- 03 — Representantes do OME de Canindé.
- 03 — Representantes do OME de Caridade.
- 02 — Representantes do OME de Paramoti.
- 02 — Representantes do OME de General Sampaio.
- 07 — Representantes da Equipe Técnica da Experiência.
- 01 — Representante do MOBRAL (Supervisora da área).
- 01 — Representante do Projeto Sertanejo.
- 02 — Representantes do Projeto de Desenvolvimento das Colônias Pesqueiras.

A seguir apresenta-se um breve relato dos momentos vivenciados no decorrer do Treinamento e os principais resultados obtidos.\*

#### 3.1. *Apresentação*

A pergunta formulada no primeiro momento “Em que posso colaborar com esse trabalho”, com a finalidade de proporcionar um conhecimento inicial e dar oportunidade para cada um falar da sua vivência na comunidade, obteve os seguintes resultados:

- Conhecendo a realidade e seus problemas para depois agir;
- Ensinar ao nosso povo a ser educado;
- Conhecer a comunidade;
- Resolver os problemas junto com a comunidade;
- Informando a comunidade e colhendo informações;
- Com boa vontade e esperança;
- Não dando o peixe, mas ajudando a pescar;
- Vivendo a união fraterna;
- Com a ajuda das instituições;

\* *Nota do Editor:* optou-se pela manutenção *ipsis litteris* dos resultados obtidos, nessa etapa do trabalho. Idem para o Anexo III.

- Colaborar com a saúde;
- Dialogando;
- Viver em comunidade é enriquecimento;
- Colaborar com a sua experiência de trabalho;
- Nos cânticos da missa, reuniões e promover festinhas;
- Ajudar as pessoas mais necessitadas da comunidade;
- Saber o que a comunidade quer;
- Acompanhando, junto ao grupo de trabalho da comunidade, o desenvolvimento da experiência e junto ao MOBRAL;
- Integração: Comunidade e Entidades;
- Colocar a disposição da comunidade sempre que for necessário;
- Colaborar no que está ao meu alcance;
- Reunir e discutir os problemas com a comunidade;
- Mais participação de equipes para ajudar a comunidade;
- Através de reunião, discutir e refletir os problemas e procurar as possíveis soluções.

### 3.2. *Compreensão da Experiência*

Com a finalidade de aprofundar o conhecimento dos objetivos da experiência e refletir sobre o papel do grupo-diagnóstico, o segundo momento se desenvolveu como foi previsto.

Os resultados por comunidade são os seguintes:

Comunidade de São Domingos:

Respostas:

- a) Por que sou uma pessoa aceita por minha comunidade?
  - Sou amigo de todos;
  - Acho que tenho condições de ajudar;
  - Sou comunicativo.
  - Trabalho junto à catequese.
  - Sou professora municipal;
  - Tomo conta da Igreja;
  - Catequisei as crianças;
  - Procuo ajuda para a comunidade junto aos órgãos oficiais.
  - Ajudo a comunidade na parte de Saúde, Primeiros Socorros e Registro Civil.
- b) O que conheço de minha comunidade:
  - É desinteressada.

- É pobre;
  - Não é muito unida;
  - Nem todos se interessam pela religião;
  - Pessoal vive insatisfeito em relação às dificuldades financeiras.
- c) Será que minha comunidade se conhece?
- A comunidade se conhece, só não faz é agir;
  - A falta de educação e o problema de paternalismo impede que ela se conheça melhor;
  - As pessoas se conhecem, porém não conhecem os valores que cada um tem individualmente.
- d) É importante que ela se conheça?
- Sim, para valorizar e ajudar as lideranças da comunidade;
  - Para descobrir nas pessoas a capacidade que elas têm;
  - Para se entender e ter um diálogo mais aberto;
  - Para tornar a comunidade mais forte e unida.
- e) De que maneira posso ajudar minha comunidade a se conhecer?
- Através de reuniões, com paciência, saúde, disposição, coragem e boa vontade;
  - Procurando orientar as pessoas com muita calma.

**Ipueiras dos Gomes:**

- a) Por que fui escolhido por minha comunidade?
- Porque sou mais desenvolvida e tenho mais coragem de fazer as coisas;
  - Sou catequista, e a professora mais antiga que ensinou os pais e os filhos;
  - Sou ligada à Igreja e gosto de ajudar a comunidade;
  - Sou comunicativa e sei perdoar.
- b) De que maneira tenho ajudado minha comunidade?
- Ensinando as crianças;
  - Ajudando em todas as atividades, dando palestras para os jovens;
  - Ensinando catecismo para as crianças;
  - Dando bom exemplo;
  - Fazendo surrão.
- c) O que eu conheço de minha comunidade?
- A pouca participação da comunidade;
  - Muitas pessoas necessitadas que às vezes almoçam e

- não jantam, só comem arroz;
  - Falta de trabalho;
  - Falta de respeito dentro e fora da Igreja;
  - As crianças que crescem e vivem sem aula;
  - O dinheiro é pouco e não dá para pagar o que deve;
  - Os agricultores não têm terra e se submetem a plantar nas terras dos outros de meia e no verão não têm nada para comer.
- d) Será que minha comunidade se conhece?
- Acho que muitos não se conhecem porque estão de barriga cheia e não se lembram dos outros;
  - Não há possibilidade de contar o que está sentindo;
  - A gente não tem capacidade de ajudar o outro.
- e) É importante que minha comunidade se conheça?
- Sim, para resolver estes problemas;
  - Para discutir os problemas e unidos resolverem.
- f) De que maneira posso ajudar minha comunidade?
- Reunindo a comunidade;
  - As pessoas da comunidade são os tijolos. Todos juntos vão formar uma construção. A gente pode ajudar juntando os tijolos.

#### Monte Alegre:

- a) Por que fui escolhido por minha comunidade?
- Porque tenho qualidade para ser aceita e liderar com simplicidade;
  - Tenho capacidade de ajudar e disponibilidade para servir;
  - A comunidade confia em mim;
  - Sou responsável, simples e justo;
  - Tenho segurança em mim mesmo;
  - Sou autocrítica.
- b) De que maneira tenho ajudado minha comunidade?
- Fazendo reuniões;
  - Ajudando nos setores educacionais, saúde, religioso, animação e ações comunitárias;
  - Apoiando o surgimento de outros líderes.
- c) O que eu conheço de minha comunidade?
- As pessoas e a vivência das mesmas no dia-a-dia;
  - Os problemas, as estruturas e os recursos de que dispõe.
- d) Será que minha comunidade se conhece?

- Achamos que se conhece muito pouco e que a timidez impede que ela revele seus sentimentos.
- e) É importante que minha comunidade se conheça?
  - É importante que ela se conheça e tome consciência do que ela quer.
- f) De que maneira posso ajudar minha comunidade?
  - Refletindo com ela os problemas existentes a fim de que se conscientizem que são pessoas capazes de agir com firmeza nas ações.

**Bonito:**

- a) Por que fui escolhido por minha comunidade?
  - Porque posso me comprometer;
  - Confiam em mim e no meu trabalho;
  - Porque podia participar deste encontro;
  - Porque ajudo a promover a comunidade.
- b) O que eu conheço de minha comunidade?
  - Falta de união;
  - Falta de zelo pelas coisas que são de todos;
  - Existe muitas pessoas pobres;
  - Falta de educação.
- c) Será que minha comunidade se conhece?
  - Conhece mas não se entende e por isso não resolve seus problemas;
  - Nem todas as pessoas conhecem suas necessidades;
  - As pessoas não procuram viver em contato com as outras;
  - É preciso que as pessoas se reúnam para se conhecerem melhor.
- d) É importante que ela se conheça?
  - É, para que se desenvolva melhor;
  - Para que todos unidos possam desenvolvê-la;
  - Para que as pessoas cresçam.
- e) De que maneira posso ajudar minha comunidade?
  - Orientando as pessoas em reunião;
  - Ouvindo as pessoas;
  - Formando grupos;
  - Visitando famílias.

### 3.3. *Conhecimento da Comunidade*

Atendendo a uma proposta do técnico que coordenou esta atividade, a equipe resolve mudar a sistemática de trabalho prevista.

Desta maneira em lugar de uma reunião plenária onde se tinha (evidenciado) uma maior dificuldade dos participantes para intervir, se começou formando pequenos grupos. Estes grupos, constituídos aleatoriamente com pessoas de distintas comunidades, refletiram sobre as seguintes idéias:

— Como as pessoas obtêm o conhecimento — normalmente se obtêm o conhecimento de forma espontânea, através da observação das coisas que acontecem no dia-a-dia.

— O que faz com que a pessoa procure conhecer é a curiosidade e o desejo de compreender a realidade que a rodeia.

— O conhecimento da pessoa aumenta à medida que ela tem mais experiência (vivências). Porém, se estas experiências não forem enriquecidas pelo grupo, o conhecimento será apenas individual.

— Se este conhecimento individual for enriquecido pela convivência dos grupos, dando origem a ações ou experiências coletivas das quais surjam novos conhecimentos, obtém-se o conhecimento socializado da comunidade.

— Para obter-se o conhecimento socializado é necessário fazer uma pesquisa partindo do que as pessoas acham que é sua comunidade (suposições).

— Para se fazer esta pesquisa é preciso conversar (entrevistar) com as várias pessoas da comunidade e isto deve ser feito por pessoas da própria comunidade.

— Com esta maneira de se fazer pesquisa se consegue que as pessoas da comunidade:

- Conheçam seus problemas concretos, as causas que os determinam e descubram os meios que elas mesmas têm para resolvê-los;
- Observem e descubram se a sua comunidade é realmente como elas acham que ela é;
- Na medida em que vão conhecendo, elas vão se organizando e trabalhando para resolver seus problemas.

— Para fazer este trabalho de pesquisa as pessoas do grupo-diagnóstico (Grupo de Pesquisa) devem realizar as seguintes tarefas:

- Organizar um conjunto de suposições sobre a realidade da comunidade com base no conhecimento que o grupo tem;
- Entrevistar (conversar) as pessoas da comunidade para se obter informações importantes sobre a comunidade;
- Organizar num pequeno relatório, informações obtidas nas

várias entrevistas para ser apresentado à comunidade em reuniões;

- Realizar reuniões com a comunidade para debater o relatório e ver se as suposições são verdadeiras.
- Você pensou um pouco sobre:
- O conhecimento — conhecimento individual e conhecimento social;
- As suposições que as pessoas da comunidade têm sobre sua realidade;
- E a maneira de verificar se estas suposições são ou não verdadeiras;
- Nosso objetivo é levantar as suposições que temos sobre a nossa comunidade e ensaiar a melhor forma de, junto à comunidade, verificar se elas são verdadeiras.

Depois de uma leitura bem lenta, o grupo respondeu algumas perguntas e procurou exemplos que concretizassem os conceitos apresentados no texto.

Durante a leitura apareceram dificuldades quanto à compreensão de alguns conceitos. Isto evidenciou-se no momento em que o grupo devia procurar exemplos ou responder as perguntas.

Depois do trabalho grupal, foi realizado um plenário, onde os grupos colocaram em comum suas reflexões.

#### 3.4. *Ensaio de Formulação de Suposições*

Este momento iniciou-se com um plenário onde foi apresentada ao grupo a proposta de trabalho a se realizar. Esta apresentação foi feita mediante um cartaz onde se especificava a tarefa correspondente dos distintos grupos-diagnóstico em cada uma das fases.

O trabalho cooperativo, previsto para este momento foi organizado da seguinte forma: o grupo de Bonito trabalhou com o de Ipueiras dos Gomes, e o grupo de Monte Alegre com o de São Domingos.

Nesta primeira fase, não ficou claramente evidenciado o relacionamento do trabalho a fazer com a reflexão teórica do momento anterior. Os esclarecimentos foram feitos durante o trabalho grupal, o que prejudicou a unidade dos critérios aplicados.

Cada grupo começou analisando o relatório da reunião da outra comunidade, com a qual estava cooperando. Como resultado desta análise elaborou-se um roteiro para entrevistar o grupo-

diagnóstico. Este roteiro foi bem simples, abrangendo algumas perguntas necessárias para uma maior compreensão e identificação dos principais problemas, suas causas e soluções segundo as opiniões da comunidade.

O técnico que cooperava com o grupo fez uma breve reflexão sobre a entrevista, especialmente quanto ao modo de agir dos entrevistadores e à necessidade de registrar tudo o que acontecesse.

Cada grupo viveu a experiência de entrevistar e ser entrevistado. Os técnicos só participaram nesta fase como observadores, procurando intervir o mínimo possível.

Na terceira fase os grupos tentaram sistematizar as informações das comunidades que estavam sendo analisadas. Essas informações provinham de duas fontes: o relatório da reunião realizada com a comunidade e as respostas do grupo-diagnóstico durante a entrevista. Os resultados desta fase foram os seguintes:

- a) Informações de Ipueiras dos Gomes sistematizadas pelo Grupo de Bonito.
- b) Informações de Bonito sistematizadas por Ipueiras dos Gomes.
- c) Informações de Monte Alegre sistematizadas por São Domingos.
- d) Informações de São Domingos sistematizadas por Monte Alegre.

Este material foi entregue aos grupos, em cartazes, para começar a fase seguinte. Uma vez que cada grupo teve em seu poder a informação ordenada sobre sua comunidade iniciou-se um processo de reflexão que devia ser concluído com a formulação de “suposições”.

O trabalho dos grupos nesta fase atingiu níveis bem diferentes tanto pela falta de um consenso dos técnicos com respeito às suposições, como pelas dificuldades objetivas de cada grupo.

Porém, levando em conta que o pessoal não podia ficar mais tempo afastado da sua comunidade, tomou-se a decisão de dar por finalizada esta etapa. Desta maneira ficava a tarefa de aperfeiçoar as suposições para a primeira viagem que os técnicos realizariam às comunidades.

Os resultados desta fase foram os seguintes:

Suposições elaboradas pelos grupos:

- a) — São Domingos

- Falta professor qualificado e um bom salário.
  - As crianças não vão à escola porque os pais não se interessam.
  - As escolas não eram organizadas por falta de um órgão competente.
  - Falta de interesse das autoridades pela saúde da comunidade.
  - A comunidade é pobre por vontade de Deus.
- b) — Bonito
- Em Bonito a relação existente entre o trabalhador rural que não tem terra e o dono da terra é de opressão.
  - Na comunidade de Bonito é preciso que as mulheres e os menores trabalhem para ajudar na sobrevivência da família.
  - A falta de condição na maioria das famílias faz com que as pessoas não entrem na escola ou não continuem os estudos.
  - As coisas que a escola ensina ajuda as pessoas a melhorarem de vida na comunidade.
- c) — Monte Alegre
- Faltam professores de alfabetização, por falta de cooperação do órgão Municipal.
  - Faltam prédios escolares por falta de cooperação do Órgão Municipal de Educação.
  - Faltam prédios escolares por falta de interesse da comunidade.
  - Por falta de salários justos não existem professores para as séries terminais.
  - Se existir interesse da comunidade por cursos profissionalizantes, se pedirão apoio do MOBREAL.
  - Apesar de existir uma infra-estrutura de apoio ao saneamento comunitário, nem a comunidade nem as entidades parecem interessadas.
  - A irregularidade na posse de documentos da terra está impedindo que os agricultores sejam beneficiados pelo GESCAP.
  - Os homens se deslocam para o Sul pois lá existe facilidade de emprego.
- d) — Ipueiras dos Gomes
- Para quem fica em Ipueiras dos Gomes tanto faz estudar

como não estudar.

- A Escola serve para melhorar a situação de quem fica em Ipueiras dos Gomes.
- O desenvolvimento da comunidade de Ipueiras dos Gomes depende da energia elétrica.
- A relação entre empregado e patrão em Ipueiras dos Gomes é uma relação justa.
- Para aumentar a renda familiar é necessário que a mulher de Ipueiras dos Gomes tenha uma profissão.
- Para aumentar a renda familiar é necessário que mulher de Ipueiras dos Gomes tenha onde trabalhar.
- Uma das razões de Ipueiras dos Gomes não se desenvolver é ter dois administradores.

### 3.5. *Reflexão sobre as Técnicas Vivenciadas*

O quinto momento teve que sofrer uma pequena simplificação em virtude do tempo.

A sistemática de trabalho estava formulada com muitas perguntas, o que dificultaria bastante o trabalho de grupo. A simplificação ficou assim formulada com os respectivos resultados dados pelos grupos.

- O que se deve observar durante a entrevista?
  - Como a pessoa é recebida.
  - Como o dono da casa se sente ao responder à entrevista.
  - A maneira como as pessoas falam.
  - Se estão aceitando a nossa conversa.
  - Como se comportam e participam durante a entrevista.
- Como deve agir o entrevistador?
  - Ser bem flexível e saber ouvir.
  - Deve ser bem claro.
  - Deve respeitar a opinião do entrevistado.
  - Deve respeitar os horários das pessoas.
  - Não fazer perguntas dando já uma resposta.
  - Não ser aborrecido e sim bem delicado.
  - Deve perguntar do jeito que se fala.
  - A entrevista é importante para o desenvolvimento do trabalho.
- Como deve ser feito o registro?
  - O registro deve ser feito em folhas de papel diferentes.

- Deve ser feito por mais de uma pessoa do grupo-diagnóstico.
- Registrar aquilo que for mais importante.
- Trocar idéias no caminho.
- O entrevistador deve ler o registro depois de cada entrevista.
- Arrumar as informações do jeito que se sabe.
- Registrar para não perder as respostas.
- Como deve ser o roteiro?
  - Bem claro e organizado.
  - Simples.

### 3.6. *Preparação Final para o Trabalho com a Comunidade*

Este momento iniciou-se com uma reunião plenária na qual se falou das etapas do trabalho nas comunidades. Os elementos dos grupos-diagnóstico participaram ativamente do plenário e apresentaram como sugestão a realização de uma reunião com as comunidades antes de começar a pesquisa, para informar sobre os acontecimentos do treinamento.

Ao finalizar o plenário foi discutido o que os grupos-diagnóstico tinham que decidir antes de começar as entrevistas. Em continuação cada grupo-diagnóstico reuniu-se com o pessoal de nível central e o técnico do Órgão Municipal, que cooperariam com sua pesquisa na comunidade.

Os resultados deste momento atingiram níveis bem diferentes para cada grupo. Alguns chegaram a elaborar o roteiro para as entrevistas familiares, definir o número (a quantidade) de entrevistas a realizar, e construir as equipes entrevistadoras. Outros ficaram trabalhando as suposições e só tiveram tempo de começar a elaboração do roteiro.

Na realidade o problema principal foi a falta de tempo. Tendo-se tomado a decisão de finalizar o treinamento no terceiro dia, o ritmo do trabalho foi apressado. A equipe considerou que a maior parte da tarefa proposta para este momento podia ser realizada na comunidade, durante a primeira visita dos técnicos antes de começar o trabalho nas comunidades.

Levando em conta esta decisão, foi suprimida a realização do plenário final, passando diretamente ao momento da avaliação.

### 3.7. Avaliação do Treinamento

Durante o treinamento, procurou-se viver um clima de constante avaliação. Para isso os participantes colocavam em um envelope opiniões e sugestões sobre os trabalhos que vinham sendo desenvolvidos.

Nesse momento, na tentativa de sondar se o grupo cresceu e incorporou o conteúdo e a metodologia vivenciadas durante o treinamento, procurou-se refletir sobre a mesma pergunta do primeiro momento: "Em que posso colaborar com esse trabalho". Os resultados foram os seguintes:

- Saber se as suposições de nossa comunidade são verdadeiras para depois agir.
- Agir de acordo com a minha curiosidade, experiência e aceitação.
- Através de pesquisas, reuniões e um diálogo para conhecer a comunidade.
- Com boa vontade e o desejo de ver a comunidade melhorar.
- Com boa vontade fazer amizade com a comunidade e desenvolver nosso povo entrevistando as famílias.
- Reunir a comunidade para sentir mais de perto os problemas que sente.
- Despertar a comunidade para os seus problemas.

### 3.8. Atividades de Integração Grupal e Recreação

No segundo dia do treinamento foi realizada uma atividade de recreação no período da noite, que contou com a participação de quase todos os assistentes.

Para o momento de encerramento, as equipes dos Órgãos Municipais de Canindé, Paramoti, Caridade e General Sampaio, prepararam uma paródia, uma versão de manero-pau, com atividades e momentos vivenciados durante o treinamento.

## 4. Avaliação da Etapa

O treinamento contou com alguns pontos que dificultaram o atingimento satisfatório de seus objetivos, tais como:

- A participação dos elementos do OME de Canindé e Ca-

ridade foi sacrificada por não terem sido definidas, anteriormente, as funções e competências de cada um, no treinamento. Isso deveu-se à ausência de um planejamento conjunto, por impossibilidade dos técnicos da equipe central deslocarem-se para os municípios na fase preparatória.

- A presença, no treinamento, de 50% de pessoas não diretamente ligadas à implantação da Experiência, gerou um certo desequilíbrio nas técnicas planejadas. Para superar tal dificuldade a equipe planejou, para alguns momentos, um trabalho paralelo, onde essas pessoas se fundamentaram sobre o trabalho da Experiência e definiram o seu posicionamento nos outros momentos do trabalho.
- Os objetivos do treinamento não foram claramente apresentados no início dos trabalhos gerando uma expectativa no grupo.
- A redução de um dia no tempo previsto para a realização do treinamento fez com que alguns momentos importantes do trabalho deixassem de ser aprofundados satisfatoriamente.
- A metodologia do terceiro momento do treinamento distanciou-se daquela que vinha sendo adotada. O texto oferecido para reflexão estava além das possibilidades dos grupos, sem qualquer relação direta com suas vivências e o processo dialógico não aconteceu.
- A ausência de apoio administrativo durante o treinamento fez com que alguns elementos da equipe técnica assumissem essas atividades, prejudicando sua participação efetiva no trabalho de orientação e registro.
- A ausência de uma programação de atividades de lazer deixou de proporcionar uma maior integração dos participantes.

## VI. DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO

### 1. *A Coleta de Informações*

A Coleta de Informações é o trabalho empreendido pelo grupo-diagnóstico com o objetivo de adquirir um visão de conjunto da vida da comunidade, de sua organização interna, de suas relações com a sociedade global e de descobrir a percepção que a comunidade tem de sua própria situação.

Trata-se de uma pesquisa em torno das opiniões da comunidade, procurando investigar os problemas que ela considera como principais.

Esse tipo de pesquisa possui uma metodologia e indicadores especiais, ainda que possa adaptar-se às diferentes situações das comunidades.

Para tanto, partiu-se de hipóteses (suposições) \* que representassem os problemas supostamente sentidos, como centrais, pela comunidade, para tentar ao longo de um trabalho de diálogo — entrevistas familiares, entrevistas grupais, reflexões com o grupo-diagnóstico, assembléias da comunidade — definir os núcleos problemáticos \*\* reais da comunidade.

\* Estas suposições foram elaboradas com o grupo-diagnóstico a parti das informações colhidas na primeira reunião da comunidade (ver relatório — “Treinamento do grupo-diagnóstico”).

\*\* Um núcleo problemático é a explicação comum de um conjunto de problemas concretos que a comunidade tem e que determina a existência, o comportamento, a consciência e as relações das pessoas que vivem esses problemas.

Durante este trabalho a comunidade terá realizado um processo educativo: descoberta e reflexão das suas contradições ideológicas mais importantes, compreensão de algumas dificuldades como “emergentes”, ou manifestações de problemas mais profundos, explicitação das relações entre diferentes dificuldades que aparecem isoladas e, na realidade, derivam de núcleos problemáticos comuns. Com base nestas reflexões será possível programar ações educativas que possam contribuir para a solução de problemas pela própria comunidade.

Esta linha de trabalho permitirá ainda manter as ações dentro do nível para o qual foi planejada a pesquisa — a educação como âmbito ideológico do processo de desenvolvimento rural integrado. Conseqüentemente, contribuirá para que a comunidade programe ações que se desenvolvam nesse âmbito, ainda que essas ações possam e devam contribuir para gerar outras, a partir do atingimento de níveis superiores de consciência e organização.

Apresenta-se agora a questão da escolha de técnicas adequadas para obter as informações. Optou-se pela entrevista aberta \* considerando que sua flexibilidade favorece uma expressão mais autêntica dos entrevistados, possibilitando mesmo a coleta de uma informação mais próxima da realidade, o que contribui para o objetivo do diagnóstico participativo que é conhecer o nível de percepção e de consciência da comunidade.

### 1.1. *Entrevistas Familiares* *O roteiro*

Considerando que a suposição era o marco norteador da pesquisa participativa, cada grupo-diagnóstico elaborou um roteiro para realizar as entrevistas familiares com base na suposição elaborada.

A finalidade do roteiro era única e exclusivamente apoiar os entrevistadores no momento da entrevista, de modo que as informações consideradas importantes fossem registradas. Os roteiros, embora previamente elaborados, foram utilizados sem formalidade, de maneira flexível, deixando que o entrevistado falasse livremente. Vejamos um exemplo do roteiro elaborado por uma comunidade, tendo por base uma das suposições:

Suposição:

\* Entrevista aberta — entende-se aqui como entrevista aberta aquela semi-estruturada, com um roteiro previamente elaborado.

“A falta de condição das famílias faz com que as pessoas não entrem na escola ou não continuem os estudos”.

**Roteiro da entrevista:**

- Todos da casa estudam? Por quê?
- Aqui tem escola suficiente para as crianças e adultos?
- Vocês gostam das professoras e do estudo das crianças?
- Há necessidade de mais professoras?
- Que material escolar falta para as crianças?
- Os alunos são muito reprovados na escola?
- Qual a importância da escola para seus filhos?

**Forma de registro**

Após a elaboração do roteiro de entrevista, cada grupo-diagnóstico discutiu e escolheu a melhor forma de registrar as informações. A forma de registro variou um pouco de comunidade para comunidade, levando em conta o nível de dificuldade dos entrevistadores para anotar as informações. Para tanto, três comunidades optaram pela seguinte forma: pergunta, resposta e observações complementares; e uma optou pela seguinte: assunto, idéias principais e observações.

Vejamos um exemplo das duas formas de registro:

<i>Pergunta</i>	<i>Resposta</i>	<i>Observações Complementares</i>
<i>Educação</i>		
1. Para que serve a educação que recebe na escola?	— Serve para tirar documentos, para entrar numa repartição e falar com as pessoas da entidade	— Participaram da entrevista o marido e a mulher
2. O que você gostaria que a escola ensinasse além do que ela ensina?	— Ensinasse o catecismo, a receber uma pessoa, a conversar e respeitar	

Na segunda forma, o registrador não se preocupava com o roteiro de perguntas que estava com o entrevistador, preocupava-se apenas em ouvir o diálogo do entrevistado e captar as idéias centrais.

ASSUNTO	IDÉIAS PRINCIPAIS	OBSERVAÇÕES
Educação	“O pouco que sabe dá graças a Deus ganhou o casamento civil a custa do voto e ganhou os registros dos filhos foi com a ajuda do pouco que sabe não sabe nada porque antigamente os pais tinham pouco interesse. Estudar é melhor, fica mais desenvolvido, quando crescer ganha do saber. Ficando aqui é muito atrasado o lugar, mas dá ao menos para ser uma professora e ajudar na Igreja”.	— Entrevistados pai, mãe, filhos bem moços

Na segunda forma, o registrador não se preocupava com o roteiro de perguntas que estava com o entrevistador, preocupava-se apenas em ouvir o diálogo do entrevistado e captar as idéias centrais.

### *Testagens*

Com a finalidade de testar o roteiro, a forma de registro, ver o desempenho do entrevistado e do entrevistador, foram realizadas três entrevistas em cada comunidade com a presença de um elemento da equipe central e outro do Órgão Municipal. Após a realização dessas entrevistas houve um momento de avaliação com os grupos-diagnóstico. Nessa oportunidade foram observados se o roteiro estava claro, se dava para confirmar ou negar as suposições, se a forma de registro atendia de fato às condições do grupo, se o entrevistador falou muito, se direcionou as perguntas, se o registrador captou as informações, se houve dificuldade para registrar ou não. Deste modo foram realizadas as devidas correções para as entrevistas posteriores.

### *Entrevistas realizadas*

Levando em consideração as ocupações dos elementos dos grupos-diagnóstico, eles preferiram realizar as entrevistas familia-

res nos fins de semana. Em média, por comunidade, foram realizadas 30 entrevistas, no período aproximado de um mês. Foi constatado posteriormente, que os elementos dos grupos-diagnóstico não tiveram nenhum obstáculo para efetuar as entrevistas, já que as famílias se colocaram muito abertas ao diálogo, não fazendo nenhuma restrição às perguntas e aos entrevistadores.

Para se fazer um levantamento de todas as informações dadas pela comunidade nas entrevistas familiares a Equipe Central procurou organizar um mapa que possibilitasse uma caracterização geral de cada suposição pesquisada.

Para tanto procurou-se fazer o seguinte registro:

INFORMAÇÕES	ENTREVISTAS					CONTRADIÇÕES
	1	2	3	4	...	

Procurava-se assim obter um mapa com: todas as informações, a frequência com que apareceram, e pistas para possibilitar a reflexão sobre as contradições. Esta análise evidenciou a necessidade de entrevistas grupais para explorar estas contradições e/ou complementar as informações.

### 1.2. Entrevistas grupais

De posse do material colhido nas entrevistas familiares a equipe de trabalho se reuniu na comunidade para:

- Refletir sobre as informações.
- Discutir os problemas que deveriam ser mais explorados.

Dáí surgiu a necessidade de entrevistas grupais com o objetivo de enriquecer as entrevistas familiares — explorar as contradições e obter novas informações.

As contradições, ou seja, tudo aquilo que a comunidade apresentava, de forma conflitiva, (Por exemplo: afirmar que a escola não está servindo para nada e ao mesmo tempo apontar a necessidade de mais escolas) serviram de ponto de apoio para desencadear o diálogo com a comunidade. Explicitar essas contradições e deixar que o pessoal fale livremente sobre elas é o objetivo destas entrevistas. Não se procura superar as contradições na hora. De fato ficarão superadas se forem superficiais e não refletirem o pensamento da comunidade. Do contrário, aparecerão com maior evidência para iniciar um processo de reflexão.

Outro ponto de apoio foi a insuficiência de informações para confirmar ou negar uma dada suposição. Procura-se nesse momento provocar situações que possam dar mais elementos para configurar o problema.

Tentaremos mostrar como foi feito o processo de reflexão dos grupos em seus níveis — equipe central, órgão municipal e grupo diagnóstico. Para refletir sobre um problema conflitivo, como por exemplo o da educação, percebido por elementos como:

- A escola não serve para o lugar;
- É melhor a vida de um que não sabe nada;
- É necessário mais escolas;
- Precisa-se de um grau mais adiantado na escola.

Foram levantados alguns pontos para reflexão:

- O que significa ficar na comunidade em termos de estudar para ficar;
- Valorização da educação — o que significa;
- Relação que existe entre educação e a melhoria que se encontra lá fora;
- Relação professor x aluno — função social do professor na comunidade aspirações educacionais.

Com base nessa reflexão foi elaborado um roteiro para desencadear o diálogo com pais e alunos. Ficou assim organizado:

01. O que vocês entendem por educação?
02. A educação depende da escola?
03. O que faz uma pessoa que estuda ficando na comunidade?
04. Em que as pessoas melhoram quando saem da comunidade?
05. Para que as pessoas educadas pudessem ficar na comunidade, o que seria necessário?
06. Se a comunidade não pode mudar para ficar com as pes-

soas educadas que outras coisas poderiam mudar para as pessoas ficarem?

07. Para que serve a escola numa comunidade?

08. Qual a importância do professor?

Outro exemplo de problema conflitivo foi em relação ao trabalho da mulher quando as entrevistas afirmam os seguintes pontos:

— As mulheres gostariam de trabalhar para ajudar na despesa da casa;

— As mulheres já trabalham o dia inteiro nos serviços domésticos, na roça etc.

Com base nessa contradição foi feita uma reflexão, observando-se o seguinte:

— O que pensam as pessoas sobre trabalho;

— Meios para realizá-lo;

— Comercialização;

— O que faz a mulher com os filhos enquanto trabalha;

— Descobrir que: — quem tem meios de produção tem mais possibilidade; — os meios não são suficientes, é necessário mercado.

A contradição foi explorada com o seguinte roteiro contando com a participação de um grupo de mulheres da comunidade:

01. O que consideram trabalho?

02. Muitas mulheres da comunidade acham que precisam ganhar para ajudar o marido, e já sabem costurar, trabalhar com palha e outros. O que está faltando para fazerem estes trabalhos?

03. Se todas as mulheres, que sabem por exemplo, costurar, pegassem suas máquinas ou arranjassem máquinas e costurassem roupas, o problema estaria resolvido?

04. Para mulher que sabe fazer um trabalho fica faltando o que para ganhar dinheiro?

05. É possível conseguir os meios e/ou comprador?

06. Algumas mulheres trabalham na roça; esse trabalho é pago? de que forma?

07. Quando vocês trabalham na roça, ou costurando, quem cuida dos filhos?

08. Será que os filhos se prejudicam com a ausência de vocês? Em quê?

09. Se vocês não podem ganhar dinheiro com um trabalho porque, ou não têm meios para fazer, ou não têm quem com-

pre, será que não existe outro meio de ajudar no sustento da família? Qual?

Constatou-se a insuficiência de informações, por exemplo, nos dados que se referiam ao relacionamento patrão "x" empregado. Nesse aspecto refletiu-se sobre:

- Quem é considerado:
  - PATRÃO — qual a percepção do patrão sobre o modo de vida que deve ter um empregado?
  - EMPREGADO — que pensa o empregado a respeito de suas próprias condições em relação ao patrão?
- Vê se há possibilidade de perceber os distanciamentos e pontos de solidariedade
- O fato de ser proprietário asseguraria a auto-suficiência?
  - dependência mesmo sendo proprietário
  - patrão tão dependente quanto o empregado  
"O patrão é um pai"
- Quem é o pai?
  - autoridade
  - protetor
- Relação com o pai?
  - sanguíneo
  - patrão
- Sindicato

A reflexão tinha como objetivo conseguir maiores informações sobre o problema. Daí a elaboração de um roteiro para entrevistar o agricultor sem terra, que ficou assim organizado:

01. Quais as dificuldades como agricultor sem terra?
02. De que forma pagam a renda?
03. Quem determina que o trabalhador tem que pagar essa renda?
04. Qual a atuação do sindicato?
05. O que melhoraria se tivesse um pedaço de terra?
06. Só o fato de possuir a terra já é o suficiente para produzir?
07. O que mais é necessário?
08. Dependem de quem as condições? Como se consegue e como se paga?

E de outro roteiro para entrevistar o agricultor com terra. Foram levantados os seguintes questionamentos:

01. Quais as dificuldades do agricultor que tem terra?

02. Vocês também trabalham na terra?
03. A renda da terra dá suficiente para viver?
04. Teria uma forma da terra produzir mais?
05. Como é hoje a situação do agricultor que não tem terra?

### *Estruturação do Grupo*

Em relação aos grupos, procurou-se definir se seriam grupos homogêneos ou heterogêneos.

Em geral, levando em conta que nosso principal objetivo de trabalho são as representações que os sujeitos têm das relações sociais nos quais participam, seria conveniente que tomassem parte da entrevista os grupos comprometidos nas diferentes relações. Trabalhando ou refletindo sobre a compreensão que os sujeitos possam ter de suas relações será necessário comparar as imagens mútuas.

Daí a importância dos grupos heterogêneos para estas entrevistas. Tratando-se de escola, seria conveniente que no grupo participassem professores, pais, alunos e até ex-alunos que tenham ficado na comunidade. Tratando-se de diferentes valorizações do trabalho da mulher poderia ser necessário que participassem do grupo homens e mulheres, e mulheres que fizessem diferentes tipos de trabalho.

Porém, quando a contradição aparecesse mais como própria só de um sujeito, em um pólo de relação, seria conveniente constituir um grupo homogêneo. Neste caso, o confronto com os sujeitos que ocupam o outro pólo poderia até ser prejudicial e travar a expressão livre dos problemas e, conseqüentemente o avanço do nível de consciência.

Assim sendo, cada comunidade organizou os seus grupos de forma a enriquecer melhor as entrevistas familiares. Para facilitar o diálogo cada grupo contou com um número de 15 a 20 participantes. Alguns tinham participado das entrevistas familiares, outros não.

### *Forma de Registro*

Para o registro das entrevistas grupais optou-se pela gravação com o uso de fitas-cassete.

Os meios mecânicos para o registro tanto facilitam o desempenho dos entrevistadores, como ficam gravados todos os detalhes da reunião, enriquecendo mais o trabalho.

Para introdução do gravador a equipe central fez uma refle-

xão com o Órão Municipal e o grupo-diagnóstico observando os seguintes aspectos:

- dificuldade de registrar uma entrevista com muitas pessoas e captar todas as informações;
- menor preocupação com o registro das informações facilitando o desempenho dos entrevistadores;
- enriquecimento do trabalho, pois serão captadas todas as informações;
- impacto que o aparelho poderia causar provocando a inibição do grupo.

O grupo-diagnóstico encarregou-se de explicar para os entrevistados, logo no início das reuniões, como seria feito o registro e a aceitação foi total.

As reuniões se desenvolveram em ritmo normal, havendo em algumas comunidades problemas mecânicos que impediram uma gravação perfeita e até mesmo prejudicaram a gravação. Neste caso um elemento da equipe central fez o registro acompanhando, na medida do possível, o ritmo das discussões.

Após cada entrevista grupal as gravações deveriam ser ouvidas pelos participantes, porém em alguns casos não houve tempo ou interesse dos entrevistados neste sentido.

### *Entrevistas Realizadas*

As entrevistas realizaram-se num período de três a quatro dias com a presença dos técnicos da Equipe Central e Municipal. O grupo-diagnóstico assumiu a coordenação das reuniões apoiado no roteiro previamente elaborado. Cada comunidade realizou de três a cinco entrevistas grupais.

No início da reunião foi exposto o objetivo daquele momento, feita a primeira pergunta, ficando o grupo bem à vontade para falar, só havendo interrupção dos entrevistadores para realimentar o diálogo. Não se procurou esgotar os problemas, mas confirmar e aprofundar a análise em termos das contradições que existem na comunidade quanto a seus interesses e necessidades.

### *Ordenamento*

De posse de todo material das entrevistas grupais a equipe central, depois de ouvir as gravações e transcrevê-las, selecionou as informações que confirmavam ou enriqueciam os problemas pesquisados. Estas informações, juntamente com as das entrevistas

familiares, seriam devolvidas aos grupos-diagnóstico para o trabalho de sistematização.

## 2. Sistematização das Informações

Neste momento o grupo-diagnóstico passa a ordenar, interpretar e organizar todas as informações coletadas, tendo em vista que elas devem voltar à comunidade para reflexão e análise.

ORDENAR consiste em classificar as informações procurando separar aquelas que correspondem à percepção dos entrevistados sobre a situação objetiva do problema (característica), as possíveis explicações causais e as soluções apontadas.

É importante também registrar as informações colhidas nas observações do grupo-diagnóstico.

INTERPRETAR consiste em analisar as informações ordenadas, procurando ver em que medida confirmam ou negam as hipóteses formuladas. Neste momento é importante levar em conta todas as contradições existentes e as ligações entre os vários problemas, pois são considerados elementos de fundamental importância no processo de reflexão do grupo.

ORGANIZAR consiste em preparar as informações depois de ordenadas e interpretadas para serem apresentadas à comunidade. Esta apresentação deve ser feita da forma mais conveniente, cabendo ao grupo-diagnóstico a última palavra por conhecer a forma mais receptiva à comunidade. Deverá ser, portanto, aquela que melhor permita à comunidade avançar na reflexão e compreensão de sua realidade.

A sistematização das informações não tem por objetivo traçar um retrato definitivo da comunidade. Mas a constatação de que existe um divórcio entre o que ela percebe de sua situação e a situação verdadeira é o ponto de partida de todo o processo educativo. Na percepção da comunidade já estão contidos os elementos da percepção real de sua problemática. O trabalho posterior com a comunidade visa, principalmente, superar o divórcio entre a realidade vivida e a realidade sentida.

### 2.1. Como se Processou

O momento de sistematização foi vivido pela equipe da Experiência em três etapas complementares:

- I — pela Equipe Central
- II — pela Equipe Central e Órgão Municipal — OME
- III — pela Equipe Central, Órgão Municipal e grupos-diagnóstico

A 2ª e a 3ª etapas aconteceram em momentos diferentes, com intensidade diferente, porém adotando a mesma sistemática de trabalho. Por este motivo serão documentados conjuntamente, com as observações que se fizerem necessárias para cada fase.

### *Primeira Etapa*

O trabalho da Equipe Central consistiu em:

- Descobrir alguns passos para sistematizar as informações da comunidade;
- Preparar o material com todas as informações;
- Vivenciar algumas situações para verificar a funcionalidade dos passos formulados.

Passos para Sistematizar as Informações:

- Refletir sobre cada informação dada pela comunidade;
- Classificar as informações, por suposição, procurando descobrir as características, causas e soluções contidas em cada informação;
- Assinalar sempre que uma informação estabeleça um relacionamento entre uma ou mais suposições;
- Refletir sobre as suposições — negadas ou confirmadas;
- Analisar os problemas novos que se configuraram com a pesquisa e para as quais não haviam sido elaboradas suposições.

### *Preparação do Material*

- A preparação do material consiste em colocar todas as informações dadas pela comunidade, em folhas de papel — indicando a origem — entrevistas familiares, entrevistas grupais ou grupo-diagnóstico.

Vivência de Algumas Situações

- Este momento foi um rápido ensaio do trabalho a ser desenvolvido na 2ª e 3ª etapas.

## *Segunda e Terceira Etapas*

A 2ª e 3ª etapas foram realizadas, cada uma em 03 dias — 24 horas de atividades — sendo que a 3ª etapa foi continuada pelos grupos em cada comunidade.

O trabalho consistiu em:

- 1º) Reflexão sobre o trabalho de Experiências de Educação Rural Integrada:
  - percepção de cada participante
  - debate
  - conclusões
- 2º) A continuidade da Experiência
  - etapas e metodologia
- 3º) Sistematização das informações
  - elaboração de núcleos problemáticos

Pensou-se também, que nesta oportunidade seriam feitos o estudo do roteiro para elaboração do Plano Educativo Comunitário e a apresentação das informações sobre ofertas educativas. Entretanto, considerando que a sistematização das informações revelou-se um momento de intensa reflexão, principalmente na 3ª etapa, esses assuntos passaram a ser objeto de um encontro posterior.

Vejamos como se desenvolveu cada um dos momentos do trabalho:

### 1º — Reflexão sobre o Trabalho de Experiência

A reflexão teve como base a seguinte proposição: “Na sua opinião o que é o trabalho da Experiência, qual a sua finalidade?”

A reflexão individual e/ou grupal teve o seguinte resultado:

- Ajudar a comunidade a se unir;
- Conhecer os problemas;
- Resolver os problemas;
- Organizar a comunidade;
- Conscientizar e melhorar a comunidade;
- Não apenas reunir, e sim unir.

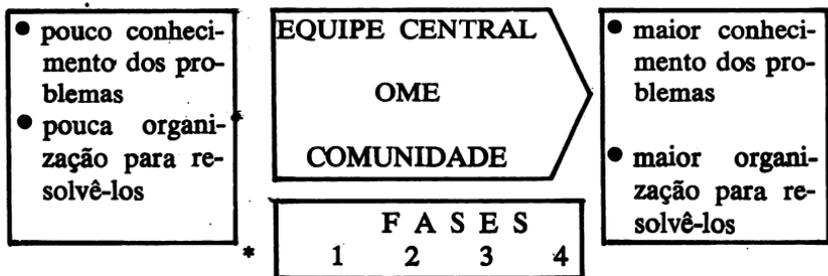
Com base no gráfico, a seguir, procurou-se sistematizar e enriquecer a reflexão dando ênfase a dois aspectos significativos:

- a) A finalidade do trabalho;
- b) A atuação dos grupos externos.

No primeiro aspecto focalizou-se a importância da comunidade adquirir, mediante a adoção de uma metodologia de trabalho participativo, melhor nível de organização para enfrentar seus pro-

blemas; no segundo aspecto focalizou-se a importância dos grupos eternos diminuírem a sua atuação à medida que o trabalho se desenvolve e a comunidade ganha autonomia para conduzir seu próprio processo de organização.

## GRÁFICO



\* 1 — Conhecimento da realidade do município

2 — Inserção na comunidade

3 —

— Formulação de suposições

— Entrevistas familiares e grupais

— Sistematização das informações

— Grupos de estudo para discussão dos resultados da pesquisa

4 — Elaboração do Plano de Ação

### 2º — A Continuidade da Experiência

Ainda com apoio no mesmo gráfico foi feito um retrospecto das etapas percorridas, da metodologia adotada neste percurso e uma apresentação das etapas a percorrer, situando o momento presente, objeto dessa fase de trabalho — a sistematização das informações coletadas.

### 3º — Sistematização das Informações

A partir desse momento, cada grupo-diagnóstico, assessorado pelo elemento do Órgão Municipal de Educação e da Equipe Central, passou a trabalhar com as informações de sua comunidade.

Para melhor recurso didático colocaremos detalhadamente cada passo empregado pelos grupos nesta sistematização.

a) Foram colocados sobre a mesa envelopes vazios, cada um correspondendo a uma suposição.

Neles estavam escritos o número e a suposição correspondente.

- b) As folhas de papel contendo, cada uma, uma informação da comunidade foram distribuídas aos elementos do grupo-diagnóstico.
- c) Cada informação era lida em voz alta e o grupo dizia a que suposição pertencia, colocando no devido envelope. Quando a informação pertencia a mais de uma suposição ela era escrita em outra folha de papel, numerada e colocada no respectivo envelope. Por exemplo: foi apontado que a informação “se todos votassem só para um lado poderia arranjar energia” pertencia a duas suposições, a de número 02 — “O desenvolvimento da comunidade depende da energia elétrica” e a de número 05 — “Uma das razões da comunidade não se desenvolver é ter dois administradores”. Então a informação foi escrita em outra folha de papel ficando duas folhas com a mesma informação. Numa foi colocada o nº 02 e na outra o nº 05. O envelope de número 05 recebeu a informação marcada com o nº 2 e o envelope nº 02 recebeu a informação marcada com o nº 05.

Ficava assim assinalado o relacionamento entre as duas suposições para o momento da análise.

As informações que não pertenciam a nenhuma das suposições eram colocadas em outros envelopes de acordo com o problema que caracterizavam.

- d) Depois de classificadas todas as informações passou-se a trabalhar com o conteúdo de cada envelope. Este trabalho consistiu em uma reflexão sobre cada informação e uma descoberta dos elementos explicativos do problema — características, causas e soluções.

A reflexão sobre as informações teve ênfase especial neste momento. A descoberta dos elementos explicativos deu-se de forma bastante flexível, respeitando a percepção do grupo, pois sua finalidade era avançar no conhecimento do problema pesquisado.

Vejamos o conteúdo de um envelope:

*Suposição:*

- “Para aumentar a renda familiar é necessário que a mulher tenha uma profissão”.
- “Para aumentar a renda familiar é necessário que a mulher tenha onde trabalhar.”

### *Informações da comunidade:*

- “Muitas mulheres sabem fazer um trabalho (costura, bordado, surrão)”. (E.F.) \*
- “A mulher precisa trabalhar para ajudar em casa”. (E.F.)
- “Gosto de fazer surrão, a questão é que não tem é palha”. (E.G.) \*\*
- “Não costuro bem porque não tive curso”. (E.G.)
- “Algumas mulheres gostariam de trabalhar mas não têm máquina para costurar”. (E.F.)
- “A costura que se faz pra casa é uma ajuda porque não se paga”. (E.G.)
- “Só tinha condições de várias mulheres costurarem se fosse para vender fora”. (E.G.)
- “A máquina é muito necessária mesmo que seja só pra costurar pra casa”. (E.G.)
- “As mulheres gostariam de fazer um trabalho mas não tem quem compre”. (E.F.)
- “O problema maior de trabalho é para as moças que ficam sempre esperando pelos pais sem ter um ganho”. (E.G.)
- “Se tivesse uma pessoa que ensinasse aula de corte”. (E.G.)
- “Se às moças aprendessem a costurar um dia podiam sair e se colocar numa firma”. (E.G.)
- “Se as moças tivessem máquinas para costurar, qualquer coisa que ganhassem servia”. (E.G.)
- “Não costuro porque minhas posses não dão para comprar uma máquina”. (E.G.)

Elemento explicativo do problema

- 4º) Concluído o trabalho com cada envelope o grupo passou a refletir sobre os problemas, agora organizados. As características de cada problema eram confrontadas com a suposição elaborada negando-a, ou confirmando-a. As características dos problemas novos surgidos eram analisadas procurando dimensionar uma realidade que se configurou com a pesquisa e para a qual não havia sido elaborada suposição.

\* E.F.: entrevista familiar.

\*\* E.G.: entrevista grupal.

**ASSUNTO: TRABALHO DA MULHER**

CARACTERÍSTICAS	CAUSAS	SOLUÇÕES
— Se as moças tivessem máquina qualquer ganho servia	— As posses não dão pra comprar máquina	— Comprar máquina
— Se as moças aprendessem a costurar podiam sair e se colocar numa firma	— Não tem quem compre o trabalho	— Ter uma pessoa que ensinasse aula de corte
— O problema maior é para as moças que ficam sempre esperando pelos pais	— Não tem posses para comprar a palha	— Ter quem compre o trabalho
— As mulheres gostariam de trabalhar	— Não se costura bem porque não tem curso	— Costurar para vender fora
— A máquina é muito necessária mesmo que seja só pra costurar pra casa		
— A costura que se faz pra casa é uma ajuda porque não se paga		
— Não se costura bem porque não tem curso.		
— Muitas mulheres sabem fazer um trabalho (costura, bordado, surrão)		

6º) Feito isso, passou-se a estabelecer um confronto entre os elementos explicativos de todos os problemas, procurando descobrir os pontos de relacionamento existentes, organizando-se assim os núcleos problemáticos.

Vejamos um exemplo:

**TRABALHO  
DA  
MULHER**

- Se as moças aprendessem a costurar
- Costuraria melhor com um curso
- Não se pode trabalhar à noite sem energia

**EDUCAÇÃO  
ESCOLA**

**ENERGIA  
ELÉTRICA**

7º) Como sétimo passo foi sugerido aos elementos dos grupos-diagnóstico escrever um pequeno texto sobre cada problema pesquisado. Em seguida para cada texto foi solicitada uma ilustração.\* Isto significava uma última forma de sistematização e ao mesmo tempo uma preparação dos grupos para o momento seguinte do trabalho — grupos de estudo na comunidade para discussão dos resultados da pesquisa.

### 3. *Grupos de Estudo na Comunidade para Discutir as Informações Sistematizadas*

Após a sistematização dos dados materializados em quadros, onde se visualiza o problema, suas possíveis causas e soluções, os grupos-diagnóstico reuniram-se com o objetivo de planejar a forma de discutir essas informações com a comunidade.

Atendendo a uma sugestão dos elementos da Equipe Central e Órgão Municipal de Educação — OME — ficou combinado realizar reuniões com pequenos grupos para facilitar a discussão das informações sistematizadas.

Essas reuniões tiveram os seguintes objetivos:

- Tomar conhecimento da sistematização elaborada, como proposta;
- Refletir sobre os núcleos problemáticos;
- Apresentar sugestões de atividades educativas para serem incluídas no Plano Educativo Comunitário (PEC).

Os grupos-diagnóstico elaboraram diferentes estratégias para incentivar a participação de todos no debate:

- Ler os textos elaborados pelo grupo-diagnóstico, como interpretação de cada núcleo problemático;
- Dramatizar os problemas da comunidade;
- Avaliar os quadros com os elementos indicativos de cada problema.

A escolha das estratégias ficou dependendo das possibilidades de cada comunidade.

Em cada comunidade foram realizadas de 03 a 04 reuniões com uma assistência muito boa. As reuniões constituíram-se momentos de reflexão, significando o atingimento de um maior nível de consciência dos presentes a respeito da problemática da comunidade.

\* Em anexo, cópia de alguns textos com ilustração.

Em geral as reuniões permitiram confirmar que os núcleos problemáticos elaborados pelos grupos-diagnóstico refletiam a real situação vivida pela maioria. Além do mais, a diferente atenção dada pelos presentes a determinados problemas possibilitou ao grupo-diagnóstico distinguir aqueles sentidos como prioritários para constituírem o 1º Plano de Ação da Comunidade.

Um grupo-diagnóstico organizou também uma reunião maior para culminar este momento. Participaram dessa reunião inúmeras pessoas da comunidade e de localidades vizinhas. O grupo-diagnóstico deu a conhecer os quadros dos Núcleos Problemáticos, realizou a leitura dos textos e por último apresentou a dramatização. Embora não tenha sido possível coletar sugestões de atividades educativas, a utilização conjunta de várias estratégias possibilitou maior compreensão dos problemas.

#### 4. Avaliação da Etapa

Este momento da pesquisa participativa — coleta de informações, sistematização e grupos de estudo na comunidade — revelou-se um momento de grande engajamento dos elementos do Órgão Municipal de Educação — OME e um assumir mais consciente dos grupos-diagnóstico — GD.

Isto deveu-se, no primeiro caso, a um levantamento das dificuldades sentidas pelo OME, onde constatou-se que em algumas ocasiões do trabalho ela estava ficando marginalizada. A equipe central procurou corrigir esta deficiência fazendo uma reflexão, juntamente com o OME, sobre os objetivos da Experiência e sobre as dificuldades em relação às fases já vividas; reconheceu as limitações e adotou um comportamento bem mais participativo no planejamento das fases seguintes.

No segundo caso, este foi o momento em que os grupos-diagnóstico começaram a perceber realmente o trabalho, a ter uma participação mais ativa e um desempenho bem satisfatório. Isto em virtude das características próprias do momento.

Gostaríamos de colocar, como sugestão, alguns elementos, cuja ausência, se não prejudicaram o trabalho pelo menos negaram-lhe uma maior expressividade.

A primeira sugestão diz respeito ao aproveitamento das gravações feitas por ocasião das entrevistas grupais. Este material poderia ter sido bem mais explorado, permitindo que outros gr:u-

pos da comunidade escutassem e discutissem e até mesmo outras comunidades envolvidas ou não na pesquisa.

A segunda sugestão refere-se à codificação dos núcleos problemáticos para o momento de estudo na Comunidade. Não se deu maior ênfase a esse momento e como consequência apenas um grupo-diagnóstico usou uma codificação mais elaborada — a dramatização. Os demais ficaram restritos aos quadros de sistematização.

A terceira sugestão diz respeito ao momento de devolução das informações à comunidade. Novamente aí, deixou de haver uma maior comunicação entre as comunidades. O intercâmbio principalmente partindo daquelas comunidades que usaram como forma de devolução a dramatização teria sido de um valor inestimável.

## VII. PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

### 1 — *O Plano Educativo Comunitário*

O ponto de partida para elaborar o Plano Educativo Comunitário (PEC) são as informações coletadas e organizadas pela própria comunidade através da pesquisa participativa. Este material e o processo, durante o qual foi produzido, possibilitaram à comunidade atingir uma visão sistematizada de sua situação problema.

A pesquisa realizada com a cooperação dos técnicos permitiu à comunidade tomar consciência da sua realidade em um contexto teórico, visualizando causas e relações entre os diferentes problemas. Este processo de passagem da consciência de um “contexto concreto” a um “contexto teórico” é o que Freire considera o processo de conscientização.

O resultado da pesquisa se materializou em quadros que analisam os diferentes problemas que a comunidade “vive” indicando suas causas e propondo soluções possíveis. Esse conjunto de soluções avaliadas como possíveis pelos membros da comunidade, já constitui um plano comunitário, pois engloba todas as ações que a comunidade considera necessárias e adequadas para enfrentar sua situação problemática, concebida como totalidade e não como justaposição de problemas isolados.

Porém, este plano excede o âmbito educativo. Refere-se, principalmente, às necessidades da comunidade relacionadas com sua sobrevivência material: saúde, habitação, alimentação, trabalho etc. Quando o problema aparece caracterizado como educativo, re-

fere-se à escola, quer porque as comunidades rurais a consideram como uma necessidade para as crianças, quer porque são conscientes de que pode ser um meio para fugir, no futuro, ao mundo adverso que enfrentam.

Para formular o plano educativo se faz necessário pensar na educação como instrumento para executar o plano de ação da comunidade. A educação necessária a cada comunidade é aquela que possa contribuir para desenvolver as capacidades indispensáveis para dominar a realidade e não ser por ela dominada. Portanto, a educação adequada é aquela que contribui para a comunidade alcançar as soluções visualizadas como possíveis.

O processo de elaboração do plano educativo consistirá numa reflexão da comunidade sobre as ações educativas que ajudarão a implementar as soluções propostas. Como pode a escola colaborar para que a comunidade atinja suas soluções? São necessárias outras ações educativas fora da escola? Que ações? Que pessoas ou setores da mesma comunidade podem tomar a seu cargo essas ações? Que instituições poderão colaborar com a comunidade na sua ação educativa?

O Plano Educativo Comunitário — (PEC), visa converter-se em instrumento que aumente o poder de negociação da comunidade. Quando a comunidade toma consciência do que necessita e sabe por que necessita disso e não de outras coisas, está em condições de dialogar com os órgãos técnicos, políticos ou financeiros que lhe ofereçam colaboração. A comunidade sabe já que as ações educativas se justificam e têm sentido para ela, na medida em que contribuem para apoiar as soluções inseridas no seu plano geral de ação.

Esta mesma convicção aparece reconhecida no Plano Estadual de Educação. A nível de Estado, a elaboração de um plano possibilitará uma maior margem para negociar, e decidir sobre a orientação da cooperação externa — (pág. 33 a 66).

Porém, é necessário compreender o planejamento como processo permanente. Se a comunidade transfere a responsabilidade pela implementação do seu plano a um grupo tarefa ou a uma Instituição meramente executiva, e se desliga do trabalho o processo morre. O grupo ou a Instituição executa o PEC, segundo sua interpretação das atividades nele contidas, e uma vez concluída sua tarefa, se dissolve ou, no caso da Instituição, continua com seu trabalho burocrático.

A continuidade do processo, como caminho para alcançar níveis de consciência e organização crescentes, exige que a comunidade se mantenha comprometida em todas as etapas.

A participação da comunidade foi definida como uma das diretrizes das ações educativas da Secretaria de Educação na zona rural. Esta diretriz foi definida como “a comunidade assumindo a ação educativa como própria, interferindo no seu planejamento, execução e controle”.

Além disso o processo não termina com a execução do Plano Educativo Comunitário — PEC. A valorização das atividades realizadas e a análise das mudanças produzidas na situação problemática da comunidade constituirão uma nova etapa da pesquisa participativa. As comunidades têm já em seu poder uma metodologia de pesquisa que voltarão a utilizar sempre que se fizer necessário. Uma nova etapa de pesquisa deverá resultar em um novo plano educativo comunitário.

Em consequência, qualquer proposta de organização da comunidade deverá tender a garantir sua participação permanente e a continuidade do trabalho.

## 2 — O Processo de Elaboração do Plano

A elaboração do Plano Educativo Comunitário — PEC foi iniciada no momento de discussão dos resultados da pesquisa nas comunidades. Uma vez sistematizadas as informações os grupos-diagnóstico organizaram e coordenaram uma série de reuniões grupais com participação de pessoas da comunidade. Essas reuniões visavam, entre outros objetivos, coletar subsídios para elaborar o Plano Educativo. A tarefa específica de elaborar o Plano Educativo ficou a cargo dos grupos-diagnóstico, acrescidos de outros elementos da comunidade, quando se fizesse necessário. Porém o processo de elaboração previa momentos de participação ampliada, para que o mesmo conservasse seu caráter comunitário.

Ao grupo-diagnóstico não cabia assumir sozinho a determinação das prioridades, decidir sobre as ações a realizar nem sobre a validade e viabilidade dessas ações, como também distribuir tarefas às pessoas da comunidade. Se isto ocorresse estaria introduzindo na comunidade uma dissociação entre planejar e executar; pensar e fazer.

Em conseqüência, a elaboração do PEC realizou-se com base nos seguintes passos:

- reuniões nas comunidades para determinação de prioridades;
- seminário de técnicos de nível central e municipal sobre significação e estrutura do PEC;
- seminário com grupos-diagnóstico para elaborar uma proposta de trabalho;
- reuniões nas comunidades para discutir e aprovar a proposta e iniciar sua implementação;
- reunião de apresentação dos PEC's às Instituições que poderiam colaborar com a comunidade na execução das ações previstas.

A seguir será feito um relato das atividades desenvolvidas na execução destes passos.

### 2.1. *Consulta sobre prioridades*

A pesquisa culminou com a organização dos problemas da comunidade em características, causas e soluções. Essa organização dos principais problemas e necessidades da comunidade deu origem ao plano geral. Como não havia condições de executar todas as atividades contidas no plano geral, a comunidade realizou algumas reuniões com o objetivo de definir determinadas prioridades de ação. Feito isto partiu-se para a elaboração do PEC procurando definir as ações educativas que apoiariam a sua realização.

As reuniões foram convocadas e coordenadas pelos integrantes dos grupos-diagnóstico. Foram convidadas as pessoas mais representativas da comunidade — as de maior expressão por sua intervenção na história e nos processos sócio-econômicos locais.

Houve necessidade de realizar duas ou três reuniões para se definir as prioridades. Além disso as reuniões proporcionaram:

- um novo momento para discutir os problemas comunitários, possibilitando uma maior consciência sobre suas relações;
- uma oportunidade para analisar, com critérios mais realistas, as possibilidades de obter colaboração de Instituições externas e utilizar as próprias forças internas para implementar algumas das soluções propostas. Estes critérios mais realistas foram principalmente uma análise crí-

tica das potencialidades da comunidade e uma consideração da situação sócio-política e administrativa que limitaria a ação das Instituições externas.

Diante disso, os participantes concordaram em escolher como ações prioritárias aquelas que a comunidade tivesse condições de desenvolver, sem depender em demasia da colaboração externa.

Em conseqüência, as prioridades aparecem definidas como tais pelas possibilidades de implementação e não pelo conteúdo do problema que se procura resolver. Por exemplo, o problema da posse da terra é unanimemente reconhecido como prioritário. Não obstante, levando em conta que sua solução depende fundamentalmente de ações exteriores “hipotéticas”, não foi incluída dentro das ações prioritárias nenhuma que se refira a este problema diretamente.

## 2.2. Trabalho com o Órgão Municipal de Educação — OME

Para a fase de elaboração do PEC a Equipe Central promoveu um encontro com os elementos do OME para:

- refletir sobre a pesquisa realizada e a necessidade de organizar os planos de trabalho;
- discutir um esquema de organização do PEC;
- definir o programa de trabalho com os grupos-diagnóstico para elaboração do PEC.

Com base em um pequeno texto “O Plano Educativo Comunitário” (em anexo), foi feita uma reflexão sobre:

- a pesquisa realizada;
- o papel da educação como um componente do desenvolvimento;
- as metas prioritárias e as ações educativas;
- o papel dos grupos na execução do PEC — quem poderia apoiar e como;
- esquema do PEC — apresentação e discussão.

Depois dessas reflexões, sentiu-se a necessidade de que as pessoas dos grupos-diagnóstico conhecessem melhor o trabalho realizado pelas Instituições que atuam na zona rural. Esse conhecimento deveria servir de subsídio no momento de elaboração do PEC. Na oportunidade foi feita uma listagem dessas Instituições para serem convidadas a falar dos seus programas no encontro para elaboração do PEC.

Definidas todas as linhas do trabalho foi feita a programação do encontro com os G.D. Este seria assumido pelo OME com o apoio da Equipe Central.

A programação constou de:

- reflexão sobre o papel da educação no desenvolvimento das comunidades;
- definição do papel de cada grupo e Instituição que já desenvolvem ações nos programas de zona rural — GD, OME, SE e outras;
- exposição dos programas e ações das Instituições que atuam nos dois municípios: EMATERCE, MOBREAL, LBA e Fundação SESP;
- elaboração do plano geral e do PEC.

### 2.3. *Elaboração do PEC pelos grupos-diagnóstico*

O trabalho para elaboração do PEC realizou-se em um encontro, no Centro Catequético de Canindé e apoiou-se na programação mencionada no item 2.2.

A reflexão com os grupos-diagnóstico teve por base o mesmo texto utilizado na reflexão com o OME e possibilitou:

- dimensionar o papel da educação;
- perceber melhor o sentido das ações educativas;
- sentir a necessidade de conhecer melhor o trabalho das Instituições para apoiar o PEC;
- discutir como os diferentes grupos e Instituições poderão apoiar a execução do PEC.

Na discussão sobre o apoio dos grupos e Instituições os grupos-diagnóstico sugeriram como atribuições de cada um:

*Comunidade:*

- reunir-se constantemente com o grupo de trabalho para discutir, planejar e avaliar o trabalho;
- responsabilizar-se pelas ações educativas que podem ser feitas na comunidade.

*Grupo-diagnóstico:*

- ser participativo;
- coordenar a ação do PEC;

- representar a comunidade junto às outras entidades;
- não deixar que a comunidade fique parada — animador da comunidade;
- ficar atento a todas as ofertas das entidades para negociar de acordo com as necessidades da comunidade;
- manter a comunidade informada de todas as ações realizadas ou não;
- acreditar e valorizar o trabalho;
- ser participativo e estar sempre a serviço da comunidade.

*Órgão Municipal de Educação:*

- estar sempre disponível para atender às solicitações;
- reunir-se com o grupo-diagnóstico;
- facilitar os contatos do grupo-diagnóstico com as entidades;
- incentivar o grupo-diagnóstico;
- fazer o plano do Órgão Municipal de Educação respeitando o plano da comunidade.

*Programa de Desenvolvimento Rural Integrado PDRI — Secretaria de Educação:*

- diálogo com as autoridades competentes;
- apoio técnico para:
  - treinamentos;
  - elaboração do Plano Municipal de Educação;
  - orientação aos professores sobre os conteúdos curriculares;
  - organização do trabalho do Órgão Municipal de Educação.

Antes de iniciar o trabalho de elaboração do PEC, as Instituições convidadas — MOBREAL, LBA, EMATERCE e Fundação SESP — fizeram uma apresentação de seus programas de ação definindo — tipo de programa, clientela, área de atuação, recursos e requisitos necessários para solicitar os programas.

As apresentações despertaram bastante interesse dos participantes, principalmente a apresentação do MOBREAL por dispor de um maior número de ofertas para a zona rural.

De posse das informações da pesquisa já sistematizadas e

agora com um maior conhecimento do trabalho das Instituições, cada grupo-diagnóstico passou a organizar o Plano Geral e a elaborar o Plano Educativo Comunitário.

O Plano Geral consistiu de um documento simples que pretendia registrar todos os problemas sentidos pela comunidade, suas causas e soluções. Foi organizado com base no quadro de sistematização das informações e se constituiu em mais um momento de reflexão. Novamente foram analisadas as características dadas pela comunidade para cada suposição e registrado o problema confirmado. Ao lado repetiam-se as causas e soluções apresentadas para o problema.

O Plano Educativo Comunitário — PEC — foi organizado com base nas prioridades estabelecidas pelas comunidades e levando em conta as ações educativas que poderiam apoiar o seu desenvolvimento. As ações do PEC atingiram apenas alguns segmentos da problemática apresentada no Plano Geral, pois a inclusão dos outros segmentos só seria possível a partir de um trabalho integrado com as Instituições.

A forma de organização do PEC definiu-se no momento mesmo de sua concretização.

Em anexo cópias dos planos-geral e educativo de cada comunidade.

#### *2.4. Reuniões de discussão e aprovação do PEC nas comunidades*

Concluída a elaboração dos planos, os GD voltaram às comunidades para:

- apresentar os planos de trabalho;
- discutir o PEC para possível aprovação;
- discutir a permanência dos elementos do GD, em um grupo de trabalho, agora para coordenar a execução do PEC;
- promover a indicação de novos elementos para ampliar o grupo de trabalho.

Para cumprir esses objetivos os GD realizaram reuniões em diferentes localidades da Comunidade procurando fazer com que o maior número de pessoas tomasse conhecimento dos planos e participasse das demais decisões.

Para facilitar a compreensão dos Planos pela comunidade eles foram ampliados em cartazes bem legíveis.

Os técnicos da Equipe Central e OME estiveram presentes a algumas dessas reuniões com a finalidade de apoiar a apresentação dos grupos-diagnóstico e de vivenciar mais um momento da Experiência de Educação Rural.

A apresentação dos planos constituiu-se em mais um momento de diálogo nas comunidades. Apesar de todas as dificuldades que a comunidade enfrenta, houve uma disposição geral em apoiar a sua execução. Em algumas comunidades os Grupos de Trabalho foram ampliados: em outras ficou apenas o compromisso de adesão sempre que o Grupo de Trabalho solicitar.

### *2.5. Apresentação dos PEC's às Entidades*

Como momento final do diagnóstico participativo foi realizado um encontro dos Grupos de Trabalho, ou seja, grupos-diagnóstico e pessoas das comunidades que colaborariam na execução do PEC, com as Instituições que poderiam apoiar essa execução.

O encontro realizou-se no Centro Catequético na cidade de Canindé, e dele participaram as seguintes Instituições:

- PRORURAL: Coordenador e Gerentes do componente educação dos PDRI's;
- MOBRAL: Supervisoras: estaduais e de área;
- Autoridades Municipais de Canindé e Caridade;
- EMATERCE: Escritório Estadual e Escritório local Canindé;
- Primeira Delegacia de Saúde;
- Projeto Sertanejo: Técnico local;
- Comissão Estadual de Planejamento Agrícola — CEPA;
- INCRA;
- Camponeses da Itapiúna;
- Camponeses da Fazenda de Canindé (Projeto Ceará);
- Sindicato de Trabalhadores Rurais — (Escritório Local Canindé).

Na abertura do Encontro falou o Coordenador do PRORURAL destacando a importância do trabalho comunitário como estratégia do PROGRAMA DE EDUCAÇÃO RURAL. Afirmou que o mesmo procura adequar o serviço educativo às reais necessidades das zonas rurais do Estado, mediante ações de assistência financeira e cooperação técnica com as Prefeituras. "A educação só tem validade" afirmou o coordenador — "quando passa a contribuir na

resolução dos problemas das comunidades”. “Esta Experiência deverá ser útil para mudar a forma de trabalho das Instituições” em direção a um planejamento participativo que inverta um processo no qual “as comunidades não têm vez nem voz”.

A seguir o pessoal técnico dos OME's de Canindé e Caridade fez uma exposição sobre os objetivos e as distintas etapas da Experiência implantada, destacando a participação das diferentes equipes que intervieram no processo: técnicos de nível central e regional, técnicos dos órgãos municipais e grupos-diagnóstico integrados por pessoas das comunidades.

Continuando, os grupos-diagnóstico apresentaram aos participantes seus planos — Geral e Educativo — oferecendo ao mesmo tempo informações sobre a percepção do trabalho pelas comunidades. Destas apresentações merecem destaque a consciência que os membros dos grupos-diagnóstico demonstraram sobre as modificações de comportamento e atitude produzidas por sua participação na Experiência. Esta consciência evidenciou-se em algumas afirmações como: “Agora a gente aprendeu a gritar”. Antes nós vivia como sapo em baixo de pé de boi”. “A Escola ensina a História do Brasil mas não ensina a história da terra”.

No fim do encontro as Instituições ofereceram apoio à execução dos Planos Comunitários. Neste sentido os representantes da EMATERCE, MOBRAL, CEPA, Secretaria de Saúde, puseram-se à disposição dos grupos.

Como conclusão o Grupo de Monte Alegre apresentou uma peça teatral escrita por pessoas da própria comunidade e que resume os problemas pesquisados.

Os resultados da reunião podem sintetizar-se assim:

- a) As Instituições que participaram comprovaram que uma metodologia participava de planejamento é, não só efetiva, mas também possível. Em geral, durante as conversas informais mantidas com representantes dessas Instituições comprovou-se que concordavam com a metodologia utilizada e estavam dispostos a assumir o trabalho integrando equipes multi-setoriais. Porém este sentimento deverá ainda ser apoiado pelas autoridades com poder de decisão em cada Instituição.
- b) Os grupos-diagnóstico das comunidades tiveram uma primeira experiência de negociação direta. Esta experiência, por parte, resultou gratificante, mas por outra foi pouco

produtiva pela ausência no encontro de pessoas com poder de decisão e porque os planos institucionais de trabalho já tinham sido elaborados. Ainda que os técnicos tenham achado justas e adequadas as solicitações das comunidades, uma resposta afirmativa no próximo ano, exigirá modificações nos planos de trabalho já quase aprovados.

- c) A equipe técnica — tanto os técnicos de nível central e regional, como de nível municipal — tiveram a oportunidade de avaliar o trabalho através do comportamento dos grupos-diagnóstico, e considerar as necessidades de cooperação técnica que essas comunidades ainda têm para aumentar sua capacidade de negociação.



## VIII — AVALIAÇÃO GERAL

Registradas todas as fases da Experiência de Educação Rural apresentaremos uma avaliação geral em relação aos seguintes aspectos:

- I — Objetivos
- II — Metodologia
- III — Comunidades
- IV — Diretrizes.

### I — *Objetivos*

— São objetivos da Experiência:

1. Desenvolver uma metodologia de *pesquisa participativa* através da realização de um diagnóstico da realidade pela própria comunidade.
2. Promover a elaboração de um *programa educativo* com base no diagnóstico realizado.
3. Promover a *integração dos diferentes órgãos* de Educação em nível comunitário, municipal, regional e central para a implantação desse programa.

A pesquisa participativa desenvolvida durante a implantação da Experiência de Educação Rural Integrada proporcionou às comunidades um aprofundamento no conhecimento de sua problemática. Em alguns casos, até mesmo uma primeira oportu-

nidade de coletivização dos problemas, com suas interrelações causais e possíveis soluções.

Ao distanciar-se de sua problemática para analisá-la, cada comunidade adquiriu mais criticidade, resultou mais segura e com mais condições para atuar e interferir na realidade diagnosticada. A partir daí traçou um Plano Geral que servirá de marco norteador de suas ações. Com base nesse plano elaborou o plano educativo, delineando as ações que poderiam colaborar para minorar alguns dos problemas mais prementes. Cada comunidade viveu assim a primeira oportunidade de participar de um planejamento e interferir na execução e controle das ações planejadas. Além do mais incorporou uma metodologia que lhe permitirá avaliar e replanejar ações educativas, ou não, sempre que se fizer necessário.

A participação das Instituições não se deu efetivamente. A presença, na equipe da Experiência, de representantes da 1.<sup>a</sup> DERE, PRORURAL, DAT e OME não significou sequer uma integração desses organismos de educação. A nível de Órgão Municipal a Experiência limitou-se à participação dos elementos que acompanharam o trabalho, não havendo um envolvimento dos demais membros.

A participação mais consciente das comunidades possivelmente passará a exigir uma ação integrada por parte das Instituições. As dificuldades de integração, decorrentes em grande parte da falta de credibilidade em relação a esse tipo de trabalho e da própria limitação da Secretaria em apoiar uma Experiência que foge à sua sistemática normal de trabalho, já começam a ser atenuados ante os resultados positivos alcançados. Sente-se por parte da Secretaria de Educação e de algumas Instituições um interesse manifesto em expandir essa metodologia, reconhecendo-a como um caminho eficiente para o trabalho com as comunidades rurais.

## II — Metodologia

A metodologia adotada na implantação da Experiência foi uma descoberta lenta e gradual, resultante de um trabalho de pesquisas, leituras e debates, tendo-se definido, muitas vezes nas próprias situações de trabalho com as comunidades.

Havia como marco norteador uma proposta inicial de trabalho que não descia a detalhes metodológicos. Oferecia apenas pistas que serviram de ponto de apoio para desencadear o trabalho. Faltou, entretanto, para se obter um resultado mais satisfatório, um lugar adequado de trabalho, com ambiente propício para estudo e reflexão, um maior contato com os elementos do OME que, por não terem dedicação exclusiva ao trabalho da Experiência, não podiam deixar as atribuições junto ao Departamento de Educação para se dedicarem a momentos mais demorados de estudo e planejamento. Não obstante, os resultados finais do trabalho evidenciaram a sua eficiência. Os aperfeiçoamentos ficarão a cargo dos continuadores em outras oportunidades de trabalho. Entretanto, a partir das necessidades sentidas durante a execução do trabalho, apresentamos algumas sugestões para apoiar a ação daqueles que pretendam utilizar essa metodologia:

- 1 — Seria válido tentar formar uma equipe de trabalho a nível municipal, com elementos do OME, da DERE local e de Instituições, na tentativa de realizar um trabalho efetivamente integrado. Esta equipe seria apoiada pelos técnicos do PRORURAL, com a cooperação da equipe que vivenciou a metodologia.
- 2 — No trabalho com o Órgão Municipal de Educação envolver diretamente o número de elementos estritamente necessário à implantação do trabalho, prevendo porém momentos de repasse da metodologia para os demais elementos.
- 3 — Ao escolher a comunidade a equipe de trabalho deverá concentrar sua ação em um único núcleo populacional. A proximidade não deve ser um critério único a considerar mas também a afluência natural da população para o núcleo.
- 4 — Sugerimos que os passos sejam vivenciados levando em conta as modificações feitas pela equipe durante a implantação do trabalho. Quanto ao período de implantação consideramos um ano, tempo demasiado. Acreditamos que um período sistemático de 7 a 8 meses é suficiente para obter um resultado satisfatório. Uma maior redução de tempo poderá afetar o processo de organização da comunidade.

### III — Comunidades

A Experiência desenvolveu-se em quatro comunidades. Comunidades com características diferentes, aplicando uma mesma metodologia de trabalho e alcançando resultados diferenciados; porém satisfatórios. Para isso houve uma constante preocupação em ajustar a metodologia às peculiaridades locais.

Para facilitar a percepção dessa realidade faremos uma análise simplificada de cada comunidade, tomando por base alguns critérios:

- existência de trabalho comunitário
- dispersão, ou concentração populacional
- lideranças existentes
- estrutura econômica

#### *Comunidade de Monte Alegre — Candindé*

- A existência de um trabalho anterior favoreceu a receptividade da população para apoiar a Experiência e executar a pesquisa.
- A concentração de três núcleos populacionais muito próximos determinou uma fragmentação de esforços, uma intensidade diferente no ritmo de trabalho e uma diferença qualitativa nos resultados obtidos em cada núcleo.
- A existência de lideranças constituídas formalmente exigiu um maior esforço dos técnicos no sentido de modificar a atuação autoritária de alguns líderes para obter a participação efetiva das bases.
- A estrutura econômica constituída na sua quase totalidade de proprietários sem a documentação da terra, favoreceu o diálogo e o debate durante a realização da Experiência.

#### *Comunidade de Monte Alegre — Canindé*

- A comunidade viveu anteriormente uma experiência de trabalho com resultados pouco satisfatórios, apresentando-se inicialmente desmotivada para participar da Experiência.
- A concentração populacional facilitou a realização do

trabalho proporcionando uma certa unidade. A ação concentrou-se na sede sem deixar de envolver representantes de alguns núcleos vizinhos.

- A liderança existente na comunidade é bastante homogênea, representativa, democrática e informal. Seu envolvimento foi retardado por conta dos desgastes sofridos em trabalhos anteriores.
- A estrutura econômica é de poucos proprietários e muitos assalariados não havendo interesses comuns. Isso dificultou a realização do trabalho.

#### *Comunidade de Ipueira dos Gomes — Canindé*

- Não havia sinais de trabalho anterior. O envolvimento da comunidade foi natural, sem qualquer resistência.
- Não há concentração populacional. Há uma população dispersa e a pesquisa envolveu pessoas em um raio de até 3 km sem que isso prejudicasse a intensidade, ou a unidade do trabalho. Havia uma disposição permanente da comunidade para se reunir.
- As poucas lideranças caracterizam-se por uma autenticidade incomum. Com o trabalho surgiram novas lideranças com condições de continuar a caminhar com a comunidade num processo permanente de organização.
- A estrutura econômica é constituída de agricultores:
  - Os que possuem um pedaço de terra, quase sempre de herança, mas que, não sendo suficiente para seu sustento, têm que trabalhar em outras terras.
  - Os que não possuem terra vendem seu trabalho na terra de outros.

Isto gera uma afinidade entre agricultores com terra e agricultores sem terra, uma identidade que lhes permite colocar em comum os seus problemas.

#### *Comunidade de São Domingos — Caridade*

- A comunidade ainda não havia passado por um trabalho anterior.
- A existência de dois núcleos populacionais sem afinidades políticas dificultou a concentração de esforços em um único núcleo.

- A existência, no grupo-diagnóstico, de uma liderança formal e autoritária que não contava com o apoio da comunidade atrapalhou um pouco o desenvolvimento do trabalho. O processo fez surgir outros líderes, menos formais e autoritários, proporcionando um ajustamento das distorções anteriores.
- A estrutura econômica não chegou a prejudicar o andamento do trabalho, pois a grande maioria da população trabalha em suas terras ou em terras cedidas pela paróquia.

#### IV — Diretrizes

A Experiência apoiou-se em três diretrizes fundamentais:

- a participação da comunidade;
- o desenvolvimento da consciência crítica;
- a vinculação com a atividade econômica e social.

Procuraremos observar o cumprimento dessas diretrizes avaliando o desempenho da comunidade e da equipe da Experiência.

#### *Participação*

##### ● Da Comunidade

Houve uma efetiva participação da comunidade em todo o processo para elaboração dos Planos.

O grupo-diagnóstico, escolhido pela própria comunidade para apresentá-la, funcionou como coordenador das atividades. Em nenhum momento foi incentivada a formação de um grupo autoritário, com poderes de decidir pela comunidade maior. Para isso, em cada comunidade foram realizadas reuniões freqüentes e, embora coubesse ao GD o papel de sistematizar informações, de elaborar propostas de trabalho, a discussão e aprovação ficou sempre a cargo da comunidade.

Uma prova evidente do caráter participativo da ação desse grupo é o fato de, formado inicialmente com cinco elementos, ter crescido por adesão espontânea de outros representantes chegando até mesmo a dez elementos.

## ● Da Equipe

A equipe da Experiência conseguiu realizar um trabalho satisfatoriamente participativo apesar das dificuldades e limitações que teve de enfrentar.

A primeira grande dificuldade foi o ajustamento de uma equipe formada por elementos do DERE, PRORURAL, DAT, OME e IICA, com formação pedagógica, experiências e aspirações diferentes. Somava-se a isso a falta de um local adequado de trabalho, a responsabilidade com a descoberta e implantação de uma metodologia nova, os encargos administrativos do projeto, sem que houvesse na equipe pessoa com experiência nesta área nem com conhecimento suficiente da estrutura administrativa da Secretaria de Educação, a distância e parcial disponibilidade dos elementos do OME dificultando caminhar passo a passo com a Equipe Central nos momentos de estudo, reflexão e planejamento. Tudo isso gerou um certo desgaste psicológico na equipe, uma dilatação nos prazos de implantação da Experiência, um prejuízo das oportunidades de reflexão e aprofundamento teórico, uma certa inibição para promover atividades de integração e divulgação.

Nos momentos de trabalho conjunto — equipe e comunidade — a participação foi bastante satisfatória. A comunidade não sofreu os reflexos das dificuldades enfrentadas, salvo na dilatação que para a comunidade não pode ser considerada negativa pois permitiu uma discussão mais demorada de sua problemática.

### *Desenvolvimento da consciência crítica*

## ● Da Comunidade

Ao discutir seus problemas, analisar causas, soluções e descobrir as interrelações existentes, a comunidade avançou no seu nível de consciência crítica. Este avanço se fez bem mais sensível nos representantes escolhidos pela comunidade, ou seja, nos grupos-diagnóstico. Sente-se por parte deles uma maior sensibilidade para os problemas comunitários, uma disposição para continuar caminhando com a comunidade no seu processo de organização, um amadurecimento pessoal e sobretudo uma consciência do seu

papel e do papel da comunidade na solução de sua problemática. Como evidência desse crescimento passaremos a transcrever alguns depoimentos registrados durante o desenvolvimento do trabalho:

“Pra agricultor que não tem terra chuva não pode ser uma solução” (Ipueira dos Gomes — Canindé).

“Depois desse trabalho sinto que agora é que a gente começou a ser cristão” (Bonito — Canindé).

“Não podemos ter boa educação se as crianças não têm condições de estudar. Falta o prédio escolar, faltam carteiras e material escolar. As crianças estão passando fome e os pais não têm condições de comprar nem alimentação para seus filhos. E por isso a educação vai mal” (Monte Alegre — Canindé).

“Os homens viajam para o Sul porque falta emprego e não receberam educação suficiente para defenderem seus direitos” (Monte Alegre — Canindé).

“Havia muitos problemas em nossa comunidade que não tínhamos conhecimento, com esta pesquisa que fizemos encontramos problemas que se unem uns aos outros” (Ipueira dos Gomes — Canindé).

“O patrão prefere mais é os pastos do que o trabalho do agricultor” (Ipueira dos Gomes — Canindé).

“É muita terra e ao mesmo tempo falta terra para plantar” (Ipueira dos Gomes — Canindé).

“Há pessoas muito acomodadas que só faz esperar por Deus. Deus não quer ninguém na miséria” (São Domingos — Caridade).

#### • Da Equipe

Sente-se em relação à equipe uma maior sensibilidade para com os problemas das comunidades rurais, uma nova postura em relação ao papel do educador como agente de mudança e uma incorporação da metodologia de trabalho participativo nas suas atividades profissionais diárias. Isto se evidenciou no comportamento dos elementos do OME que passaram a sentir a necessidade de planejar a nível municipal para poder atender o planejamento comunitário.

## *Vinculação com a atividade econômica e social*

### ● Comunidade

Na pesquisa participativa realizada pela comunidade a educação constituiu-se no espaço de reflexão sobre a problemática por ela sentida. Seu conteúdo foi basicamente as atividades econômicas e sociais, chegando a comunidade a definir seus objetivos em um plano de trabalho.

Esta vinculação entretanto não chegou a determinar uma modificação nas relações econômicas e sociais da comunidade. Isto está a exigir o apoio de outras Instituições para que a comunidade possa realizar atividades por ela previstas, tais como, aquisição de máquinas de costura, implemento à agricultura e outras.

Nas relações sociais pode-se sentir algumas perspectivas de mudança considerando que muitos elementos que participaram intensamente da pesquisa são integrantes de grupos da Igreja, de grupos de jovens, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, das escolas.

### ● Equipe

A equipe procurou levar em conta as atividades econômicas e sociais da comunidade. Esses aspectos, entretanto, poderiam ter sido mais dimensionados se houvesse na equipe elementos com mais conhecimento nessas áreas.

## IX — CONCLUSÃO

A metodologia de pesquisa participativa vivenciada pela equipe da Experiência de Educação Rural Integrada poderá subsidiar o trabalho dos técnicos a nível de Órgão Municipal e Secretaria de Educação.

A nível municipal, o trabalho poderia tomar duas direções:

- a) Continuidade e extensão do planejamento participativo no segmento educação, o que supõe o acompanhamento das comunidades, a aplicação da Experiência em outras comunidades e a criação de mecanismos que permitam a comunicação e a troca de experiências.
- b) Incorporação dos outros segmentos constitutivos do desenvolvimento rural a este processo de planejamento

participativo, o que implica a difusão da metodologia de trabalho e dos resultados obtidos diante das Instituições encarregadas de administrar esses outros segmentos, no município, e a integração de equipes intersetoriais para colaborar com as comunidades numa experiência de planejamento integrado.

Quanto à realização do processo de planejamento participativo em outras comunidades, os técnicos do OME poderão contar com a colaboração dos integrantes dos grupos de trabalho. No Município de Canindé, ainda antes de serem realizadas as últimas reuniões de apresentação do Plano Educativo, iniciou-se um trabalho na comunidade de Bonitinho, a pedido de pessoas dessa comunidade, com a cooperação do grupo da comunidade de Monte Alegre. Este trabalho inter-comunitário, se bem que ainda requerendo assistência dos técnicos do OME, significa uma importante colaboração na difusão da metodologia participativa.

A nível estadual espera-se que os resultados atingidos na aplicação experimental de uma metodologia de planejamento participativo, contribuam para gerar um processo de revisão das formas de trabalho até agora adotadas na execução do Programa "Educação na Zona Rural".

Objetivando iniciar este processo, programou-se a realização de uma série de Seminários de Estudo. Estes seminários partiriam da análise dos relatórios elaborados durante a realização da Experiência e continuariam durante a aplicação da metodologia. Desta maneira se atingiria, tanto a nível teórico como prático, um domínio que pudesse garantir sua utilização futura.

Estes seminários constituiriam, além do mais, um mecanismo adequado para reformular a metodologia proposta, ajustando-a às possibilidades reais de aplicação nas diferentes realidades das zonas rurais do Estado. Discutida e utilizada numa situação concreta; enriquecida e reformulada pelos técnicos que vão adotá-la, esta metodologia, para o processo de planejamento participativo, seria também um produto da participação.

O aproveitamento do investimento realizado para implementar esta Experiência, principalmente em termos de recursos humanos, fica na dependência da realização destes seminários, ou de qualquer outra ação que possibilite transferir efetivamente, aos técnicos do programa, a metodologia desenvolvida.

# ANEXOS



# ANEXO I

*Instrumentos para organizar as informações coletadas no momento do pré-diagnóstico*





TABELA 02 — Anos de estudo da população com 05 anos e mais de idade, segundo os Distritos do Município

DISTRITOS	POPULAÇÃO — TOTAL — 05 ANOS E MAIS IDADE	1 ANO		2/4		5/8		9/12		13 mais		S/inst.	
		N.º ABS	%										
TOTAL													

Fonte: "Censo Demográfico do Ceará" (IBGE).

TABELA 03 — População “economicamente ativa” (\*), por setor de atividade, segundo o Município

Total Geral	Agricultura, Pecuária, Silvicultura, Extração Vegetal, Caça e Pesca	Atividades Industriais	Comércio	Serviços	Atividades sociais	Administração Pública	Transporte, Comunicação e Armazenamento	Outras Atividades

Fonte: “Censo Demográfico do Ceará” (IBGE).

(\* ) Entende-se por “População economicamente ativa” todas as pessoas de 10 a mais anos que trabalham ou procuram trabalho pela primeira vez.

## 2. ECONOMIA

TABELA 04 — Valor da produção animal e vegetal no Município

PRODUÇÃO ANIMAL				PRODUÇÃO VEGETAL			
De Grande Porte	De Médio Porte	Aves e Pequenos Animais	Total	Cultivo Permanente	Cultivo Temporário	Total	Caça e Pesca

Fonte: "Censo Agropecuário do Ceará" (IBGE).

TABELA 05 — Utilização das terras no Município

Área Total de Terras Produtivas em Ha.	CULTIVOS		PASTAGENS		MATA E PASTAGENS		Terra em Descanso	Terras Produtivas não Utiliz.
	Perm.	Temp.	Nat.	Plan.	Nat.	Plan.		

Fonte: "Censo Agropecuário do Ceará" (IBGE).

Obs.: Através desta tabela será possível saber a quantidade de terras dedicadas a cada uso e, comparando-a com a anterior, estabelecer quais as que apresentam maior valor, permitindo também comparar a utilização por Município.

TABELA 06 — Distribuição dos estabelecimentos agrícolas por tamanho (classes de áreas) no Município

TOTAL	0/5 (ha)	05/10 (ha)	10/20 (ha)	20/30 (ha)	50/200 (ha)	200 a mais (ha)
N.º de Estabelecimento/Área	N.º de Estab. Área	N.º de Estabelec. Área				

Fonte: "Censo Agropecuário do Ceará" (IBGE).

Obs.: Esta Tabela é muito importante porque permite verificar a estrutura fundiária da área; as porcentagens permitem analisar a distribuição da mesma estabelecendo comparações entre os Municípios, o que permite verificar onde há maior concentração de um ou de outro tipo de estabelecimento.

TABELA 07 — Condições do produtor no Município

PROPRIETÁRIO		ARRENDATÁRIO		PARCEIRO		OCUPANTE	
Estab.	Área - ha	Estab.	Área - ha	Estab.	Área - ha	Estab.	Área - ha

Fonte: "Censo Agropecuário do Ceará" (IBGE).

TABELA 08 — Enfermidades freqüentes e causas de mortalidade por Distrito no Município

Distritos	Cata- pora	Saram- po	Desi- drat.	Desin- ter.	Hepa- tite	Tuber- culose	Des- nutr.	Polio- melite	Gripe	Outras	C. de Mortalidade	
											Criança	Adulto

Fonte: Pesquisa Direta.

TABELA 09 — Assistência Médico-Hospitalar por Distrito no Município

Distritos	Unid. de Saúde	Médicos	Dentistas	Enfermeiras	Aux. de Enfermagem	Parteiras	N.º de Leito/Hosp.	Farmácias
Total								

Fonte: Pesquisa Direta.

Obs.: Sobre nutrição seria necessário pesquisar:

- alimentação básica
- número de refeições diárias
- tipo de alimentação disponível no Município
- aproveitamento dessa alimentação
- Assistência recebida pelo Município

Para recolher essas informações será necessário entrevistar pessoas do Município e de Instituições como EMATER-CE, MERENDA ESCOLAR, INAN e LBA.

#### 4. COMUNICAÇÃO

TABELA 10 — Tipos de transporte, vias de acesso e meios de comunicação da sede do Município aos Distritos

Da Sede aos Distritos	T. de Transporte	DISTÂNCIA		VIA DE ACESSO			M. COMUNICAÇÃO					
		Fre- quência	Km	Hora	Fede- ral	Esta- dual	Muni- cipal	Cor- reios	Tele- fone	E. DE RÁDIO Loc. Est.	TV	

Fonte: Pesquisa Direta.

5. SERVIÇOS

TABELA 11— Instituições a Serviço do Município por Distrito

Distritos	Sin- dic.	Car- tor.	Cole- tor.	Em- ter	Inam- ps	Lba	Proi. Ser- tan.	Polo- Nor- deste	I B G E	I N A N	C N A E
Total											

Fonte: Pesquisa Direta.

## 6. CULTURA

Nesse momento deve-se procurar conhecer as manifestações que traduzem o espírito do povo. Para tanto é importante pesquisar um pouco de sua história:

- Como surgiu a comunidade;
- Como se organizou;
- Qual o relacionamento dessa comunidade com as comunidades vizinhas;
- Como surgiram as lideranças intelectuais, culturais, políticas; o que representavam e o que representam hoje;
- Quais os momentos mais importantes dessa comunidade — fatos que mais marcaram;
- Quais as festividades populares — surgimento e evolução;
- Quais as manifestações artísticas — danças, músicas (canções folclóricas, cantadores, violeiros), artesanatos — como surgiram e como a comunidade participa dessas manifestações;
- Atividades coletivas de comercialização.

Obs.: Estas informações podem ser colhidas de uma forma mais geral a nível de Município e aprofundadas a nível de comunidade.

Será necessário realizar consultas na Prefeitura e nas Entidades e entrevistar pessoas dos Municípios e Comunidades.

## 7. SETOR EDUCACIONAL

Convém esclarecer que este diagnóstico não visa aspectos propriamente qualitativos, o que implicaria a análise do currículo, metodologia, materiais etc. Trata somente da procura de indicadores quantitativos que permitam caracterizar o comportamento do Sistema. Não obstante, alguns destes indicadores servirão evidentemente para avaliar o funcionamento interno da escola.

TABELA 12 — Número de matrículas (por idade) segundo as séries, no ensino do 1.º grau no Município

SÉRIE	NÚMERO DE MATRÍCULAS										TOTAL	
	IDADE											
	- 7	7	8	9	10	11	12	13	14	+ 14		

Fonte: Departamento de Educação.

Obs.: Este modelo pode ser usado para o levantamento por Distrito.



TABELA 14 — Grau de formação dos professores, segundo os Distritos do Município

Distritos	To- tal	PROFESSORES SEGUNDO O GRAU DE FORMAÇÃO										Total Geral	
		3.º GRAU		2.º GRAU				1.º GRAU					
		Com- ple- to	In- com- ple- to	FARM. MAGISTÉRIO		OUTRO		Com- ple- to		In- com- ple- to			
				To- tal	Com- ple- to	In- com- ple- to	To- tal	Com- ple- to	In- com- ple- to	To- tal	Com- ple- to	In- com- ple- to	
<b>TOTAL</b>													

Fonte: Departamento de Educação e Escolas.

## ANEXO II

*Textos elaborados pelos membros dos grupos-diagnósticos  
no momento da sistematização*



João de Deus



meu Deus que situação está minha! não tenho dinheiro, não tenho emprego a família passando fome, as crianças doente. O que será

de mim? Só indo embora pra São Paulo, tantos que vão e se dão bem... Pode ser que lá melhore minhas condições, e depois voltarei para levar tudo. Aqui é que não dá mais para viver. Cada dia que passa a gente espera melhora e pior vai ficando. Nossa Senhora como o agricultor sofre neste morderste.

( Bourdes ) MONTE ALEGRE - CANINDÉ

Sená que  
ainda volto...  
aqui tem tanto  
Penigo!!!  
Posso Pender  
até a vida...!



...o Puxa...  
Que Saudade de  
Casa!!

dos meus  
filhinhos,  
e eu aqui  
no sul  
Sozinho.

- os homens viajam para o sul porque falta emprego e não receberam educação suficiente para defenderem seus direitos. E nessas viagens tanto se prejudicam como agricultor e como pai de família, como agricultor ele se prejudica porque nunca se firma aqui... e como pai ele é obrigado a abandonar sua família.

MONTE ALEGRE - CAMINHOS

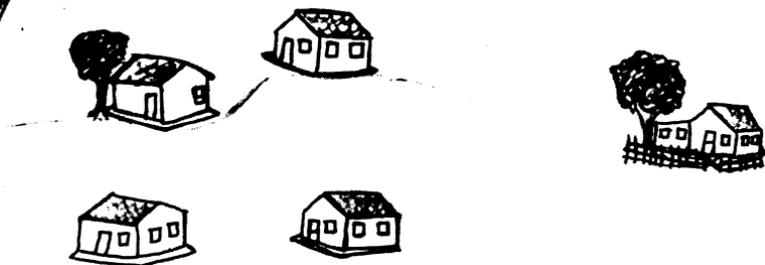
noé



A situação financeira vai muito mal:  
falta dinheiro pra comprar alimentos  
pra comprar material pra memórias  
estudarem, e eu já não sei o que  
fazer! estou alistado no Gecape, mais  
o ganho é pouco, e a Larista  
está de mais, o que agente ganha  
não dá nem pra comprar a  
alimentação! imagine o resto.

MONTE ALEGRE - CANINDE

*bonito*



Falta de Prédio.

não podemos ter boa educação,  
se as crianças não têm condições de  
estudar. Pois falta o Prédio escolar,  
falta carteiras e material escolar.  
As crianças estão passando fome e os  
pais não têm condições de comprar  
nem a alimentação para seus filhos.  
E por isso a educação vai mal.

- MONTE ALEGRE - CAMINHÉ

M<sup>re</sup>  
Bourdes  
Berna



A preocupação dos agricultores é muito grande. Uns não têm terra para trabalhar. Outros trabalham no GESCAP mais o salário não compensa. As famílias estão passando fome. É por isso que os homens vão embora para o sul.



CANINDE - MONTE ALEGRE



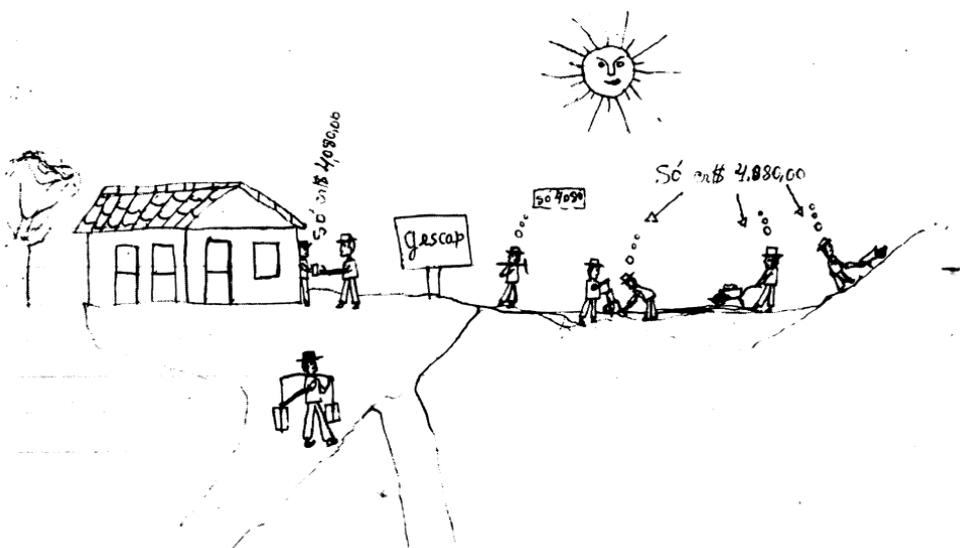
O que a Comunidade falou a respeito da organização da comunidade

Res: As pessoas poderiam ter mais gosto para melhorar o lugar, a comunidade pode ajudar na construção do posto de saúde, mas a comunidade sugere que seja feita uma reunião com o prefeito para fazer solicitações, porque com o apoio da comunidade e ajuda das autoridades poderemos melhorar o lugar, mas primeiro tem que ter reunião e concordância, e diz que o sindicato é muito importante, mas diz que sente a falta de assistência médica e uma pequena quantidade de alimentos

X X X

COMUNIDADE DE SÃO DOMINGOS - CARIDADE

HELIVANE



O que a comunidade falou a respeito de situação financeira

Res: O serviço do governo não resolve o problema porque o gaseape só beneficia o proprietário, mas em todo canto o rico é mais beneficiado que a classe pobre, e o governo é responsável pela pobreza, e a ajuda que dá pelo Nordeste e Pampa, com o apoio de todos a nossa terra progredirá com perenização dos rios, e irrigação e construção de açudes e estradas, precisamos de serviço que substitua o gaseape e com melhor salário, porque com 2 anos de seca a situação do pobre ficou pior, os preços dos produtos podiam ser tabelados, e os menores precisam trabalhar também

x x x

COMUNIDADE DE SÃO DOMINGOS - CARIACÁ

WELIANG



O que a comunidade falou a respeito de saúde

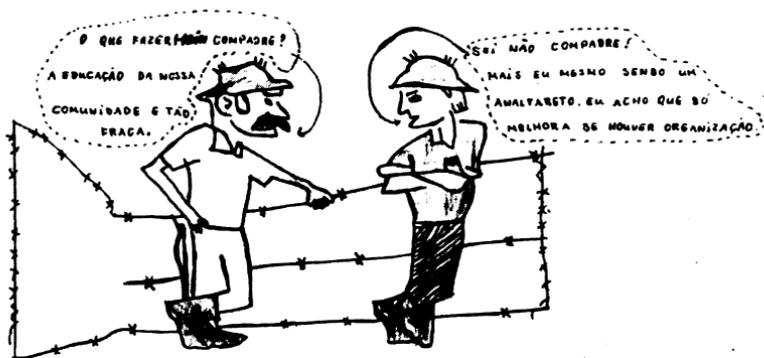
Res: Um posto de saúde beneficiaria a todos porque precisamos de médico e dentista diariamente ao menos um expediente porque o médico de 15 em 15 dias atende algumas casas só levamos os doentes ao médico quando os remédios caseiros não servem, e os remédios são caros e ninguém pode comprar e com o posto de saúde conseguiríamos remédios, e no inverno temos dificuldade de deslocar os doentes porque não tem estradas, e por isso que precisamos de posto equipado, e as pessoas da comunidade devem se preparar para trabalhar no posto. Não temos um posto de saúde por falta de interesse das autoridades, mas com reforço da comunidade e a ajuda das autoridades poderemos melhorar.

COMUNIDADE DE SÃO DOMINGOS XXX - CARIDADE

## "EDUCAÇÃO"

TEMOS MILHARES DE PROBLEMAS NA NOSSA COMUNIDADE, ENTRE TODOS TEMOS QUATRO QUE MUITO ATINGE A COMUNIDADE. SÃO ELES: SAÚDE, EDUCAÇÃO, SITUAÇÃO FINANCEIRA E DESORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE, SOBRE OS QUAIS FIZEI UM PEQUENO RELATÓRIO COM PALAVRAS DITAS PELA A PRÓPRIA COMUNIDADE QUE É VÍTIMA DE TANTOS PROBLEMAS POR MOTIVO CONHECIDOS.

TEMOS NA EDUCAÇÃO MUITOS PROBLEMAS INDENTÍCOS TALVEZ EXISTENTES POR CAUSA DA DESORGANIZAÇÃO, SÃO ELES: "ESCOLAS POUCAS E ATRASADAS, NÃO EXISTE ORGANIZAÇÃO POR SÉRIE, OS PAIS ESCOLHEM PROFESSOR = HORÁRIO PARA O FILHO, O ALUNO DEIXA DE ESTUDAR PARA TRABALHAR, TEM PESSOAS QUE SABEM ENCIÑAR MAS NÃO QUEREM, TEM ALUNOS PARA QUARTA SÉRIE E NÃO TEM ESCOLAS, FALTA PROFESSOR QUALIFICADO, ALUNOS QUE REPETEM QUATRO VEZES O MESMO ANO (DU SEJA A MESMA COISA) E NÃO SABEM NEM ASSINAR ONOMÉ PESSOAS QUE SAEM PARA ESTUDAR FORA NÃO VOLTAM ETC. SÃO ESSES OS PROBLEMAS QUE MAIS ATINGE A <sup>ORGANIZAÇÃO DA</sup> COMUNIDADE DE S. DOMINGOS. AS CAUZAS CITADAS PELA A PRÓPRIA COMUNIDADE SÃO AS SEGUINDES: SALÁRIO BAIXO PARA PROFESSORES E PAIS, A FALTA DE PROFESSOR QUALIFICADO, A NECESSIDADE DE TRABALHAR IMPEDU O ALUNO DE ESTUDAR, ETC. TODAS ESSAS CAUZAS E OUTRAS MAIS RESUMIDAS FICARIA EM UMA SO, APONTADA PELA A PRÓPRIA COMUNIDADE, É A FALTA DE ORGANIZAÇÃO. TAMBEM COMO SOLUÇÃO TEMOS VARIAS SUGESTÕES TAMBEM APONTADAS E RESUMIDAS PELA A COMUNIDADE É A ORGANIZAÇÃO A SOLUÇÃO PARA PROBLEMAS QUE ATRAPALHA NA EDUCAÇÃO DE S. DOMINGOS.



COMUNIDADE DE SÃO DOMINGOS - CIDADE  
- VERÔNICA

"Saúde"

TENHO VÁRIOS PROBLEMAS DE SAÚDE, CITAREI ALGUNS QUE MAIS ATINGE A NOSSA COMUNIDADE DE SÃO DOMINGOS, SOBRE OS MESMOS CITAREI AS CAUSAS E AS SOLUÇÕES RESUMIDAS PELA A PRÓPRIA COMUNIDADE. OS PROBLEMAS SÃO OS SEGUINTE: O MÉDICO DE 15 EM 15 DIAS NÃO RESOLVE OS PROBLEMAS DA COMUNIDADE, NECESSIDADE DE UM MÉDICO DIARIAMENTE, O MÉDICO NÃO TEM CONDIÇÕES DE ATENDER TODOS CASOS DA COMUNIDADE, EXISTE DIFICULDADE DE DESLOCAR O DOENTE, TENHO NECESSIDADE DE UM POSTO EQUIPADO. AS PRINCIPAIS CAUSAS DA EXISTÊNCIA DESSOS PROBLEMAS NA NOSSA COMUNIDADE SÃO: FALTA DE ESPORÇO, DA COMUNIDADE A COMUNIDADE AINDA NÃO SE REUNIU PARA A SOLICITAR A AJUDA QUE NECESSITA ETC. COMO SOLUÇÃO SUGERIMOS QUE: A COMUNIDADE SE REUNINDO E CONCORDANDO EM JUNTAR, SE TODOS E DE MÃOS DADAS ESPORÇAR-SE E ALÉM DOS ESPORÇOS DE CADA UM, PODER AJUDA DAS AUTORIDADES PARA CONSEQUIREM O QUE MUITO AJUDARA NA SAÚDE DA COMUNIDADE. ALÉM DISSO SUGERIMOS QUE: PESSOAS DA COMUNIDADE DEVEM SE PREPARAR PARA AJUDAR NA SAÚDE DA COMUNIDADE COMO POR POSSÍVEL.



TA NA HORA MEU DEUS!  
NÃO POSSO MAIS ESPERAR

HA MEU DEUS VOU MORRER!  
TEM QUE AJUDAR MAIS DE DIAS  
LÉNGAS PRA  
OSTRACIR UM DENTE

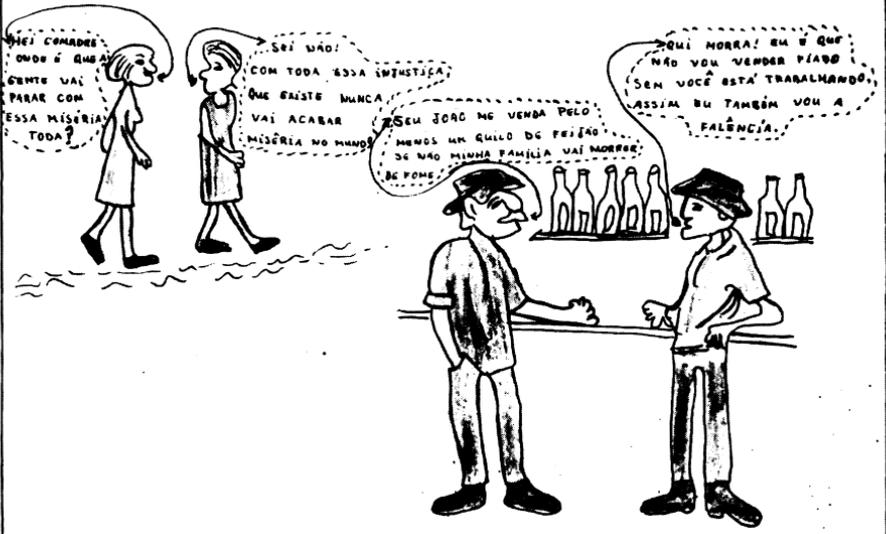


YATEAM.

COMUNIDADE DE SÃO DOMINGOS. CAROLINE VERÔNICA

"SITUAÇÃO FINANCEIRA"

TEMOS O PROBLEMA DE SITUAÇÃO FINANCEIRA NA NOSSA COMUNIDADE TALVEZ POR CULPA DE ALGUMAS PESSOAS MUITO ACONODADAS QUE SÓ FAZ ESPERAR POR DEUS. OS PROBLEMAS DOS QUAIS A COMUNIDADE É VÍTIMA, JÁ, BEM CONHECIDOS, QUE A PRÓPRIA COMUNIDADE APRESENTA CAUSAS E SOLUÇÕES. TEMOS COMO PROBLEMA: O SERVIÇO DO GECAP, SÓ RENOVENCIA O PROPRIETÁRIO, TODOS SÃO APERRIADOS NÃO PODEM SE AJUDAR, NOS ESFORÇAMOS TANTO E VIVEMOS APERRIADOS. NA DIVERGÊNCIA DE PATRÃO PARA PATRÃO, O COMERCIANTE FORNECE AO TRABALHADOR CONFIANÇA NO GECAP, O GOVERNO É RESPONSÁVEL PELA A NOSSA POBREZA, NOSSA TERRA É BDA E PRODUTIVA SÓ FALTA ÁGUA, ETC. SÃO ESSES OS PROBLEMAS FINANCEIROS QUE MAIS ATINGE A COMUNIDADE DE SÃO DOMINGOS, TEMOS COMO CAUSAS DOS MESMO O SEGUINTE: OS RICOS SÃO MAIS BENEFICIADOS QUE A CLASSE BAIXA, FALTA DE ESFORÇO DE ALGUMAS PESSOAS, DOIS ANOS DE SECA, A FALTE DE INTERESSE PARA SAIR DA MISÉRIA, DEUS NÃO QUER NINGUEM NA MISÉRIA, DESORGANIZAÇÃO E INJUSTIÇA. SUGESTÕES COMO SOLUÇÃO: ABRANGER UM SERVIÇO QUE SUBSTITUA O GECAP, ESFORÇO DE TODOS DA COMUNIDADE COM A AJUDA DAS AUTORIDADES FINANCIAMENTO PARA COMPRA DE MOTORES P/ ÁGUA, CONSTRUÇÃO E IRRIGAÇÃO DE AQUED. INDÚSTRIA QUE OFEREA TRABALHO, PERENIZADO DOS RIOS O GOVERNO AJUDAR MAIS O NORDESTINO, E EMPIM SUBERINOS QUE A ORGANIZAÇÃO SERIA O MELHOR CAMINHO PARA ENCONTRARMOS SOLUÇÃO PARA OS PROBLEMAS QUE MUITO ATINGE NOSSO POVO.



# FALTA DE ORGANIZAÇÃO

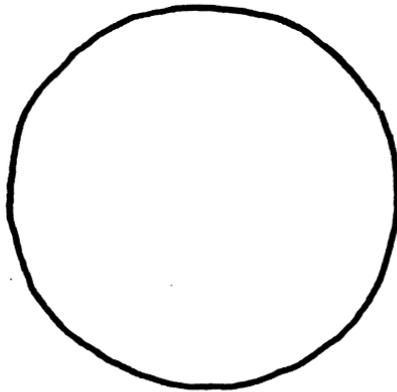
9



UNIÃO + AÇÃO = ORGANIZAÇÃO.

PARA FALAR DA FALTA DE ORGANIZAÇÃO DA NOSSA COMUNIDADE TEMOS POUCA COISA A DIZER E JA REPETIDA, PORQUE JA FALAMOS DENHAIS QUANDO FALAMOS NOS OUTROS PROBLEMAS EXISTENTE TUDO POR CAUSA DA DESORGANIZAÇÃO. TEMOS COMO UM PROBLEMA CAUZADOR DE TANTOS OUTROS, A FALTA DE INTERESSE (ESFORÇO), FALTA DE CONSCIÊNCIA DA NECESSIDADE DE ORGANIZAÇÃO, TALVEZ FALTA DE ALGUÉM QUE ORIENTE, QUE ALERTE, QUE LEVE O POVO A VER E ENTENDER A REALIDADE.ETC. AS CAUZAS SÃO IDENTICAS AOS PROBLEMAS. O QUE MAIS VENHO COMO CAUZA PRINCIPAL É A FALTA DE ESFORÇO, DE BODDO, O INDIVIDUALISMO. TALVEZ A FALTA DE CONSCIENCIA DA IMPORTANCIA DA ORGANIZAÇÃO. COMO SOLUÇÃO SUGERIMOS QUE: A UNIÃO E CONCORDIA, O ESFORÇO A AJUDA MUTUA ETC. SERIA A SOLUÇÃO, NÃO IMEDIATA. MAIS TALVEZ PARA NOVA GERAÇÃO.

COMUNIDADE DE SÃO DOMINGOS - CARIDADE VERÔNICA



É muita terra  
e ao mesmo  
Tempo Falta  
terra Pra plantar.

(Comunidade de Spuena dos Gomes)  
Caninde

## Opinão dos Gómes - Carne

Ante a que estamos vendo  
que quando o patrão  
Vê que o pequeno agricultor  
está fazendo alguma coisa  
Pra si, ele pega o  
gado todo pra destruir  
tudo do agricultor



que o pequeno agricultor  
faz? desculpa logo por  
que ele não que ver o  
seu Roçado nesta  
situação tem que sair  
porque não dá.  
o pobre já dá a Renda  
5% do algodão  
por isso ele vai pra  
cidade procura vida melhor



## Problema de Terra

Bom pessoal nos voltamos mais uma vez para conversar junto com todos vocês aqui presente, então queremos falar um pouco sobre o Problema de Terra, agricultor sem terra, outro tem terra mais é pouca, outros só tem a casa para morar, o agricultor só trabalha atirado não tem condições financeiras, mas que com a ajuda do banco, em ile chegar a facilitar para o Pequeno e médio agricultor não vai melhorar alguma coisa!

Os donos de terras só querem criar gado, não deixam os agricultores Produzir, e que trazem feições dos outros Estados como nós chegamos a falar nos Pobres, os de Patrão e empregado, que quando o Patrão vota o gado para destruir a colheita, o agricultor vai embora, será que através de uma escola de educação procurando conhecer mais o Problema, os direitos do agricultor, como também os direitos do Patrão e o Patrão cumprir as leis, e com esta falta de terra para o Pequeno e médio agricultor, havendo umas desapropriação de terras que não dão produção será que melhoraria a situação do Pequeno e médio agricultor? e se o sindicato Procura a falar pelo o agricultor, e as Pessoas Procuram a conhecer melhor o Papel do sindicato, e entender que o sindicato não é só para atender em questão de doença?

("graça")

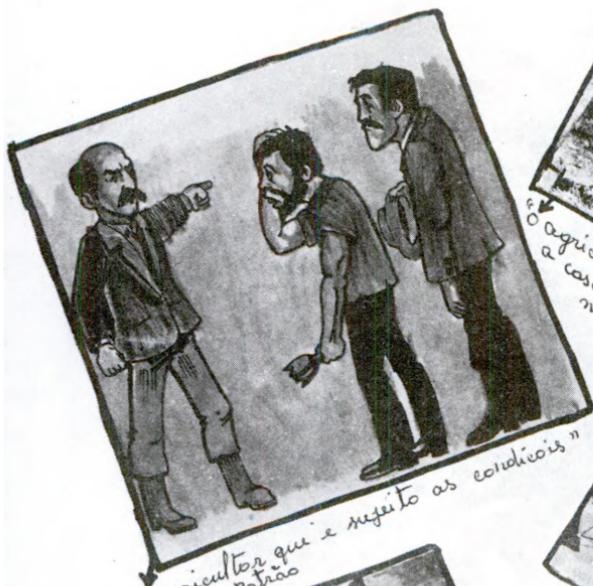
Spueira dos Gomes - Canindé

## Patrão e Empregado.

Bom pessoal nos estamos aqui para explicar  
mos algumas coisas deste nosso trabalho  
que a a muitos dias <sup>nos</sup> vem trabalhando  
juntamente com todos vocês daqui de nossa  
comunidade, sabemos que todos vocês querem  
conhecer algumas informações deste trabalho  
então nós estamos aqui juntamente com vocês  
para informar, e queremos que vocês que desejam  
saber alguma coisa sobre este trabalho que  
nos fizemos junto com vocês, que fale pergunte  
alguma coisa que vocês querem saber, e que  
acham que há alguma dúvida entre vocês  
então o que nos pensamos antes de conversar  
com vocês da comunidade é que a relação, de  
Patrão e empregado era justa, mas ficamos  
bem claro com as informações de vocês, que é  
injusta. Porque terra de meia e até mesmo nem  
isso sujeito as condições do Patrão, não tem  
ajuda nenhuma, nem do Sindicato. O Patrão  
bota o gado pra destruir a colheita, se da  
valor ao pasto, então com tudo isso achamos  
que não é justa esta relação, então vemos também  
o que vocês apontaram, que o sindicato não  
ajuda, como também todos não cumprem a  
lei da terra, são poucos os que cumprem  
como a reforma Agrária desapropriando as terras  
que não dão produção, senão que não ia melhorar  
mais a situação do trabalhador?

Spueira das Gomes - Caminde

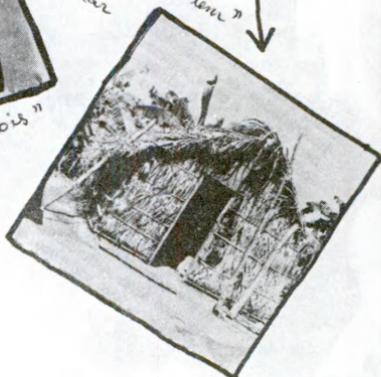
(Espere dos Gomes-Camude)



"O agricultor que é sujeito as escolheções do Patrão"

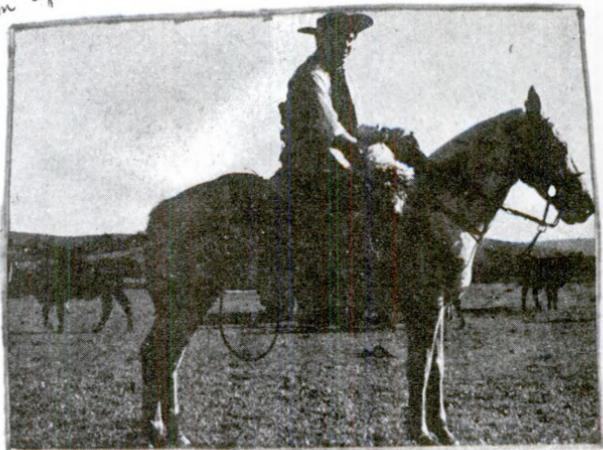


"O agricultor que só tem a casa para morar"



"O agricultor que não tem ajuda nenhuma"

"O Patrão que Prefere o Pasto"



## Problema de escola

{Conhecimento de comunidade}

Hoje que voltamos a apresentar a todos a continuidade de nosso trabalho, vamos falar para vocês sobre

O problema de escola encontramos muitas causas que todos disseram que a escola não estava servindo para quem morava aqui em aqui muitos falaram que era melhor ser analfabeto do que saber ler e não ter emprego, e também ter saber e ser agricultor não adianta nada.

não vale apenas agente aprende a ler e também não pratica o estudo fica parado e continua sempre sem servir de nada. esta pessoa não é cidadão porque não participa de nada.

muitos dizem que a escola só ensina a ler e não a trabalhar era preciso que a escola ajudasse o aluno também em um trabalho dizem que é preciso de professora que tenha boas condições para dar seus alunos. muitos acham que a escola podia melhorar o pessoal para compreender os seus direitos para procurar o sindicato assim a escola não está servindo de nada.

f. p. p. - etc. p. -

h. c. p. 

Apueira dos Gomes - Camindé.

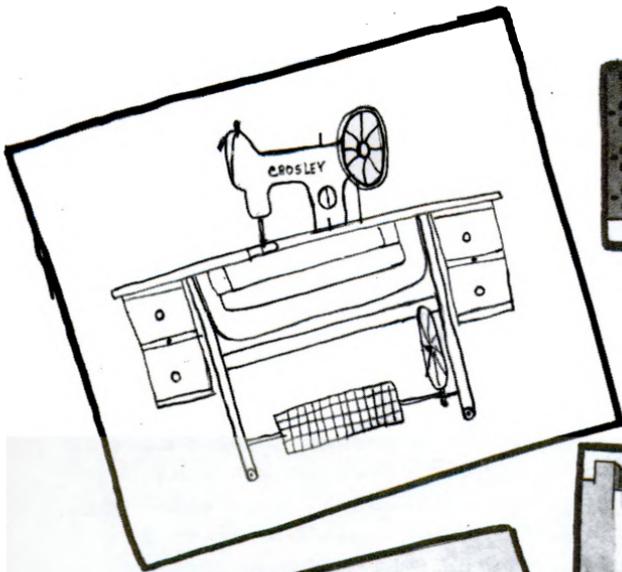
## trabalho de mulher

### Informações de comunidade

Vamos falar sobre o problema do trabalho da mulher, se elas tivessem máquina não era a solução, que muitas têm máquinas e não trabalham, e também tem máquinas, sabem trabalhar e não tem um ponto certo para suas costuras. falta informação de alguém que possa ajudar, explicar que trabalhar não é só aquele que agente ganha o trabalho de uma casa também é muito importante, só que não vemos isto. a educação também podia dar muitas informações as moças da curso de trabalho manual.

for edito por  
Sônia da Costa

Spurra dos Gomes Landre



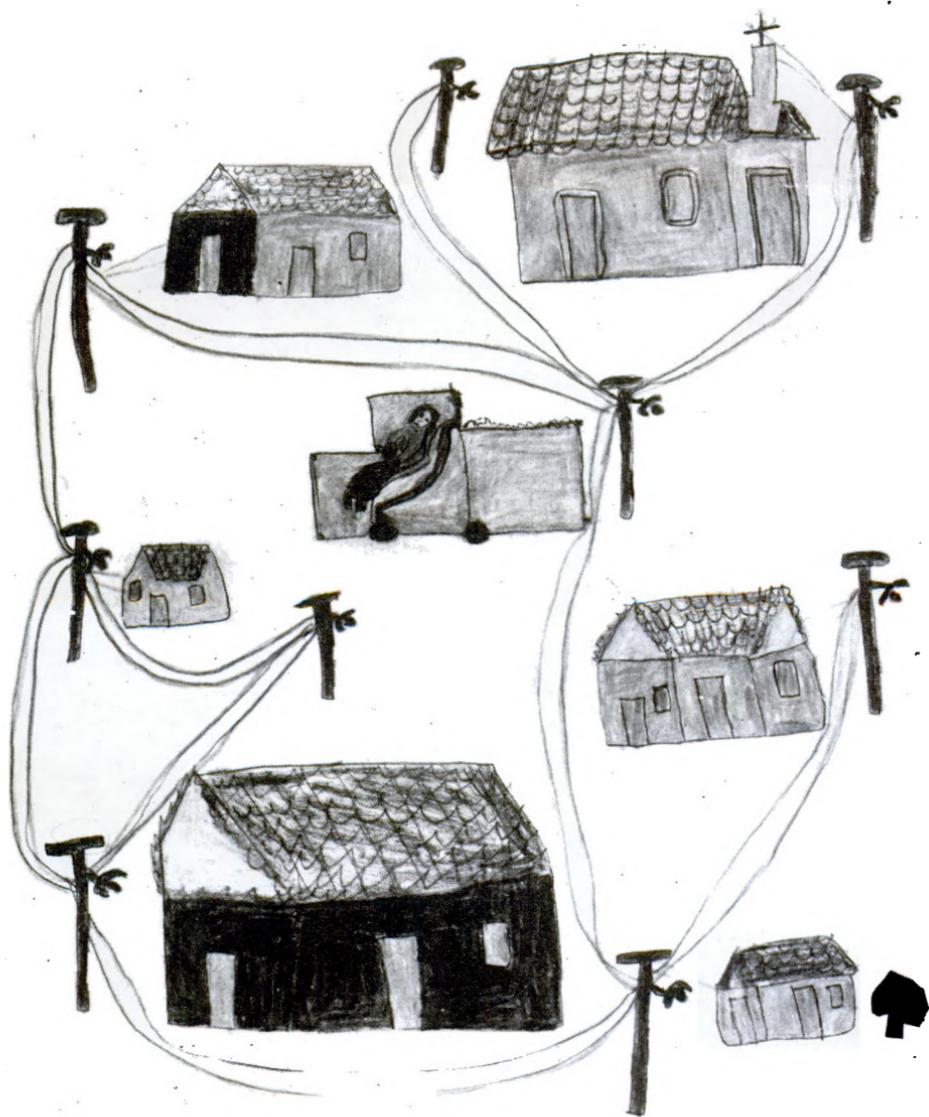
"Aqui está ensinando, que ensina e aprendeu"  
e está praticando o que aprendeu

Spueira dos Gomes. Camindé

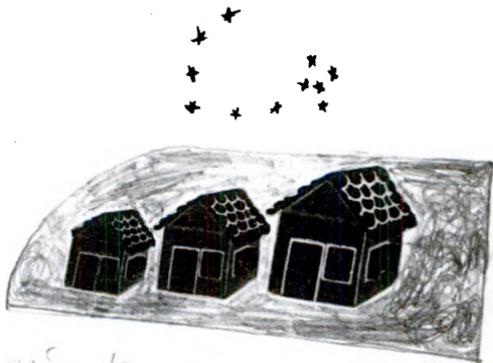
## Energia Elétrica

Bem gente nós aqui estamos para falar sobre a falta de Energia, porque quando nós estamos fazendo a pesquisa encontramos muitos problemas pela a falta de Energia, porque se tivesse energia melhorava muito para o comércio, podia aparecer uma indústria, uma sorveteria, funcionava televisão, geladeira, liquidificador, com a energia melhorava muito para fazer as festas da escola iam ser muito mais animadas. Com a energia podia aparecer alguns trabalhos como uma escola a noite para os adultos que tem muita necessidade.

Opiniao dos Jovens Comunidade

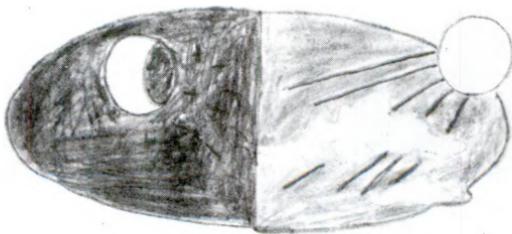


Ipueira dos Jorns. Carindé



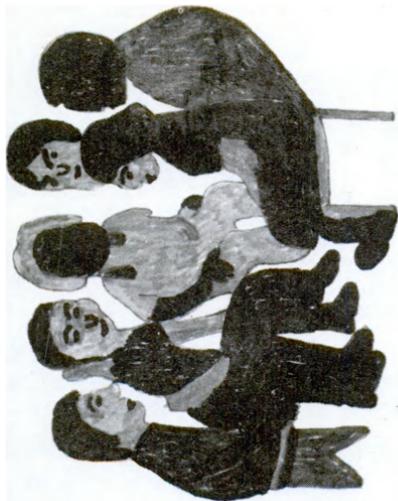
Não temos energia elétrica  
pra funcionar nada por falta  
de energia

é a luz quando a noite vem



Sim, a Energia do Sol.

Ilumina dos Gomes - Caninde



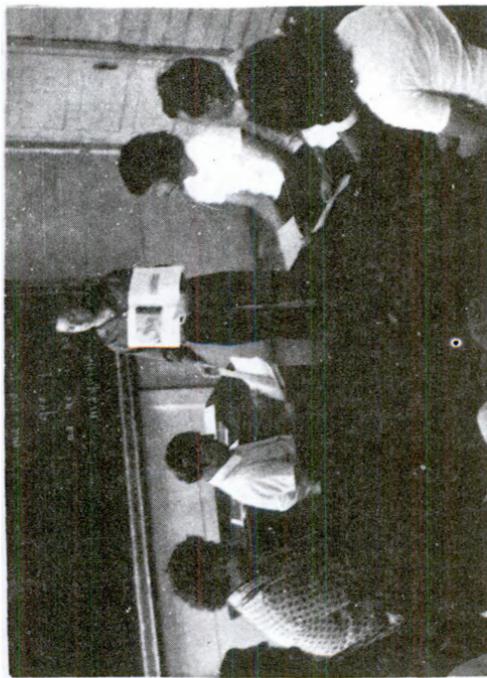
FALTA CONDIÇÕES P/ ESTUDOS

TENHO 7 FILHOS E NEM  
UM ESTUDA. POR QUE NÃO  
TEM CONDIÇÕES, FALTA:  
ROUPA, SAPATOS, CADERNOS,  
CANETAS, LÁPIS, BORRACHAS E  
ATÉ ALIMENTAÇÃO SUFICIENTE

( COMUNIDADE DE DONITO ) -  
CANINDE

ESCOLA FRACA

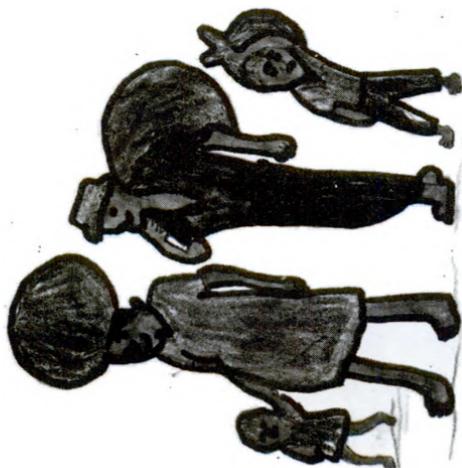
ARQUI EM BONITO A ESCOLA  
NÃO FUNCIONA BEM.  
POR QUE O NÍVEL DO  
PROFESSOR É BAIXO.  
COMO TAMBÉM O BAIXO  
SALÁRIO DO PROFESSOR,  
FAZ COM QUE A MESMA  
NÃO FUNCIONE MELHOR.



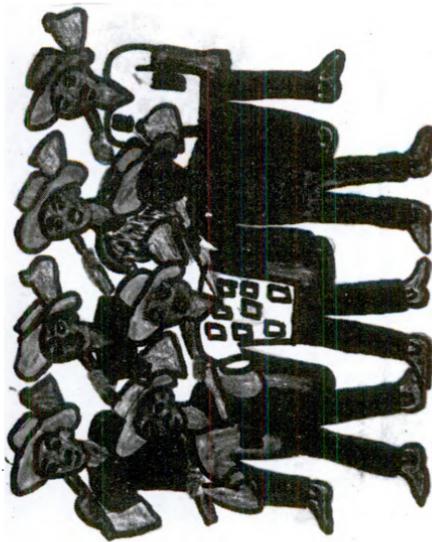
( COMUNIDADE DE BONITO )  
CANINDÉ

# TRABALHADOR SEM TERRA PRÁ MORAR.

VOU PARA A CIDADE COM  
A MINHA FAMÍLIA, POR QUÊ  
NÃO TEMOS TERRA PARA  
PLANTAR, A MEIA SÓ DA  
PARA O PATRÃO. O PATRÃO  
BOIA GADO DENTRO DO ROÇA-  
DO ANTES DE TERMINAR A  
COLHEITA. O PATRÃO DÁ  
MAES VALOR O BÔI DO QUÊ  
O HOMEM.



(COMUNICADO DE BONITO)  
CARINDE



## PLANO DE EMERGÊNCIA

SE DEUS NÃO MANDAR O BCM  
TEMPO, NÓS VAMOS SCFRER MUITO  
MÃES! O QUE GANHAMOS AINDA NÃO  
DÁ PARA SUSTENTAR NOSSAS  
FAMÍLIAS, POR QUE O CUSTO DE VIDA  
ESTÁ MUITO ALTO, E O PIOR É QUE AS COISAS  
SOBE DE PRÊÇO SEMANALMENTE.

# FOME

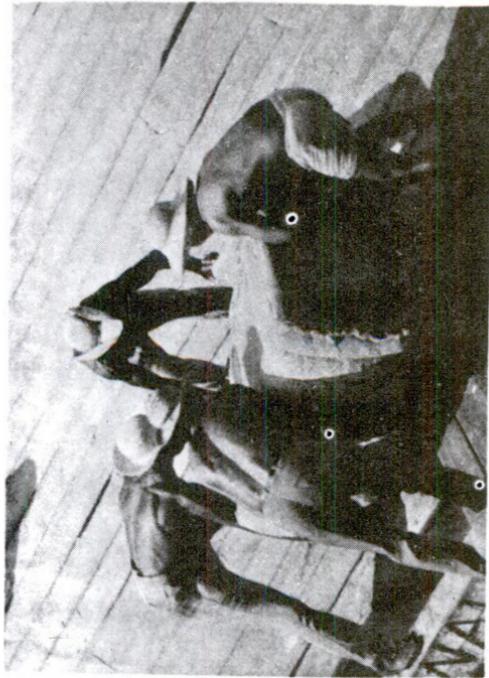
NÃO SUPORTAMOS MÃES A  
FOME! O PAPAI GANHA PÔCO,  
A MAMÃE NÃO GANHA NADA.  
SÉRIA BOM SE NÓS TAMBÉM  
FÔSSEMOS ALISTADOS NA  
EMERGÊNCIA.



( COMUNIDADE DE DOMITO )  
CAMINDE

# FALTA DE UNIÃO

VAMOS TRABALHAR UNIDOS  
POR QUE A UNIÃO FAZ A  
FORÇA. DEUS DISSER:  
ONDE ESTIVER 2 OU 3 EM  
MEU NOME AÍ ESTOU EU NO  
MEIO DELES. DISSE TAMBÉM:  
TRABALHA QUE EU TE AJUDA-  
REI. POR ISSO, NÓS JUNTOS  
TOMAMOS ESSE FARDÃO.



(COMUNIDADE DE BOMITO)  
CAMINHO

SINDICATO INJUSTO /

QUEREMOS SINDICATO LIVRE, DISEM QUE O SINDICATO É MUITO IMPORTANTE, MAS ESSA IMPORTÂNCIA A GENTE NÃO RECEBE DENTRO DO SINDICATO.

POR QUE: O PRESIDENTE MUITAS E MUITAS VÊZES, NEGA O DIREITO DO TRABALHADOR.



( COMUNIDADE DE BONITO )  
CARLOS

# OPRESSÃO ENTRE TRABALHADOR E PATRÃO.

HÓ MEU DEUS! CADA DIA QUE SE PASSA,  
PIORA MES A SITUAÇÃO DO TRABALHADOR  
POBRE QUE NÃO TEM TERRA.  
OS PATRÕES SÃO DUNOS! OS POBRES SÃO  
SEMPRE OPRIMIDOS!



(COMUNICADORE DE BONITO) - CAMINHO

## OS JOVENS VIRIAM

AQUI EM BONITO OS  
JOVENS SAEM PARA CONTIN-  
UAR SEUS ESTUDOS  
E TRABALHAREM NA CIDADE  
PARA AJUDAREM O PAIS. POR  
QUE NA COMUNIDADE NAO  
TEM UM SALARIO COMPEN-  
SADOR PARA SOBREVIVER.  
E LA TAMBEM O QUEGANHA  
NAO DA NEM PAR O MESMO.



**DRAMATIZAÇÃO:**

O

DRAMA

DA

COMUNIDADE

DE

MONTE

ALEGRE.

Personagens: *Compade Manuel*  
*Compade Zé Bento*

Equipe de Monte Alegre

Monte Alegre, 31 de agosto de 1981



## I ATO

**NARRADOR: "VAMOS DA INÍCIO A DRAMATIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS PROBLEMAS QUE SOFRE A COMUNIDADE DE MONTE ALEGRE".**

**(ESTA CENA SE PASSA NA CASA DO COMPADE ZÉ BENTO.)**

**Manuel — Olá compade Zé, como vai? como vai a família?**

**Zé — Vou passando, e você como vai?**

**Manuel — Ora compade, eu ando assim meio virado, a situação financeira está muito difício, a família passando fome, as crianças doente, não tenho condição de levar pra Canindé, pro Hospital, os remédios são muito caros, é não tem médico aqui em nossa comunidade, só uma ou duas vezes por mês é eu já não sei o que fazer!**

**Zé — E compade, o povo tem um ditado: "Dizem que, quem não trabalha não deve comer, pelo que estamos sentindo, que mais trabalha é quem menos esta comendo".**

**Manuel — É compade, por isso, que vou embora, desse jeito eu não agüento mais, vou ver se melhora de vida no Sul.**

**Zé — Compade o GESCAP, está aí! O plano do Governo é bom. Por que você não se alista no GESCAP?**

**Manuel — Ora meu compade, eu não tenho terras, o meu vizinho, tem um pedaço mais não tem documento é não pode ser beneficiado pelo tão bom plano do Governo. Você quer**

saber de uma coisa meu compade, os planos do Governo sá são parecido com bons, mais na realidade ele são de propositos para nos encanar. O Governo muitas vezes só beneficia os ricos, os barrãos, para os pobres não há nada de bom.

Zé — Mais é porque o Governo não sabe as necessidades que os pobres passa.

Manuel — É mesmo compade, o se Governo vinhesse passar um dia na casa de um pobre e vise em que miséria ele vive, ele sabia fazer os planos que desse certo para os pobres.

Zé — Que nada, compade, se o Governo viesse passar um dia na casa de um pobre besta desse por ai! ele matava o único pinto que tivesse no terrero para dar de comer o governo. Ai o governo saia dizendo que o pobre comia galinha todo dia.

Manuel — Há! na minha casa não, na minha casa, ele ia passar o dia com fome assim como eu e minha mulher e meus filhos.

## II ATO

Zé — Compade, pra onde você esta pensando que vai?

Manuel — Pra S. Paulo.

Zé — É você tem alguma profissão para trabalhar em São Paulo?

Manuel — Não mais quando eu chegar lá, eu me ajeito.

Zé — Vai só, ou levar a família?

Manuel — Eu levo e tudo, os meninos estão sem estudo, eu vou ver se arranjo um emprego, só assim eu posso butar os meus filhos pra estudar.

Zé — Compade por que os seus filhos não estudam aqui mesmo?

Manuel — Ora compade e fácio de explicar: 1.º porque estou sem emprego e não tenho condição de comprar material necessario para os meus filhos estudar. 2.º porque não tem professoras para os menores de 6 anos e nem para os que terminaram a 2.ª série. E o pior que não temos prédio Escolar aqui em nossa comunidade. Temos um aqui na sede do distrito mais é muito pequeno, só temos duas salas de aulas e poucas professoras, acho até que as poucas professoras que temos são pessoas bastante colaboradores em nossa comunidade pois o salário é muito pouco.

Zé — Compade, será que não é muito arriscado você ir pra São Paulo com toda a família, se não arranja emprego logo, ou alguma coisa acontecer?

Manuel — Ora compadre, muitas vezes os homens que vão embora sem leva a família, voltam logo e eu sou do tipo do homem que gosto de minha família e tenho que leva para que juntos possamos resolver os nossos problemas. Assim como desejo que todos os que formam a comunidade de Monte Alegre, juntos possam resolver todos os problemas existentes hoje em nossa comunidade. “Pois a União faz a Força.”

Zé — Pois é compade Manuel, desejo a você e sua família muitas felicidade, é muito triste ver um amigo sai de seu lugar às vezes não se da bem lá no Sul e volta com o pouco que conseguiu, chegando aqui não tem trabalho, e continua na mesma miséria.

Narrador: E assim foi Dramatizado os principais problemas de nossa Comunidade.

Canindé, 31 de agosto de 1981



## **ANEXO III**

*Documentos elaborados pelos grupos-diagnóstico  
das comunidades*

- 1. Quadros de informações  
sistematizadas**
- 2. Plano Comunitário Geral**
- 3. Plano Educativo Comunitário**



**COMUNIDADE DE BONITO  
CANINDÉ**



### 1.1 TRABALHO DA MULHER

Explicação do problema	Por que acontece	Soluções
<p>— A mulher já trabalha na roça, cuida das crianças e da casa</p> <p>— As mulheres não estão satisfeitas com o que fazem</p> <p>— A mulher e o menor não podem criar animais e nem fazer hortas</p> <p>— O menor sai para trabalhar fora mas não pode ajudar as famílias</p>	<p>— As mulheres não podem comprar máquinas de costura</p> <p>— Alto custo da ração dos animais e a falta de chuva</p> <p>— O menor não ajuda a família porque ganha pouco</p>	<p>— A mulher pode fazer costura, bordado, crochê, bolsa de palha, cesto</p> <p>— O menor e a mulher colaborando mais</p> <p>— Quem sabe fazer algum trabalho deve ensinar a quem não sabe</p> <p>— Tem quem compre os bordados</p> <p>— O governo ajudasse a comprar as máquinas</p> <p>— Fazer logo os trabalhos manuais</p>

## 1.2 FALTA DE UNIÃO

Explicação do problema	Por que acontece	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— A Comunidade ainda não sabe resolver os problemas</li> <li>— Os pais não se reúnem</li> <li>— É difícil reunir a comunidade para discutir os problemas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Falta de organização da comunidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— A comunidade precisa de ajuda</li> <li>— A gente precisa se reunir, mais, prestando mais atenção para realizar os planos da gente</li> <li>— A comunidade para realizar o trabalho comunitário precisa se reunir e contar com o apoio das famílias</li> </ul>

## 1.3 SAÚDE

Explicação do problema	Por que acontece	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— A água não está boa mas é a que temos, o jeito é tomar</li> <li>— Quando as pessoas adoecem a gente dá remédio caseiro, se for grave leva ao médico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— As pessoas adoecem por falta de cuidado com a água</li> <li>— Falta de miniposto, do jeito que funciona não atende a todos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— A comunidade deve zelar a água</li> <li>— O sindicato deve prestar mais assistência médica</li> </ul>

#### 1.4 TERRA.

Explicação do problema	Por que acontece	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— O trabalhador fica devendo ao patrão</li> <li>— A falta de chuva piora a situação do trabalhador</li> <li>— Chovendo ou não, a situação do trabalhador não muda</li> <li>— Muitos trabalham de meia na terra do patrão</li> <li>— Não existe muita saída para o trabalhador rural</li> <li>— O plano de emergência não ajuda os pobres</li> <li>— O agricultor trabalha muito e a terra não ajuda</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— A função do Sindicato é prestar assistência médica</li> <li>— Paga renda alta</li> <li>— Desconhecimento das leis</li> <li>— Só os patrões conhecem as leis</li> <li>— Terra fraca</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Um plano de trabalho feito pelo agricultor</li> <li>— Ajuda do Governo ao agricultor pobre (sem terra)</li> <li>— Conhecimento das leis</li> <li>— Patrão justo</li> <li>— Reunir e fazer um relatório para o INCRA</li> <li>— Fazer uma reforma agrária (repartir as terras)</li> </ul>

## 1.5 ESCOLA

Explicação do problema	Por que acontece	Soluções
— A educação serve pra gente saber se dirigir e melhorar de vida	— A escola daqui não está muito boa	— Seria boa se o pessoal pudesse ficar aqui
— A escola serve pra aprender a fazer contas, tirar documentos e ser eleitor		— A escola deveria ensinar mais alguma coisa
— Os alunos saem para continuar ou concluir os estudos		— Se os professores se reunissem ajudariam a melhorar a escola e a comunidade
— Estamos satisfeitos com a escola, ensinam a ler e escrever		— A escola tem que mudar para melhorar
— O aluno pratica o que aprende fazendo carta e bilhete		

## 1.6 A FALTA DE CONDIÇÕES

Explicação do problema	Por que acontece	Soluções
— O aluno sai da escola para trabalhar	— Falta de material escolar, sapato, roupa	
— A escola não pode evitar que as pessoas saiam da comunidade		
— A gente não sabe que a educação ajuda a melhorar a comunidade	— A educação serve para os jovens saírem da comunidade	

### 1.7 ESCOLA PARA OS ADULTOS

Explicação do problema	Por que acontece	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Falta escola para os adultos</li> <li>— Quem trabalha durante o dia só poderá estudar à noite</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Falta de interesse da comunidade</li> <li>— O problema de vista</li> <li>— Baixo salário do professor</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Funcionamento da escola</li> </ul>

### 2.1 PLANO COMUNITÁRIO GERAL: TERRA (relação injusta entre o trabalhador sem terra e o patrão).

#### Causas

- O trabalhador rural desconhece as leis de uso e posse da terra
- O trabalhador conhece mais o sindicato através da assistência médica
- O trabalhador paga uma renda muito alta
- A terra é fraca e não ajuda
- A maioria dos patrões conhecem a lei
- O trabalhador sem terra não recebe ajuda financeira para produzir

#### Soluções

- O apoio das Instituições na parte de orientação sindical
- Um patrão justo
- Assistência técnica e financeira das Instituições e Órgãos competentes
- O trabalhador possa apresentar seu plano de trabalho para as Instituições
- Começar a fazer o cadastramento de terras para o INCRA
- Reforma Agrária

## 2.2 EDUCAÇÃO (A escola precisa mudar)

<b>Causas</b>	<b>Soluções</b>
<p>A escola não está boa porque:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>● O aluno sai para continuar ou concluir os estudos</li><li>● Falta material escolar</li><li>● Falta de interesse da comunidade (organização)</li><li>● O baixo salário do professor</li><li>● Falta escola para adultos</li><li>● O aluno sai da escola para trabalhar.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>● A escola deve ensinar mais alguma coisa, além de ler e escrever.</li><li>● Reunião permanente dos professores para ajudar a melhorar a escola e a comunidade</li><li>● Funcionamento de uma escola para os adultos</li></ul>

## 2.3 SAÚDE

<b>Causas</b>	<b>Soluções</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>● As pessoas adoecem por falta de cuidado com a água.</li><li>● O miniposto de saúde não funciona regularmente e por isso não atende a todos</li><li>● As pessoas que adoecem não têm condições de se tratar fora da comunidade</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>● A comunidade deve zelar a água</li><li>● O Sindicato deve prestar mais assistência médica</li></ul>

#### 2.4 FALTA DE UNIÃO (organização da comunidade)

Causas	Soluções
<ul style="list-style-type: none"><li>● Falta de organização da comunidade</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>● A comunidade deve se reunir com mais frequência, para discutir os problemas</li><li>● O apoio das Instituições e da própria comunidade</li></ul>

#### 2.5 TRABALHO (mulher e menor — ajudar no sustento da família)

Causas	Soluções
<ul style="list-style-type: none"><li>● As mulheres não podem comprar as máquinas de costura</li><li>● Não podem criar animais e nem fazer hortas por falta d'água e pelo alto custo da ração</li><li>● O menor que sai para trabalhar não ajuda a família porque ganha pouco</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>● As mulheres fazerem os bordados a mão</li><li>● Quem sabe fazer alguma atividade deve ensinar quem não sabe</li><li>● Procurar venda para os bordados fora da comunidade.</li><li>● Começar a realizar os trabalhos manuais</li><li>● Conseguir apoio das Instituições para o financiamento das máquinas de costurar</li></ul>

Necessidades	Ações educativas	Atividades	Responsáveis	
			Instituições	Comunidade
<p>Educação: Melhorar o funcionamento da escola, fazendo com que ela ajude a resolver alguns problemas da comunidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Realizar reuniões com as professoras para descobrir as principais dificuldades sentidas na sala de aula e na comunidade</li> <li>Reunião com os pais para apoiar as professoras no trabalho de educação na escola e comunidade</li> <li>Procurar promover atividades através da escola para conscientizar as famílias sobre outros problemas da comunidade</li> <li>Descobrir atividades recreativas e culturais para motivar a frequência do aluno na escola</li> <li>Fazer um levantamento das pessoas que querem aprender bordado a mão e quem sabe e pode ensinar</li> <li>Promover reuniões com as alunas e possíveis mentoras para discutir a necessidade do curso de bordado na promoção pessoal e da família</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Treinamento para as professoras melhorarem os planos de aula</li> <li>Conseguir equipamento, e material escolar</li> <li>Reuniões, palestras e encontros</li> <li>Jogos, comemorações de aniversários, datas cívicas e festas, campeonatos de futebol...</li> <li>Reuniões, debates</li> <li>Realização do curso de bordado</li> </ul>	<p>O.M.E. SE, Prefeitura e O.M.E.</p>	<p>MOBRAL, EMATER-CE, PSESP, Catequese e Sindicato</p>
<p>TRABALHO DA MULHER: Melhorar a situação financeira das famílias</p>			<p>L.B.A.</p>	<p>MOBRAL</p>

**COMUNIDADE DE IPUEIRAS DOS GOMES  
CANINDÉ**



1.1 ASSUNTO: PATRÃO/EMPREGADO

Explicações	Causas	Soluções
<p>— Terra de meia ou nem isso</p> <p>— Agricultor sujeito às condições do patrão</p> <p>— Trabalha alugado</p> <p>— Não pode parar</p> <p>— Não tem ajuda nenhuma</p> <p>— Tem que se calar e agüentar</p> <p>— 30% dos agricultores saem pra capital</p> <p>— Não adianta ir pra outro proprietário porque quando chega lá é o mesmo</p> <p>— O gado destrói a colheita</p> <p>— O patrão prefere o pasto</p> <p>— O agricultor não tem voz ativa</p> <p>— O proprietário encarece a renda da terra boa</p> <p>— A lei do proprietário é de 50% na renda do algodão</p>	<p>— Não ter ajuda de maneira nenhuma</p> <p>— O sindicato não ajuda</p> <p>— Poucos cumprem a lei da terra</p>	<p>— Cumprir a lei da terra</p> <p>— Desapropriação das terras sem produção</p> <p>— O sindicato falar pelo agricultor</p>
<p><b>OBS.:</b> Isto acontece nas fazendas mais fora, aqui não tem fazenda grande</p>		

1.2 ASSUNTO: TERRA

Explicações	Causas	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Terra pouca</li> <li>— Quem não tem terra vive apertado</li> <li>— O agricultor só trabalha apertado</li> <li>— Não tem condições financeiras</li> <li>— Tem uns que só tem a casa</li> <li>— Falta água</li> <li>— Não tem terra</li> <li>— Através do açude se trabalha e se alimenta</li> <li>— 30% de agricultor sai para capital</li> <li>— Trabalha, trabalha e é tudo morrendo</li> <li>— Agricultura desanimada</li> <li>— Os donos de terra só querem criar gado</li> <li>— Não deixam os agricultores produzir e trazem feijão dos outros Estados</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— O ganho do GESCAP é pouco</li> <li>— O banco não facilita para o pequeno e médio agricultor</li> <li>— Não tem ajuda de maneira nenhuma</li> <li>— O INCRA é um negócio de pequena escala</li> <li>— Não ter terra para trabalhar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Ter terra</li> <li>— Atuação do INCRA em grande escala</li> <li>— Construção de açudes</li> <li>— Desapropriar as terras que estão aí sem dar produção</li> </ul>

### 1.3 ASSUNTO: SINDICATO

Explicações	Causas	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Quando o patrão bota o gado no roçado o agricultor vai embora</li> <li>— Tem a lei do governo mas poucos cumprem</li> <li>— Gente pobre não tem direito a nada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— O Sindicato não fala pelo agricultor</li> <li>— O Sindicato só atende em questão de doença</li> <li>— Muitos não conhecem qual o papel do Sindicato</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Conhecer melhor o papel do Sindicato</li> </ul>

### 1.4 ASSUNTO: TRABALHO DA MULHER

Explicações	Causas	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Se as moças tivessem máquina qual-quer ganho servia</li> <li>— Se as moças aprendessem a costurar podiam sair e se colocar numa firma</li> <li>— O problema maior é para as moças que ficam sempre esperando pelos pais</li> <li>— As mulheres gostariam de trabalhar</li> <li>— A máquina é muito necessária mesmo que seja só pra costura para casa</li> <li>— A costura que se faz pra casa é uma ajuda porque não se paga</li> <li>— Não costura bem porque não teve curso</li> <li>— Muitas mulheres sabem fazer um trabalho (costura, bordado, surrão)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— As causas não dão pra comprar máquina</li> <li>— Não tem quem compre o trabalho</li> <li>— Não tem posses pra comprar palha</li> <li>— Não costura bem porque não tem curso</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Comprar máquina</li> <li>— Ter uma pessoa que ensinasse aula de corte</li> <li>— Ter quem compre o trabalho</li> <li>— Costurar para vender fora</li> </ul>

### 1.5 ASSUNTO: ENERGIA ELETRICA

Explicações	Causas	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Falta emprego por falta de energia</li> <li>— Se tivesse energia funcionava televisão, geladeira, liquidificador</li> <li>— Com a energia melhorava o comércio, igreja, escola noturna, fazer trança, bordar</li> <li>— Falta condições do pessoal</li> <li>— Os políticos prometem e não trazem</li> <li>— O problema depende dos de fora</li> <li>— O lugar dia-a-dia tá se atrasando, tudo aqui é difícil</li> <li>— A energia faz falta em muitas coisas</li> <li>— Com energia podia aparecer alguma indústria, uma sorveteria</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Desunião do pessoal</li> <li>— Depende dos de fora, de alguém com capacidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Se todos votassem só para um lado</li> </ul>

1.6 ASSUNTO: ADMINISTRAÇÃO

Explicações	Causas	Soluções
<p>— São dois prefeitos</p> <p>— Um faz e o outro desfaz</p> <p>— Com dois prefeitos não melhora nada</p> <p>— É péssima a fronteira entre Canindé e Caridade ser em Ipuieras dos Gomes</p> <p>— Falta energia</p> <p>— Um prefeito ia resolver melhor</p> <p>— Aqui tem sido assim, só de atraso, só de promessa</p> <p>— Tudo o que queremos, temos que ir pra Canindé</p> <p>— Muita gente não procura transferir o título porque tem medo de ficar sem ele</p> <p>— As pessoas do lugar não têm condições</p> <p>— Os políticos prometem e não trazem energia</p>	<p>— Por desunião do pessoal que não se reúne para ser só de um partido</p> <p>— Falta um dirigente</p>	<p>— União do pessoal</p> <p>— Precisa ter um dirigente</p> <p>— Se todos votassem só para um lado</p> <p>— Interesse do prefeito</p> <p>— Se se reunisse e conversasse com o prefeito</p> <p>— O problema de voto e título só pode ser resolvido com juiz</p>

## 1.7 ASSUNTO: EDUCAÇÃO/ESCOLA (I)

Explicações	Causas	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— A escola serve pra quem for analfabeto</li> <li>— Aqui tem gente que tem estudo e não tem emprego — é um agricultor</li> <li>— Talvez seja melhor a vida de um que não sabe nada</li> <li>— O estudo serve muito</li> <li>— Melhoram mais os que saem</li> <li>— Vale a pena estudar para aprender</li> <li>— O estudo não está servindo é pra nada</li> <li>— Pra trabalhar na agricultura quase não adianta saber ler</li> <li>— Quem termina o 4.º ano, ou vai se empregar na cozinha, ou vai pro cabo da enxada, ou vai fazer surrão</li> <li>— O estudo tem mais valor do que o trabalho</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Não tem emprego</li> <li>— A escola não ajuda o agricultor</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Aprender e servir pra ser um cidadão (participar).</li> <li>— Ter emprego</li> <li>— Estudar e ficar praticando sobre o estudo</li> <li>— Uma escola que possa melhorar a situação do povo</li> </ul>

1.8 ASSUNTO: EDUCAÇÃO/ESCOLA (II)

Explicações	Causas	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— A escola é que dá educação</li> <li>— A escola serve para melhorar a situação do povo</li> <li>— A educação começa com os pais e passa pra escola</li> <li>— Educação é ter o saber</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Os pais começam a educação dos filhos depois entregam à escola</li> <li>— Falta professor que saiba mais</li> <li>— As condições do professor são poucas</li> <li>— Um professor com 60 alunos</li> <li>— Falta escola</li> <li>— Classes misturadas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Interesse dos pais e dos alunos</li> <li>— Ter um professor que soubesse mais</li> <li>— Dar mais condições às professoras</li> <li>— Mais escola</li> <li>— Dividir as classes com muitos alunos</li> </ul>

## 2. PLANO COMUNITÁRIO GERAL

Problemas	Causas	Soluções
1. Relação injusta entre patrão e empregado	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Não ter ajuda de maneira nenhuma</li> <li>— O Sindicato não ajuda</li> <li>— Poucos cumprem a lei da terra</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Cumprir a lei da terra</li> <li>— Desapropriação das terras sem produção</li> <li>— O Sindicato falar pelo agricultor</li> </ul>
2. O agricultor não tem terra e se tem um pedacinho não tem ajuda de maneira nenhuma	<ul style="list-style-type: none"> <li>— O ganho do GESCAP é pouco</li> <li>— O Banco não facilita nada para o pequeno e médio agricultor</li> <li>— Não tem ajuda de maneira nenhuma.</li> <li>— O INCRA é um negócio de pequena escala</li> <li>— Não ter terra para trabalhar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Ter terra</li> <li>— Atuação do INCRA em grande escala</li> <li>— Construção de açudes</li> <li>— Desapropriação das terras sem produção</li> </ul>
3. O Sindicato não fala pelo agricultor	<ul style="list-style-type: none"> <li>— O Sindicato só atende em questão de doença</li> <li>— Muitos não conhecem qual é o papel do Sindicato</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Conhecer o papel do Sindicato</li> <li>— O Sindicato falar pelo agricultor</li> </ul>
4. Falta trabalho para as mulheres principalmente para as moças	<ul style="list-style-type: none"> <li>— As posses não dão para comprar máquina e palha</li> <li>— Não ter quem compre o trabalho</li> <li>— Não costurar bem porque não tem curso</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Comprar máquina</li> <li>— Ter uma pessoa que ensina-se a aula de corte</li> <li>— Costurar e vender fora</li> </ul>

## 2. PLANO COMUNITÁRIO GERAL (cont.)

Problemas	Causas	Soluções
<p>5. Com dois Prefeitos não melhora nada</p>	<p>— Por desunião do pessoal que não se reúne para ser só de um lado</p> <p>— Falta um dirigente</p>	<p>— União do pessoal</p> <p>— Precisa ter um dirigente</p> <p>— Se todos votassem só para um lado</p> <p>— Interesse do prefeito</p> <p>— Se se reunissem e conversassem com o prefeito</p> <p>— O problema de voto e título só pode ser resolvido com o juiz.</p>
<p>6. A falta de energia elétrica prejudica a comunidade</p> <p>7. A Escola só favorece mais os que saem de Ipueira dos Gomes</p>	<p>— Desunião do pessoal</p> <p>— Depende dos de fora, de alguém com capacidade</p> <p>— Não tem emprego</p> <p>— A escola não ajuda o agricultor</p> <p>— Falta comunicação da escola com a comunidade.</p> <p>— Falta de organização na parte da educação</p>	<p>— Se todos votassem só para um lado</p> <p>— Aprender e servir para ser um cidadão (participar)</p> <p>— Ter emprego.</p> <p>— Estudar e ficar praticando sobre o estudo</p> <p>— Uma escola que possa melhorar a situação do povo</p> <p>— Comunidade se interessar mais pela escola.</p> <p>— Dar mais condições à escola e ao professor</p>

### 3. PLANO EDUCATIVO COMUNITARIO

Necessidades da comunidade	Ações educativas pela comunidade	Com apoio da entidade	O que se espera alcançar
<p>1. As mulheres aprenderam a costurar e a bordar</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Reunir as mulheres que já trabalham para ver a possibilidade de dar treinamento.</li> <li>— Reunir as mulheres que gostariam de trabalhar para saber se podem fazer treinamento</li> <li>— Saber se há alguma Entidade que possa financiar máquinas.</li> <li>— Solicitar à Comissão Municipal do MOBRAL, cursos de Corte e Costura e Bordado</li> <li>— Procurar a LBA e ver a possibilidade de cursos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— MOBRAL</li> <li>— LBA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Melhorar a renda familiar</li> <li>— Ocupação para as moças</li> </ul>
<p>2. Assistência às crianças menores</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Conversar com os pais</li> <li>— Procurar a LBA para ver quando poderá fazer uma turma do PROJETO CASULO em Ipuera dos Gomes</li> <li>— Escolher a pessoa que ficará responsável pela turma (a Comunidade deverá escolher)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— LBA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Melhorar o desenvolvimento das crianças</li> </ul>

Necessidades da comunidade	Ações educativas pela comunidade	Com apoio da entidade	O que se espera alcançar
3. Assistência aos adultos que não sabem ler	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Fazer um levantamento das pessoas que não sabem ler</li> <li>— Reunir essas pessoas e conversar sobre o que elas acham, se gostariam de estudar, quais as vantagens</li> <li>— Pedir a elas que escolham um professor</li> <li>— Organizar as classes e encaminhar o pedido à Comissão Municipal do MOBREAL</li> </ul>	— MOBREAL	— Melhor participação das pessoas na comunidade
4. Dar mais condições ao professor para ensinar	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Informar aos professores e outras pessoas sobre o curso de autodidatismo do MOBREAL</li> <li>— Encaminhar as pessoas interessadas à Comissão Municipal do MOBREAL</li> </ul>	— MOBREAL	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Melhorar o conhecimento das pessoas</li> <li>— O professor poder ensinar melhor</li> </ul>
5. Conhecer melhor as leis do Sindicato	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Organizar grupos de estudo para discutir o papel do Sindicato</li> <li>— Pedir a participação de uma pessoa com mais conhecimento para falar do Sindicato</li> <li>— Encaminhar ao MEB uma carta solicitando apoiar a Comunidade com o programa sobre sindicalismo</li> </ul>	— MEB	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Melhorar o conhecimento dos sindicalizados</li> <li>— Escolher o presidente que melhor fale por eles</li> <li>— Não procurar o Sindicato só porque atende em questão de doença</li> <li>— Saber, como re- correr seus direitos</li> </ul>



**COMUNIDADE DE MONTE ALEGRE  
CANINDÉ**



**1.1 FALTA SANEAMENTO POR FALTA DE INTERESSE DAS ENTIDADES**

Características	Causa	Solução
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Falta de higiene</li> <li>— Doenças mais comuns</li> <li>— Febre</li> <li>— Verminose</li> <li>— Gripe</li> <li>— Dor de barriga</li> <li>— Sarampo</li> <li>— Catapora</li> <li>— Pequenos acidentes</li> </ul>	<p style="text-align: center;">Doenças contagiosas</p>	<p>Procurar: <b>MOBRAL</b> <b>F. SESP</b> <b>PREFEITURA</b></p>

**1.2 FALTA DE ASSISTÊNCIA A SAÚDE**

Características	Causas	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Falta de remédio</li> <li>— Doenças contagiosas</li> <li>— Saúde fraca por causa da fome</li> <li>— Os hospitais de Canindé não atendem aos pobres</li> <li>— Falta de assistência médica</li> <li>— Falta material para pequenas cirurgias</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Falta assistência</li> <li>— Os Institutos de Previdência não estão servindo para os pobres</li> <li>— O mini-posto está desativado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Pedir ajuda a F-SESP e CRUTAC</li> <li>— Usar comprimidos da Farmácia Comunitária</li> <li>— A comunidade deve se organizar e falar com as autoridades competentes</li> <li>— A comunidade junto ao vereador solicitar ao prefeito e ao Deputado da Região</li> </ul>

### 1.3 A IRREGULARIDADE NA POSSE DE DOCUMENTOS DA TERRA, ESTÁ IMPEDINDO QUE OS AGRICULTORES SEJAM BENEFICIADOS PELO GESCAP

Características	Causa	Solução
— Os agricultores não recebem ajuda por- que não possuem documentos de posse da terra uns porque têm pouca terra, outros, porque não possuem nenhuma terra	— Agricultores não pos- suem documentos da terra porque não pos- suem dinheiro para pa- gar as despesas — O vai e vem para o sul prejudica o agricultor	— A Emergência atender a todos

### 1.4 OS HOMENS SE DESLOCAM PARA O SUL, POIS LÁ EXISTE FACILIDADE DE EMPREGO

Características	Causa	Soluções
— Os que saem estão satisfeitos — Quando voltam continuam pobres	— O ganho, no sul, com- pensa — A educação que se re- cebe na comunidade não é boa por falta de condições da família — O vai-e-vem prejudica o agricultor	— O Governo deve com- prar a safra dos agricul- tores — Precisamos de açude, de assistência para combater as pragas — Vencem fora os que têm alguma arte — O Governo deve botar serviço para o agricul- tor — O Governo deve melho- rar a situação do pobre

### 1.5 FALTAM PROFESSORES PARA AS SÉRIES TERMINAIS

Características	Causa	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Falta de condições dos habitantes mandarem seus filhos estudar fora</li> <li>— Falta professores qualificados</li> <li>— Falta ajuda das autoridades para conseguir professores</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— O salário dos professores é muito pequeno</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— A comunidade deve solicitar ao prefeito aumento do salário dos professores</li> <li>— A comunidade unida ao vereador, para juntos conseguir professores</li> <li>— A comunidade deve pressionar o prefeito, para conseguir professores</li> </ul>

### 1.6 FALTAM PROFESSORES DE ALFABETIZAÇÃO POR FALTA DE COOPERAÇÃO DO OME (Órgão Municipal de Educação)

Características	Causas	Solução
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Crianças sem Escola</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Faltam professores</li> <li>— Faltam salas de aula</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Procurar o Pré-Escolar do MOBRRAL</li> <li>— Pedir ao Prefeito urgência na construção do prédio escolar</li> </ul>

### 1.7 A SITUAÇÃO FINANCEIRA ESTÁ ATINGINDO TODOS OS SETORES, PRINCIPALMENTE A EDUCAÇÃO

Características	Causa	Solução
— Falta de condições dos pais mandarem seus filhos estudar em Canindé ou outro lugar	— Os pais não podem comprar material escolar	— "Nós que fazemos parte da comunidade, somos responsáveis para que estes problemas sejam resolvidos"
— A educação não é boa por falta de condições da família (salário baixo, fome, falta de roupa, falta de emprego)	— Falta na escola participação dos pais e frequência dos alunos	

### 1.8 FALTAM PRÉDIOS ESCOLARES POR FALTA DE COOPERAÇÃO DO OME (Órgão Municipal de Educação)

Características	Causa	Solução
— Crianças quando terminar o 2.º ano ficam paradas por falta de prédio escolar	— Falta ajuda das autoridades	— Discutir o problema e pedir sempre colaboração
— Falta prédio escolar por falta de organização da comunidade	— Falta condições da comunidade	
— Os prédios escolares existentes são deficientes	— Falta interesse da comunidade	
	— Falta interesse dos órgãos competentes	

## 2. PLANO COMUNITARIO GERAL

Características	Causas	Soluções
1. Faltam prédios escolares, fazendo com que as crianças fiquem paradas após o 2.º ano	— Falta ajuda e interesse dos órgãos competentes — Falta interesse e condições da comunidade	— Discutir o problema na comunidade — Procurar: MOBRRAL, F. SESP, Prefeitura
2. Falta higiene — doenças mais comuns: febre, sarampo, verminose, gripe, dor de barriga, catapora, e acidentes	— Falta de combate às doenças contagiosas	— Pedir ajuda às Entidades — Melhorar a farmacinha comunitária — A comunidade se organiza e solicita providências à Secretaria de Saúde
3. Falta de assistência à saúde que é fraca por causa da fome — faltam remédios e assistência médica	— O mini-posto está desativado. — Os Institutos de Previdência não estão servindo para os pobres	— Pedir ajuda às Entidades — Melhorar a farmacinha comunitária — A comunidade se organiza e solicita providências à Secretaria de Saúde
4. Os agricultores não recebem ajuda porque não possuem documentos de posse da terra, outros porque não possuem nenhuma terra	— Faltam condições financeiras para tirar documentos	— A Emergência atender a todos — Menos complicação para o agricultor ser assistido

## 2. PLANO COMUNITÁRIO GERAL (cont.)

Características	Causas	Soluções
5. Os homens se deslocam para o Sul pois lá existe facilidade de emprego	<ul style="list-style-type: none"> <li>— A educação que se recebe na comunidade não é boa por falta de condições das famílias</li> <li>— Falta assistência para o agricultor</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— O governo deve comprar a safra dos agricultores</li> <li>— Precisamos de ajuda e assistência técnica para combater as pragas</li> <li>— O governo deve melhorar a situação do pobre</li> </ul>
6. Faltam professores para as séries terminais e os pais não podem mandar seus filhos terminar os estudos fora	<ul style="list-style-type: none"> <li>— O salário dos professores é muito pouco</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— A comunidade deve solicitar ao Prefeito aumento de salário para os professores</li> </ul>
7. Crianças sem escola	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Faltam professores e salas de aula</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Procurar o Pré-Escolar do MOBRAL</li> </ul>
8. A situação financeira má, está atingindo todos os setores, principalmente a educação	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Os pais não podem comprar material escolar e as crianças vão com fome para a escola</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Nós que fazemos parte da comunidade, somos responsáveis para que estes problemas sejam resolvidos.</li> </ul>

## 3. PLANO EDUCATIVO COMUNITÁRIO

1. Problema - Saúde	Ações educativas	Ações educativas	A longo prazo
Falta de assistência à comunidade	<p><b>Na escola:</b></p> <p>Reunião com os pais e professores, junto ao OME para conscientizá-los quanto a:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Plantação de ervas medicinais;</li> <li>— Coleta de cascas e raiz medicinais;</li> <li>— Pesquisa, na escola, sobre o uso de ervas e raízes;</li> <li>— Integrar essas atividades com a farmacinha comunitária.</li> </ul>	<p><b>Fora da escola:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Reuniões com a comunidade utilizando aprendizagem e material do PES (MOBRAL)</li> <li>— Organização de comunidade.</li> <li>— Criação de grupos de estudos para analisar os problemas de saúde, higiene, ou outro qualquer</li> </ul>	<p><b>Fora da escola:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Dar conhecimento do PEC ao CRUTAC, LBA, e Sec. de Saúde</li> </ul>

2. Problema - Saneamento	Na escola:	Fora da escola	A longo prazo
Falta higiene	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Aulas de higiene sobre a situação da comunidade em todas as escolas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Procurar o MOBREAL e a Prefeitura</li> <li>— A Prefeitura para a construção de fossas</li> <li>— O MOBREAL para a construção de fossas e treinamento de pessoas da comunidade</li> <li>— Cuidar melhor da água consumida pela comunidade com auxílio da Prefeitura</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Procurar a Secretaria de Saúde</li> </ul>
3. Problema - Falta prédio escolar	Falta prédio escolar e o que existe não é suficiente	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Conscientização da comunidade e ajuda de autoridades</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Procurar ajuda do Prefeito, PRORURAL e EMATERCE</li> </ul>

**COMUNIDADE DE SÃO DOMINGOS  
CARIDADE**



## 1.1 EDUCAÇÃO

Características	Causas	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— O plano da educação é fraco</li> <li>— As escolas são poucas e atrasadas</li> <li>— Tem pessoas que sabem mas não querem ensinar</li> <li>— Uma mãe que sabe não deixa seus filhos para ensinar</li> <li>— Existem alunos para 4.ª série e não tem professora</li> <li>— Há alunos repetindo 4 vezes o mesmo ano e ainda não sabem assinar o nome</li> <li>— Falta escola para o jardim</li> <li>— Tem muita gente no grau de aprender melhor</li> <li>— Os que saem para estudar fora não voltam</li> <li>— Só temos alunos na 1.ª e 2.ª série</li> <li>— A organização por série não existe, porque os pais escolhem professor e horário</li> <li>— O aluno deixa de estudar para trabalhar</li> <li>— Não há escolas para jardim de infância</li> <li>— Escolas há poucas e atrasadas os alunos repetindo 4 anos e não sabem nada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Salário baixo</li> <li>— Falta professor qualificado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Preparar pessoas da comunidade porque as de fora não querem vir para o nosso lugar</li> <li>— Seria melhor que tivesse escolas com a 4.ª série</li> <li>— As professoras novatas deveriam fazer um treinamento</li> <li>— Há uma professora que poderia se preparar mais para ensinar a 4.ª série</li> <li>— Os que sabem deveriam ensinar aos que não sabem — só por amor</li> <li>— As escolas precisam de material escolar, merenda, assistência e a professora</li> <li>— A organização de pais e professores melhorariam as escolas</li> </ul>

## 1.1 EDUCAÇÃO (cont.)

Características	Causas	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Tem muita gente precisando aprender mais</li> <li>— A educação é importante para todos</li> <li>— O saber encaminha a um trabalho melhor</li> <li>— Não se pode viver sem saber nada</li> <li>— A Escola é importante para educação de todos</li> <li>— Os pais também são responsáveis pela escola</li> <li>— A professora deve ser dedicada, mas deve exigir do aluno</li> <li>— Há opinião de que o aluno problema deve ser jogado fora da escola</li> <li>— Uns alunos têm boa vontade para estudar, outros não, é preciso a mãe obrigar</li> <li>— Há dificuldade de colocar o filho na Escola, por não poder comprar o material</li> <li>— Há alunos que deixam de estudar para trabalhar</li> <li>— As escolas não são organizadas por sério, porque há pais que escolhem o professor e o horário</li> <li>— Os pais também são responsáveis pela escola</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— A necessidade de trabalhar impede o aluno de estudar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— O problema da educação deve ser levado às autoridades, embora a solução não seja imediata</li> <li>— Organizar mais as escolas para melhor atender os alunos</li> <li>— Os professores novatos precisam ser treinados</li> <li>— A professora deve ter autoridade na escola porque o pai está ausente</li> <li>— Uma boa conversa pode conquistar o aluno problema</li> <li>— A organização de pais e professores poderia melhorar as escolas</li> </ul>

## 1.2 ORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE

Características	Causas	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— As pessoas poderiam ter mais gosto para melhorar o lugar</li> <li>— O sindicato é muito importante, porém a comunidade desconhece</li> <li>— Ainda não foi feita solicitação às autoridades</li> <li>— A comunidade pode ajudar na construção do Posto de Saúde</li> <li>— A comunidade sugere que seja feita uma reunião com o prefeito</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— A comunidade ainda não se reuniu para pedir ajuda às autoridades</li> <li>— O sindicato serve apenas para dar assistência médica e uma pequena quantidade de alimento do INAN</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Com o esforço da comunidade e a ajuda das autoridades poderemos melhorar o lugar</li> <li>— A união e a concórdia</li> </ul>

### 1.3 SITUAÇÃO FINANCEIRA

Características	Causas	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— O serviço do governo não resolve o problema</li> <li>— O serviço do GESCAP só beneficia o proprietário</li> <li>— Deus deu liberdade para escolhermos o nosso destino</li> <li>— O que é feito num ano se acaba no outro</li> <li>— Nos esforçamos tanto e vivemos apertados</li> <li>— Há diferença de preço de patrão para patrão</li> <li>— A nossa terra é boa e produtiva, só falta água</li> <li>— O governo é responsável pela nossa pobreza</li> <li>— A falta de alimento prejudica o desenvolvimento da criança</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Os ricos são mais beneficiados que a classe pobre</li> <li>— Com dois anos de seca a situação do pobre ficou pior</li> <li>— A situação financeira agrava a saúde</li> <li>— Falta de esforço de todos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— A ajuda das autoridades</li> <li>— Precisamos de melhor salário</li> <li>— Um serviço que substitua o GESCAP</li> <li>— Com o esforço de todos a nossa terra progredirá</li> <li>— A perenização dos rios</li> <li>— Irrigação e construção de açudes e estradas</li> <li>— Os preços dos produtos podem ser tabelados</li> <li>— Os menores precisam trabalhar também</li> <li>— A ajuda do governo é pouca para o nordeste</li> <li>— Financiamento para a agricultura</li> <li>— Os bordados salvam a situação de muita gente</li> </ul>

#### 1.4 SAÚDE

Características	Causas	Soluções
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Um posto de saúde beneficia a todos</li> <li>— A situação financeira agrava a saúde</li> <li>— Precisamos de médico e dentista diariamente, ao menos um expediente</li> <li>— O médico de 15 em 15 dias satisfaz alguns casos</li> <li>— No inverno temos dificuldade de deslocar os doentes porque não tem estradas</li> <li>— Existe dificuldade do doente ser atendido noutra cidade.</li> <li>— Os remédios são caros e ninguém pode comprar</li> <li>— Só levamos o doente ao médico quando os remédios caseiros não servem</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Não temos um posto de saúde por falta de interesse das autoridades</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Com um posto de saúde conseguiremos remédios</li> <li>— Com o esforço da comunidade e a ajuda das autoridades poderemos melhorar</li> <li>— Precisamos de um posto equipado</li> <li>— Devemos preparar pessoas da comunidade para trabalhar no posto de saúde</li> </ul>

## 2. PLANO COMUNITARIO GERAL SAÚDE

<b>Problema</b>	<b>Causas</b>	<b>Possíveis soluções</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>— A assistência que temos na saúde não satisfaz a comunidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Não temos um posto de saúde por falta de interesse das autoridades</li> <li>— Falta remédio, enfermeira, parteira, dentista, etc.</li> <li>— Falta de cuidados com a higiene local</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— O Posto de Saúde com todos os atendimentos beneficiaria a comunidade</li> <li>— Devemos preparar pessoas da comunidade para trabalhar no Posto de Saúde</li> <li>— nos serviços de parto e enfermagem</li> <li>— Com o esforço da comunidade e ajuda das autoridades poderemos melhorar o problema de saúde</li> <li>— Uso do filtro, construção de fossas, palestras sobre saúde e higiene</li> </ul>

### ORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE

<b>Problema</b>	<b>Causas</b>	<b>Possíveis soluções</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>— A falta de organização da comunidade dificulta a solução dos problemas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— A comunidade ainda não se reuniu para discutir seus problemas e pedir ajuda às autoridades</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Com o esforço da comunidade e a ajuda das autoridades poderemos melhorar o lugar</li> <li>— A comunidade precisa se reunir, discutir seus problemas e solicitar ajuda das autoridades</li> <li>— Precisamos lutar com união e concórdia</li> </ul>

2. PLANO COMUNITÁRIO GERAL (cont.)  
**PROBLEMA FINANCEIRO**

Problema	Causas	Possíveis soluções
<p>— A assistência do governo não satisfaz as necessidades da comunidade de principalmente no período da seca</p>	<p>— Os ricos são mais beneficiados que a classe pobre</p> <p>— Com três anos de seca a situação financeira dificulta a solução dos problemas de saúde</p> <p>— Falta de esforço das autoridades locais — CE</p> <p>— Os gêneros alimentícios são muito caros e o salário do pobre muito baixo</p> <p>— A ajuda do Governo Federal é pouca para o Nordeste</p>	<p>— Construção de açudes, irrigação, perenização dos rios e estradas</p> <p>— As autoridades poderiam se esforçar mais para ajudar a pobreza</p> <p>— Os preços dos produtos poderiam ser tabelados</p> <p>— Com o esforço de todos a nossa terra progredirá</p> <p>— Melhor salário para o trabalhador</p> <p>— Financiamento para o pequeno agricultor</p>

## 3. PLANO EDUCATIVO COMUNITÁRIO

Necessidades	Ações educativas Comunidade	Entidade	Responsável	Mudanças que se esperam
— Organização de pais e professores	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Falar com os alunos a importância da escola</li> <li>— Convidar os pais para uma reunião</li> <li>— Escolher um tema educativo e refletir</li> <li>— Discutir com os pais, atividades para realizar junto à escola</li> <li>— Organizar festas, campeonato de futebol, conservação do prédio escolar</li> <li>— fazer uma horta escolar, plantar mamoeiros etc.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— OME — participação nas reuniões</li> <li>— Falar da importância da organização de pais, para escola</li> <li>— Colaborar com material: bolas, sementes, material para limpeza</li> </ul>	Professoras G.D. (Cenira M. Lopes)	Escolas melhores e mais organizadas
— Treinamento para professores	— Participação no treinamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>— OME — solicitar ao prefeito um curso de aperfeiçoamento</li> <li>— MOBRAF — Curso de autodidatismo.</li> <li>— PDRI — Treina-</li> </ul>	G.D. Nelyane Vilani, Verônica Cenira e D. Maria.	Melhor qualificação para a professora.

2. PLANO COMUNITÁRIO GERAL (cont.)  
**EDUCAÇÃO**

<b>Problema</b>	<b>Causas</b>	<b>Possíveis soluções</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>— As escolas não atendem necessidades da comunidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— Salário baixo</li> <li>— Falta professor qualificado</li> <li>— A necessidade de trabalhar impede o aluno de estudar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>— A organização de pais e professores poderia melhorar as escolas.</li> <li>— A professora deve ter autoridade na escola porque o pai está ausente</li> <li>— Uma boa conversa poderia conquistar o aluno problema.</li> <li>— As escolas precisam de material escolar, merenda e assistência ao professor.</li> <li>— O problema da educação deve ser levado às autoridades, embora a solução não seja imediata</li> <li>— Organizar mais escolas para melhor atender às necessidades</li> <li>— Os professores precisam de treinamento</li> <li>— Precisamos de escolas com a 4.ª série</li> </ul>

### 3. PLANO EDUCATIVO COMUNITÁRIO (cont.)

Necessidades	Ações educativas Comunidade	Entidades	Responsável	Mudanças que se esperam
<p>— Necessidade de reunir professores para planejar e resolver os problemas dos alunos</p>	<p>Reunião de professores, uma vez por mês</p> <p>— trocar experiências</p> <p>— falar dos alunos-problemas</p> <p>— ler e refletir um texto e tirar conclusões</p> <p>— planejar as aulas</p> <p>— participação das catequistas no trabalho de conscientização</p>	<p>OME — participar das reuniões mensais do planejamento e levar material para estudo</p> <p>IGREJA — participação das reuniões mensais de planejamento com material para reflexão</p>	<p>Toda equipe</p>	<p>Melhor funcionamento das escolas</p>
<p>— Escolas com a 4.ª série</p>	<p>— Indicar a professora.</p> <p>— Conseguir junto à prefeitura melhor salário</p> <p>— Solicitar material didático</p> <p>— O aluno liberado mais cedo do trabalho para estudar</p> <p>— Horário conveniente para a aula</p>	<p>OME e Prefeitura</p>	<p>Toda equipe</p>	<p>Melhores escolas</p>

## **ANEXO IV**

*Documento elaborado pela equipe técnica para reflexão  
com os grupos-diagnóstico*



### *O Plano Educativo Comunitário*

A Comunidade está quase acabando de realizar uma pesquisa participativa.

Participativa por quê?

Porque ela se reuniu, falou de seus problemas, escolheu um grupo para representá-la na organização da pesquisa.

Participou de entrevistas familiares, entrevistas grupais e reuniões.

Analizou seus problemas, apontou causas e apresentou sugestões para resolvê-los.

Definiu ainda quais as metas prioritárias, ou seja, aquelas mais importantes e que necessitam de solução mais rápida.

Resta-nos agora, descobrir se há algumas atividades educativas que possam ajudar para alcançar estas metas prioritárias.

Feito isto estaremos com todos os dados esperando por uma organização final.

— A organização de *todas as metas* da comunidade, com suas causas e possíveis soluções chamaremos "*Plano Comunitário*".

— A organização das *Metas Prioritárias* da comunidade, especificando as *Ações Educativas* que podem auxiliar na sua resolução, chamaremos "*Plano Educativo Comunitário*" — PEC.

O Plano Educativo Comunitário deverá ser muito simples, é apenas para ajudar a Comunidade, pois se o plano ficar só na cabeça alguém poderá esquecer alguma coisa importante.

A Comunidade termina assim a pesquisa participativa e começa a realizar ações educativas para solucionar alguns de seus problemas.

Esse compromisso ela assumirá na reunião de aprovação do PEC, momento em que deverá confirmar se deseja que o G.D. continue a representá-la, agora coordenando a execução do PEC.

Quem poderá ajudar a comunidade na execução do PEC? Como?



## ANEXO V

*Relato da execução de uma das atividades previstas no plano educativo por um membro da comunidade de Bonito, Canindé*



“Primeiro trabalho que o grupo de *Ação Comunitária* do Distrito de Bonito realizou antes que fosse feito o plano de trabalho pois o maior problema que estava acontecendo no distrito era com água de beber pois ninguém tinha solução para obter um resultado; então o grupo de *Ação Comunitária* reuniu-se para tomar as medidas de como melhorar a situação que era das piores e juntos combinaram de reunir toda comunidade para cercar o açude. Então fizeram vários cartazes que diziam o seguinte: “Atenção Comunidade de Bonito, temos a honra e o prazer de convidar todos para uma reunião na Igreja local na próxima quarta-feira dia 28-11-81, antecipadamente agradecemos a participação de todos, desde já agradece o grupo de ação comunitária: Francisco, José, Liduina, Fátima, Alcídia, Erondina, Terezinha e Verônica. E assim fizeram vários cartazes com frases diferentes. E continuando o nosso trabalho como nós não tínhamos o principal que era o arame para cercar o açude tivemos que pedir ajuda ao prefeito do município, Antonio Glauber Gonçalves Monteiro; pois o mesmo já havia prometido a um membro do Grupo de *Ação Comunitária* que quando fossem cercarem o açude ele daria o arame; já que tínhamos esta proposta em punho combinamos para ir buscar. Foi também combinado com alguém do grupo quem do grupo iria apanhar, mas acontece que os homens que são membros do grupo de ação comunitária estavam trabalhando no plano de emergência e não teriam condições para ir buscar o arame. Então as mulheres se prontificaram para ir buscar, e foram as seguintes: Fátima, Alcídia, Liduina e Erondina. Como não havia na Prefeitura o expediente cotidiano tiveram as mesmas que buscarem uma solução para o problema de deslocarem-se até a casa do Prefeito; chegaram lá por volta das 7:00 horas da manhã

e permaneceram até às 9:30 horas pois o mesmo estava curtindo um sono. Então conseguiram falar com ele: a princípio apareceu obstáculo maior como ele já tinha feito a sua promessa tem que cumprir então mesmo neste dia vinha aqui para o Bonito ele mesmo traria o arame; mas nós do grupo tivemos oportunidade de falar com ele outra vez então ele não fez questão de mandar logo o arame por nós. Então a reunião que nós havíamos marcado já era para ser realizada à noite então nós já queríamos ter o arame em mãos para na hora da reunião apresentar para comunidade. Então às 19:00 horas o grande grupo de ação comunitária já estava à espera de toda comunidade para fazer a reunião. Então a comunidade começaram a se reunir para participarem da reunião e para saber a finalidade principal. Então para começar a reunião quem primeiro se apresentou foi a Fátima sendo ela que trabalha no cartório de registro civil do distrito; o principal assunto foi falar qual era a principal finalidade daquela reunião seria a respeito da cerca do açude, e em seguida passou a palavra para o senhor Francisco Silva sendo o representante dos trabalhadores rurais do distrito de Bonito. E continuando ao uso da palavra foi a professora Alcídia do Nascimento, e Terezinha então combinamos com a comunidade para fazer o trabalho, desde já os donos de terras tomaram as possíveis medidas, também havia muitas pessoas que não eram inscritas no GESCAP aí se prontificaram de ajudar.

Ficou tudo combinado para começar o trabalho na próxima quarta-feira. Também foi combinado que se a comunidade quisesse as mulheres do grupo foram o almoço para os trabalhadores e toda comunidade aceitou. Pedimos uma ajuda as pessoas que tinha mais condições como sejam os comerciantes e os proprietários e todos colaboraram com feijão, arroz, farinha, rapadura, toucinho, carne, e sal, bolacha, pão, café, açúcar.

Quando foi na quarta-feira pela manhã chegaram as turmas na casa grande de propriedade do senhor Artur Pedro que fica no Sangradouro do açude, chegaram também as mulheres Fátima, Alcídia e Liduina para fazerem o café da manhã e o almoço, se reuniram no primeiro dia um total de 60 homens, no dia seguinte combinamos para fazer o término do resto do serviço, as mulheres continuaram até terminar a cerca do açude.”



Este livro foi impresso pela:

**GEP** gráfica editora penteado ltda

Rua Climaco Barbosa, nº 128/132

Telefones: 270-0203 e 278-6994

01523 — Cambuci — São Paulo — S P.

nível de formação; à pouca diversificação e a atomização dos programas de educação não formal.

O objetivo do Convênio foi o de elaborar diagnósticos participativos para determinar as necessidades educacionais e produtivas das zonas rurais; formular diretrizes metodológicas para operacionalizar o sistema formal e não-formal de educação rural; elaborar diretrizes para o treinamento de professores do mencionado sistema formal e não formal; elaborar diretrizes curriculares para o referido sistema formal e não formal; organizar um sistema de avaliação das atividades dos Programas de Educação no Estado do Ceará.

O presente trabalho apresenta todos os relatórios elaborados pela equipe técnica durante o desenvolvimento da experiência — novembro de 1980 a novembro de 1981. Objetiva apoiar a ação daqueles que pretendem utilizar a metodologia do Planejamento Participativo.

# EDUCAÇÃO RURAL INTEGRADA

*Secretaria de Educação do Estado do Ceará*  
*Instituto Interamericano de Cooperação*  
*para a Agricultura — IICA*

Graves problemas de ordem social, econômica, política e cultural acompanham e condicionam a vida do homem do campo. O diagnóstico de educação nas zonas rurais do Ceará acusa entre outros, um grande déficit de acesso à educação, assim como a carência de estabelecimentos educativos adequados e em quantidade suficiente para atender a população que aspira ser educada. O objetivo do convênio entre o IICA e a Secretaria de Educação do Estado do Ceará foi o de elaborar diagnósticos participativos para determinar as necessidades educacionais e produtivas das zonas rurais, formular métodos, treinar professores, elaborar currículos e sistemas de avaliação.

A presente obra é o resultado do esforço no sentido de encontrar uma alternativa metodológica que viabilize a participação efetiva das comunidades no processo de tomada de decisões. Aqui são apresentados todos os relatórios elaborados pela equipe técnica durante o desenvolvimento da experiência — novembro de 1980 a novembro de 1981, objetivando apoiar a ação daqueles que pretendem utilizar a metodologia do Planejamento Participativo.



Paz e Terra

MAIS UM LANÇAMENTO PAZ E TERRA  
UMA EDITORA A SERVIÇO DA CULTURA